



AGATHA
CHRISTIE

**Assassinato no
Expresso do Oriente**



AGATHA CHRISTIE

*Assassinato
no Expresso do Oriente*

Murder in the
Orient Express
1934

Sobre a autora

AGATHA CHRISTIE, pseudônimo de Anna Mary Clarissa Miller (Christie é o sobrenome de seu primeiro marido e Agatha, nome de sua escolha), nasceu em Torquay, Condado de Devon, na Inglaterra, em 1891, e morreu em 1976.

Agatha, uma senhora quieta, afável, de olhos irônicos, confessava, paradoxalmente, detestar a violência. Apesar disso, assassinou mais de trezentas pessoas em seus romances policiais, que primam pela construção perfeita da trama e colocam a inteligência acima da ação. Estreou na vida literária em 1920 com o livro O Misterioso Caso de Styles, celebrizando-se com a criação do personagem Hercule Poirot. Escrevera-o com o intuito de refutar a opinião de sua irmã, que afirmava ser praticamente impossível arquitetar uma história policial em que o leitor não pudesse suspeitar do autor do crime. Em 1926 causou sensação com a obra The Murder of Roger Ackroyd, por fazer do narrador o autor do crime. Entre as muitas obras que escreveu destacam-se ainda: The Mystery of the Blue Train (1928). The Seven Dials Mystery (1929). Murder at the Vicarage (1930). Lord Edgware Dies (1933), The ABC Murders (1936), The Body in the Library (1942), A Murder is Announced (1950) e, é claro, O Caso dos Dez Negrinhos, de 1940, onde a autora conduz o leitor de suspense em suspense até a última página. Várias de suas obras foram levadas ao teatro e ao cinema. Em 1954, três peças suas de mistério tiveram representação simultânea nos teatros do West End (bairro de Londres). Sua peça The Mousetrap alcançou o recorde de apresentações (14 anos, em 1966). Hoje Agatha é conhecida no mundo inteiro como a "primeira dama da literatura policial".

Parte I

Os Fatos

CAPÍTULO I

Um passageiro importante do Taurus Express

Eram cinco horas de uma manhã de inverno na Síria. Ao longo da plataforma de Aleppo, estacionava o trem pomposamente anunciado nos guias turísticos como o Taurus Express: carro-restaurante, carro-dormitório, dois vagões com poltronas para passageiros.

À subida para o carro-dormitório, um jovem tenente francês, elegantemente fardado, conversava com um homenzinho, agasalhado até as orelhas, o que lhe deixava ver só o nariz vermelho e as pontas do bigode curvo, voltado para cima.

Fazia um frio glacial e a obrigação de conversar com um estrangeiro distinto não era de certo invejável. Contudo, o tenente Dubosc cumpria-a resolutamente, com frases amáveis, no mais puro francês. Não porque ele soubesse o que houvera. Corriam boatos, como sempre sucede em tais casos. O general – o seu general – dia a dia se tornara mais irritado. Aparecera então esse belga, vindo diretamente da Inglaterra, ao que parecia.

Decorra uma semana de estranha tensão. Depois, tinham sucedido coisas singulares.

Suicidara-se um distinto oficial, outro se demitira. Certas fisionomias ansiosas tinham serenado, certas precauções militares haviam sido abandonadas. E o general – general do tenente Dubosc – de repente pareceu ter rejuvenescido dez anos.

Dubosc recordou parte da conversa que ouvira entre o general e o estrangeiro: – Salvou-nos, mon cher – dissera o general comovido, com

o bigode branco tremendo. – Salvou a honra do exército francês e impediu que se derramasse muito sangue! Como posso demonstrar-lhe a minha gratidão por ter atendido ao meu chamado? Veio de tão longe...

O estrangeiro, o Monsieur Hercule Poirot, respondera amavelmente, dizendo, entre outras coisas, a frase seguinte: – Mas o senhor não se lembra de que uma vez já me salvou a vida? O general protestara cortesmente, negando ter qualquer mérito nesse serviço prestado outrora e mencionara de novo a França, a Bélgica, a glória, a honra e coisas semelhantes. Depois se abraçando cordialmente, os dois homens tinham-se separado.

Quanto ao que houvera, nada sabia o tenente Dubosc encarregado de acompanhar o senhor Poirot ao Taurus Express, tarefa que desempenhava com o zelo, próprio de um oficial jovem com uma auspiciosa carreira diante de si.

– Hoje é domingo – disse Dubosc. – Amanhã, à tarde, o senhor estará em Istambul.

Não era a primeira vez que fazia essa observação. As conversações numa plataforma, à espera da partida do trem, são em geral pouco variadas.

– Isso mesmo – concordou Monsieur Poirot.

– Pretende demorar-se ali alguns dias, não? – Mais oui... Nunca visitei Istambul... Seria absurdo passar por ali comme ça – replicou Poirot, estalando significativamente os dedos. – Não tenho pressa. Posso ficar alguns dias como turista.

– A igreja de Santa Sofia é maravilhosa – disse Dubosc, que nunca vira o famoso templo.

Um vento frio uivou na plataforma. Os dois homens tiritavam. O tenente Dubosc deitou um rápido olhar ao relógio. Faltavam cinco minutos para as cinco, mais cinco minutos ainda.

Receando que o seu companheiro lhe tivesse surpreendido o gesto, Dubosc apressou-se a continuar a conversação: – Pouca gente viaja nesta época – disse ele, examinando as janelas do carro-dormitório, pouco acima deles.

– Isso mesmo – concordou Poirot.

– Esperemos que não fique gelado no Taurus! – Costuma acontecer isso? – Sim. Porém, este ano, ainda não.

– Esperemos então que se realizem os seus votos – disse o belga. – O boletim meteorológico da Europa prevê mau tempo.

– De fato, muito mau. Nos Bálcãs, caiu neve em abundância.

– Na Alemanha também, pelo que ouvi dizer.

– Eh bien! – disse Dubosc precipitadamente, percebendo que outra pausa estava para acontecer. – Amanhã à tarde, às sete e quarenta, estará em Constantinopla.

– Sim – concordou Poirot, com desespero – A igreja, ouvi dizer, é muito bonita.

– Magnífica, segundo creio.

Acima deles correu-se a cortina de um dos compartimentos e uma moça olhou para fora.

Mary Debenham pouco dormira, desde que deixara Bagdá, na quinta-feira anterior. Não conseguira adormecer nem em viagem para Kirkuk, nem no hotel de Mosul e muito menos nessa noite que passara no trem. Cansada de estar acordada no calor da cabina, levantara-se e olhara para fora.

Devia ser Aleppo. Nada de interessante para ver. Unicamente a plataforma, comprida e mal iluminada, onde ressoavam as furiosas alterações dos árabes. Abaixo da janela, dois homens falavam francês. Um deles era um oficial; o outro um homenzinho de longo bigode crespo. A moça sorriu levemente. Nunca vira um homem tão encapotado. Evidentemente devia estar muito frio. Eis por que aqueciam o trem dessa maneira. Tentou baixar mais o vidro da janela, mas ela não desceu.

O chefe da estação chegou-se para os dois homens. O trem ia partir; era melhor que senhor entrasse no seu compartimento. O homem pequeno tirou o chapéu, pondo à mostra uma cabeça oval. Apesar das suas preocupações, Mary Debenham sorriu. Que homenzinho ridículo! Quem o levaria a sério? O tenente Dubosc despedia-se do belga. Preparara com antecedência as frases de despedida e guardara-as para o último instante. E o seu breve discurso foi de fato bem torneado e cortês.

O Monsieur Poirot respondeu-lhe, de acordo com a circunstância.

– Abordo, Monsieur! – disse o chefe da estação.

Poirot seguiu a recomendação com grande relutância. O revisor subiu atrás dele.

Poirot agitou a mão, o tenente Dubosc perfilou-se e o trem, com um horrível solavanco, moveu-se lentamente.

– Enfin! – murmurou Hercule Poirot.

– Brrrrr! – disse Dubosc, sentindo plenamente o frio que fazia.

– Voilà, Monsieur – disse o empregado, mostrando a Poirot, com gesto dramático, a beleza de sua cabina e o perfeito arranjo das bagagens. – Coloquei aqui a maleta de Vossa Excelência.

O gesto dessa mão estendida era eloquente. Poirot pousou-lhe na palma a gorjeta.

– Merci, Monsieur – disse o empregado, assumindo um ar mais alegre e obsequioso. – Tenho aqui sua passagem. Queira dar-me também o passaporte. Sua viagem termina e m Istambul, certo? Monsieur Poirot anuiu.

– Não há muitos passageiros, pois não? – perguntou ele.

– Não, Monsieur. Só mais dois viajantes, ambos ingleses. Um coronel vindo da Índia e uma jovem senhora inglesa de Bagdá. Deseja mais alguma coisa? Poirot pediu uma garrafa de Perrier. Cinco horas da manhã é, sem dúvida, um horário desagradável para tomar um trem. Ainda faltavam duas horas para clarear o dia.

Com a certeza de uma noite mal dormida e de uma missão cumprida com pleno êxito, Poirot encolheu-se num canto e adormeceu. Quando acordou, passava das nove e meia.

Encaminhou-se então para o carro-restaurant à procura de café quente.

Nesse momento, havia ali só um passageiro, evidente mente a jovem inglesa mencionada pelo empregado. Era uma moça alta, esbelta e morena... devia contar uns vinte e oito anos. Tomando o seu café e dando ordens ao criado para que a servisse pela segunda vez, tinha certo ar eficiente, o que denunciava prática do mundo e de viagens.

Trajava um vestido escuro, simples e relativamente leve, como o exigia a atmosfera aquecida do trem.

À falta de melhor ocupação, Hercule Poirot pôs-se a observá-la discretamente. A seu ver, era o tipo da jovem que sabe guardar-se perfeitamente em qualquer ocasião.

Parecia calma e equilibrada. O belga admirava-lhe a severa regularidade das feições e a delicada palidez de sua pele, a cabeleira negra, lustrosa e ondeada, os olhos frios, pardos e impenetráveis. Era,

porém, demasiado presunçosa – concluiu consigo mesmo – para ser o que ele chamava uma jolie femme.

De súbito, outra pessoa entrou no carro-restaurant. Era um homem robusto, de quarenta ou cinquenta anos, magro, moreno e levemente grisalho nas fontes.

– O coronel da Índia – pensou Poirot.

O recém-chegado cumprimentou a moça: – Bom dia, Mademoiselle Debenham.

– Bom dia, Coronel Arbuthnot.

O oficial pousou a mão no espaldar da cadeira em frente à dela.

– Importa-se? – perguntou.

– Não, decerto. Sente-se.

– Bem sabe que a primeira refeição nem sempre é hora para conversas...

– Compreendo. Porém, não importa.

O coronel sentou-se.

– Rapaz! – chamou imperiosamente, e pediu ovos e café.

Encarou um instante Hercule Poirot; depois, desviou o olhar com indiferença.

Interpretando perfeitamente o pensamento do inglês, o belga compreendeu o que ele pensara: mais um maldito estrangeiro.

Fiéis à própria nacionalidade, os dois ingleses não conversavam muito. Trocaram breves palavras e, de súbito, a moça levantou-se e voltou ao seu compartimento.

À hora do almoço tornaram a partilhar a mesma mesa e a ignorar o terceiro viajante. Conversaram com mais animação. O coronel Arbuthnot falou de Punjab e fez à moça algumas perguntas casuais acerca de Bagdá, apurando, assim, que ela ocupara ali um posto de governanta. No decurso da conversação, descobriram diversos amigos comuns, o que os tornou mais expansivos e animados. Falaram então de Tommy e de um Jerry Qualquer Coisa e o coronel perguntou à jovem se ia diretamente a Inglaterra ou se deteria em Istambul.

– Não, continuarei a viagem.

– Não é uma pena? – Na ida, segui este percurso e passei três dias em Istambul.

– Ah! Muito bem! Alegro-me então de que volte diretamente a Inglaterra, pois eu também sigo o mesmo itinerário. – Dizendo isto, o

coronel fez um cumprimento desajeitado, corando visivelmente.

“É oportunista o nosso coronel”, pensou Hercule Poirot, divertido. “O trem é tão perigoso como uma viagem por mar.” A jovem Debenham replicou que esse fato lhe seria muito agradável, mas os seus modos eram um tanto reservados.

Poirot observou que o coronel a acompanhava ao compartimento. Mais tarde, enquanto atravessavam o magnífico cenário do Taurus, olhando os montes da Cilician, a moça suspirou. Poirot, colocado a pouca distância, ouviu-a dizer: – É tão lindo isto... Eu quisera... quisera...

– Sim? – Quisera poder aproveitá-lo...

Arbuthnot não replicou. A linha quadrada do seu queixo tornou-se, porém, mais severa e carregada.

– Quem me dera vê-la bem longe de tudo isto! – disse ele.

– Cale-se por favor, cale-se! – Está bem – concordou o coronel.

Depois, lançando um olhar de aborrecimento a Poirot, prosseguiu: – Não me agrada a sua vida de governanta, às ordens de mães tiranas e de crianças insuportáveis.

A moça riu-se, perdendo um tanto da reserva habitual.

– Oh! Não pense nisso! A governanta vítima é um mito muito explorado. Posso afirmar-lhe que os pais, muitas vezes, têm medo de mim! Seguiu-se um silêncio. Arbuthnot envergonhava-se, talvez, da sua vivacidade.

“Uma comédia original” disse consigo Poirot, com ar pensativo. Mais tarde, se lembraria dessa reflexão.

O trem chegou a Konya essa noite, depois das onze e meia. Os dois ingleses desembarcaram, para exercitar os músculos, na plataforma, branca de neve. Poirot distraía-se observando o movimento da estação através da janela fechada. Ao fim de dez minutos, convenceu-se de que não seria mau tomar um pouco de ar. Tomou a precaução de se enrolar em diversos sobretudos e de enfiar as galochas; assim protegido, pôs-se a percorrer a plataforma, afastando-se do trem. Foram as vozes conhecidas que lhe permitiram identificar os dois vultos indistintos, encolhidos à sombra de um vagão.

Arbuthnot falava: – Mary...

A moça interrompeu-o.

– Não, agora não. Só quando tudo tiver passado. Quando deixarmos isto para trás... então...

Poirot afastou-se discretamente. Estava espantado. Mal reconhecera a voz fria e calma da menina Debenham. “Curioso” disse ele consigo.

No dia seguinte, o seu assombro aumentou, ao ver que os dois ingleses pareciam ter brigado. Trocavam poucas palavras. A moça parecia ansiosa e tinha os olhos cercados por olheiras fundas. Pelas duas horas da tarde, o trem parou. Os passageiros debruçaram-se às janelas. Um grupo de homens, postados junto aos trilhos, indicavam alguma coisa debaixo do carro-restaurante. Poirot saiu e interrogou o chefe de trem, que passava correndo. O homem respondeu, Poirot voltou a cabeça, quase chocando com Mary Debenham, que estava logo atrás dele.

– Que houve? – perguntou ela em francês, arquejando. – Por que paramos? – Não é nada. Incendiou-se qualquer coisa sob o carro-restaurante. Nada de grave.

O fogo foi extinto. Estão reparando os danos, não há perigo, pode estar certa.

A moça fez um gesto displicente, como para mostrar a sua indiferença pelo perigo.

– Sim, sim, compreendo. Mas o tempo? – O tempo? – Sim, isto vai nos atrasar.

– É possível... sim – concordou Poirot.

– E não podemos esperar. Este trem chega exatamente às seis e cinquenta e cinco, e é preciso atravessar o Bósforo, para apanhar o Simplon Orient Express, na outra margem, às nove horas. Se houver uma ou duas horas de atraso, perderemos o expresso do Oriente.

– É possível! – admitiu o belga.

Ele examina va-a com curiosidade. A mão da moça, apoiada na janela, tre-mia e o mesmo tremor agitava-lhe os lábios.

– Isso a prejudica muito? – perguntou Poirot.

– Sim. Sim. Preciso pegar esse trem.

E ela afastou-se, indo reunir-se ao coronel Arbutnot. Essa ânsia era desnecessária. Dez minutos depois, o trem partia, chegando a Haydapassar apenas com cinco minutos de atraso.

O Bósforo estava agitado e a travessia não foi agradável a Poirot. Separado dos companheiros de viagem, no barco, não os tornou a ver, e,

desembarcando na ponte de Galata, dirigiu-se diretamente para o Hotel Tokatlian.

CAPÍTULO II

O Hotel Tokatlian

Ali chegando, Poirot pediu um apartamento à recepção. Depois, interrogou o porteiro sobre a correspondência. Havia para ele três cartas e um telegrama. A vista deste último, Poirot franziu as sobrancelhas. Não o esperava. Abriu-o com a calma habitual e leu claramente: “O desfecho que previu para o caso Kassner ocorreu de improviso. Volte imediatamente!” – Voilà, que isso é de pasmar! – murmurou Poirot, contrariado. Depois olhou para o relógio.

– Preciso seguir esta noite – disse ele ao empregado. – Quando parte o Simplon Orient? – Às nove horas.

– Pode arranjar-me uma passagem? – Certamente. Não é difícil nesta estação. Os trens estão quase vazios. Primeira ou segunda classe? – Primeira.

– Muito bem. Aonde vai? – A Londres.

– Perfeitamente. Arranjarei uma passagem para Londres e lhe reservarei um lugar no carro-dormitório do trem Istambul-Calais.

Poirot tornou a consultar o relógio. Faltavam dez minutos para as oito.

– Terei tempo para jantar? – Naturalmente.

O belga fez um aceno afirmativo. Anulou o pedido de aposento e atravessou o vestíbulo, em direção ao restaurante. Enquanto dava ordens ao garçom, alguém pousou-lhe a mão no ombro.

– Ah!, meu velho, que surpresa inesperada! – exclamou uma voz, atrás dele.

Era um homem baixo, robusto, de certa idade, cabelos cortados à escovinha e que sorria alegremente. Poirot estremeceu.

– Monsieur Bouc! – Monsieur Poirot! Bouc era um belga, diretor da Compagnie Internationale des Wagons Lits e o seu conhecimento com a primeira figura da polícia belga datava de muitos anos.

– Encontro-o, então, longe de casa, mon cher – disse Bouc.

– Um pequeno caso na Síria.

– Ah! E volta para casa quando? – Esta noite.

– Esplêndido! Eu também. Isto é, vou a Lausanne em negócio. Tomará o Simplon Orient, não é? – Sim. Acabei de pedir uma passagem. Contava ficar aqui alguns dias, mas recebi um telegrama, chamando-me a Inglaterra, para um caso importante...

– Ah! – disse Bouc. – Les affaires... les affaires! Mas o senhor está satisfeito, hoje, *mon vieux!* – Tive alguns bons êxitos – replicou Poirot, com falsa modéstia.

Bouc riu-se.

– Nos encontraremos mais tarde – disse ele.

Poirot absorveu-se na tarefa de não molhar o bigode na sopa. Terminado o prato, olhou em torno de si, enquanto esperava o outro. Havia no restaurante talvez meia dúzia de hóspedes e desses só dois interessaram Poirot. Esses dois estavam sentados a uma mesa pouco distante. O mais novo era um belo rapaz de cerca de trinta anos, evidentemente americano. Não foi ele, poré m, e sim o companheiro, quem atraiu a atenção de Poirot. Era um homem de sessenta a setenta anos, com uma aparência meiga de filantropo. A cabeça calva, a testa convexa, os lábios sorridentes, que deixavam ver a dentadura postiça, tudo denunciava uma criatura bondosa. Só os olhos, pequenos, profundos e astuciosos, destoavam dessa expressão. E não só eles. Conversando com o seu jovem companheiro, o homem relanceou o olhar pela sala; dando com Poirot, uma súbita malevolência escureceu-lhe o olhar. Levantou-se então, e, dirigindo-se ao companheiro, disse: – Pague a conta, Hector. – A voz macia era, porém, um tanto rouca.

Quando Poirot se reuniu ao amigo no alpendre, os dois homens deixavam o hotel.

Transportavam-lhes a bagagem. O mais novo vigiava o serviço. Depois, abrindo a porta envidraçada, anunciou: – Está tudo pronto, Mr. Ratchett.

O velho anuiu e afastou-se.

– Eh bien? – disse Poirot. – Que lhe parecem esses dois? – São americanos – replicou Bouc.

– Certamente. Pergunto, o que pensa deles? – O mais novo é muito simpático.

– E o outro? – Para ser franco, meu amigo, confesso que não me ocupei dele. Causou-me uma desagradável impressão. E a você? Depois de um instante de reflexão, Poirot replicou: – Quando o vi no restaurante, tive uma sensação estranha. Pareceu-me um animal feroz, mas s decididamente selvagem. Compreende ? – Entretanto, dá a impressão de pessoa respeitável.

– Exatamente. O corpo, a gaiola é sempre respeitável, mas através das grades, o animal bravo espreita...

– Está fantasiando, meu velho – observou Bouc.

– Talvez. Porém, é como se o diabo tivesse passado bem perto de mim.

– Refere-se ao respeitável cavalheiro americano? – Ele mesmo.

Nesse momento, a porta abriu-se e o porteiro entrou, aparentemente preocupado.

– Extraordinário, senhor – disse ele a Poirot. – Não há no trem nenhum compartimento de primeira classe desocupado.

– Como? – exclamou Bouc. – Nesta época? Viaja acaso alguma comitiva de jornalistas... ou de políticos? – Não sei, senhor – tornou o porteiro, dirigindo-se-lhe respeitosamente. – A verdade é esta.

– Bem, bem – disse Bouc, voltando-se para Poirot. – Não se preocupe, meu amigo.

Havemos de arranjar alguma coisa. Há sempre um compartimento desocupado, o número 16. O condutor cuidará disto! – Depois, sorrindo, olhou para o relógio e acrescentou: – Vamos. Está na hora! Na estação, Bouc foi respeitosamente cumprimentado por um empregado de uniforme escuro.

– Boa-noite, senhor. O seu compartimento é o número um.

A uma ordem sua, os carregadores depositaram as pesadas bagagens no trem, onde se lia, em grandes letreiros:

ISTAMBUL-TRIESTE-CALAIS

– Ouvi dizer que o trem está cheio, é verdade? – Parece incrível, senhor. Parece que toda mundo escolheu esta noite para viajar.

– Contudo, é preciso encontrar acomodação para este cavalheiro. É um amigo meu. Pode dar-lhe o número 16.

– Está ocupado, senhor.

– Que diz? O 16? Os dois trocaram um olhar de entendimento e o empregado sorriu. Era um homem de meia-idade, alto e descorado.

– Sim, senhor. Como já lhe disse, estamos superlotados.

– Mas que se passa? – exclamou Bouc, encolerizado. – Há alguma conferência? Alguma festa? – Não, senhor. Puro acaso. Acontece apenas que muita gente resolveu viajar esta noite.

Bouc teve um gesto de enfado.

– Em Belgrado – disse ele – há o trem que vem de Atenas, bem como o Bucarest– Paris... Porém, não alcançaremos Belgrado, antes de amanhã à noite. Não há um compartimento de segunda classe livre? – Um somente.

– Bem, então...

– Mas é um compartimento para senhoras, já ocupado por uma alemã... uma dama– de-companhia.

– Ora, ora, que aborrecimento! – disse Bouc.

– Não se preocupe, meu amigo – disse por sua vez Poirot. – Posso tomar um trem comum.

– Nem pense nisso! – E voltando-se para o empregado, Bouc perguntou: – Já chegaram todos os passageiros? – É verdade – replicou o homem hesitando -, falta um.

– Fale.

– É o compartimento sete da segunda classe. O cavalheiro que o mandou reservar ainda não chegou e faltam quatro minutos para as nove.

– Quem é ele?

– Um inglês. Mr. Harris – acrescentou o empregado, consultando a lista.

– Um nome de bom agouro – observou Poirot – conheço Dickens: O senhor Harris não virá.

– Ponha as bagagens deste senhor no compartimento sete – ordenou Bouc. – Se o senhor Harris chegar, diga-lhe que é muito tarde... que o compartimento não pôde ser reservado tanto tempo... arranjarémos as coisas de um modo ou de outro. Que me importa o senhor Harris? – Como quiser – replicou o empregado e encaminhou o carregador para o compartimento cedido a Poirot. Depois afastou-se, para que este pudesse embarcar.

– E lá ao fundo, senhor – disse ele. – O penúltimo camarote.

Poirot atravessou a custo o corredor, onde ainda se aglomerava a maioria dos passageiros. Os seus cortesês pardons eram pronunciados com a regularidade de um pêndulo. Por fim, alcançou o compartimento

indicado, mas ali encontrou o jovem americano do Tokatlian. Vendo entrar Poirot, o rapaz franziu as sobrancelhas.

– Desculpe – disse ele. – Creio que se enganou.

Depois, repetiu laboriosamente as mesmas palavras em francês.

Poirot replicou em inglês.

– É Mr. Harris? – Não, chamo-me MacQueen. Eu...

Então a voz do empregado fez-se ouvir, humilde e obsequiosa, por trás de Poirot.

– Não há mais lugares no trem, senhor. Este cavalheiro terá de ficar aqui.

Enquanto falava, o empregado recebia da janela as bagagens de Poirot. Este notava-lhe, divertido, o tom embaraçado. Evidentemente fora-lhe prometida boa gorjeta, se conseguisse conservar o camarote só para uso do viajante. Entretanto, a melhor gorjeta perde o seu efeito, quando o diretor da companhia está presente e faz respeitar as próprias ordens. Terminada a sua tarefa, o empregado saiu do compartimento, dizendo: – Pronto, senhor. Está tudo em ordem. O seu beliche é o de cima, número sete.

Partiremos dentro de um minuto.

E afastou-se rapidamente pelo corredor. Poirot tornou a entrar no compartimento.

– Acabo de assistir a um raro fenômeno – disse ele, jovialmente. – Um empregado da Wagon Lit arranjando as bagagens com as próprias mãos! É novidade! O jovem viajante sorriu. Evidentemente conformava-se.

– O trem está lotado – observou ele.

Soou um apito e a locomotiva uivou lugubrememente. Os dois homens saíram para o corredor. Fora, ouvia-se uma voz advertir: – Embarquem, meus senhores! – Vamos partir – disse MacQueen.

Porém, o trem não se movia; o apito voltou a trilar.

– Caso prefira o leito de baixo, senhor – disse o rapaz a Poirot – cedo-o de boa vontade.

MacQueen era evidentemente um rapaz muito amável.

– Não, não! – protestou o belga. – Não quero privá-lo...

– Mas seria bom...

– É demasiado gentil...

Protestos corteses de ambos os lados.

– Aliás, é só por uma noite – acrescentou Poirot. – Até Belgrado...

– Ah! Compreendo. O senhor vai ficar em Belgrado.

– Não é isso propriamente. É que...

Houve um súbito solavanco; os dois viajantes debruçaram-se para olhar a longa plataforma iluminada que ia desaparecendo lentamente. O Expresso do Oriente iniciava a sua jornada de três dias, através da Europa.

CAPÍTULO III

Poirot recusa um caso

No dia seguinte, Poirot entrou um tanto tarde no carro-restaurante. Levantara-se cedo, tomara a primeira refeição quase sozinho e passara a manhã revendo dados referentes ao caso que o chamara a Londres. Mal vira o companheiro de viagem.

Bouc, já abancado, gesticulou um cumprimento e indicou ao amigo um lugar vazio, em frente ao seu. Poirot sentou-se e achou-se em posição favorável, que era servida em primeiro lugar e com os melhores petiscos. O almoço também estava excepcionalmente bom. Foi só quando saboreavam um queijo delicioso, que Bouc principiou a falar de assuntos estranhos ao almoço. Chegara a esse período da refeição em que geralmente se costuma filosofar.

– Ah! – suspirou ele. – Se tivesse a pena de um Balzac! Descreveria esta cena! – Assim dizendo, agitava a mão.

– Boa ideia – disse Poirot.

– Também lhe parece? Ninguém ainda o fez, que eu saiba. Entretanto, seria um autêntico argumento para um romance, meu amigo. Cerca-nos gente de todas as classes e nacionalidades. Durante três dias, essas pessoas, estranhas umas às outras, estarão reunidas, comendo e dormindo sob o mesmo teto, sem se poderem separar. No fim desse prazo, cada qual tomará o seu caminho e talvez nunca mais se tornem a ver.

– E há mais – disse Poirot. – Imagine um acidente. . .

– Ah! Isso não, meu amigo! – Do seu ponto de vista, poderá parecer desagradável, concordo. Porém, suponhamos, por um instante, que isso acontece realmente. Então, todos os que estão aqui talvez fossem unidos mais estreitamente... pela morte.

– Um pouco de vinho! – apressou-se a dizer Bouc. – Está sinistro, meu velho! Provavelmente é a digestão.

– Não duvido. É possível que a comida da Síria não seja muito apropriada para o meu estômago.

Poirot sorveu o seu vinho e relanceou um olhar pensativo pelo salão. Viam-se ali, à roda das mesas, umas treze pessoas, pertencentes, como bem dissera Bouc, a todas as classes e nacionalidades. O belga pôs-se a observá-las.

A mesa em frente à sua era ocupada por três viajantes comuns, reunidos ali pela vontade do pessoal do restaurante: um italiano robusto e moreno que palitava os dentes; e um inglês magro, elegante e em cujo rosto transparecia um ar evidente de contrariedade. Junto dele, sentava-se um americano espalhafatoso, talvez um caixeiro– viajante.

O americano e o italiano falavam animadamente.

O inglês olhou pela janela e tossiu. Poirot desviou o olhar.

À outra mesa sentava-se, muito emproada, uma das mulheres mais feias que ele já vira. Havia, porém, na sua fealdade, certa distinção que a tornava atraente. Cingia-lhe o pescoço um colar de grossas pérolas legítimas, por mais incrível que pareça. Ela tinha nas mãos inúmeros anéis e a capa de peles caída nos ombros. Um rico chapéu preto emoldurava-lhe desajeitadamente o rosto amarelado. A velha dama falava ao criado em tom claro e cortês, porém francamente autocrático.

– Tenha a bondade de levar ao meu compartimento uma garrafa de água mineral e um copo de suco de laranja. Dê ordens para que me seja servido ao jantar um frango, sem tempero algum, e um pouco de peixe cozido.

O criado replicou respeitosamente que os desejos dela seriam atendidos. A dama anuiu, com um leve aceno de cabeça, e levantou-se. Encontrando o olhar de Poirot, desviou os olhos com a indiferença displicente de uma aristocrata.

– É a princesa Dragomiroff – disse Bouc, em voz baixa. – Russa. O marido converteu em dinheiro todos os seus bens, antes da revolução, e empregou-os no exterior. Essa senhora é extraordinariamente rica... Uma cosmopolita.

Poirot assentiu. Ouvira falar na princesa Dragomiroff.

– Uma personalidade – acrescentou Bouc. – Feia como o pecado, mas interessante.

Concorda? Poirot tornou a anuir.

Mary Debenham ocupava outra mesa, com duas senhoras. Uma delas, uma robusta mulher de meia-idade, vestia uma blusa de xadrez e saia de tweed. Reunira a pesada massa dos cabelos amarelados e mal tratados num chapéu desajeitado, usava óculos e tinha no rosto comprido uma expressão meiga e submissa de carneiro. Escutava nesse momento a outra companheira, idosa e robusta, de fisionomia simpática e que falava com voz clara e monótona, sem tomar fôlego nem um instante.

– E assim a minha filha disse: “Por que não aplicam os sistemas americanos a este país?” Porque o povo é indolente por natureza. Não tem a menor iniciativa. Contudo, lhe causaria surpresa o que o nosso colégio está fazendo aqui. Reuniu um corpo de professores competentes. Acho que não há como a educação. Aplicaremos os nossos métodos ocidentais e ensinaremos o Oriente a re conhecê-los. A minha filha costuma dizer. . .

O trem entrou num túnel. A voz calma e monótona da viajante converteu-se num murmúrio abafado.

À mesa próxima estava o coronel Arbutnot... sozinho, com os olhos fixos na nuca de Mary Debenham. Não almoçavam juntos, se bem que não lhes fosse difícil reunir-se. Por quê? “Talvez a moça se retraísse”, pensou Poirot. “Uma governanta precisa tomar cuidado, pois as aparências têm grande importância. O seu modo de vida exigia que ela se portasse com rigorosa correção”. Poirot desviou o olhar para o lado oposto do vagão.

Ali, sentada contra a parede, viu uma mulher de meia-idade, vestida de escuro e de rosto largo e inexpressivo. “Alemã ou escandinava”, pensou ele. “Talvez a governanta alemã”. Mais adiante almoçava um casal. O homem, embora vestisse à inglesa, não era inglês, a forma da nuca e dos ombros mostravam-no claramente. Era um belo tipo de cavalheiro. Voltando-se subitamente, mostrou a Poirot o perfil de um indivíduo de trinta anos, com o lábio superior encimado por um bigode espesso. Diante dele sentava-se uma moça de cerca de vinte anos. Trajava um saia-e-casaco preto, blusa branca de cetim e um elegante chapeuzinho preto à última moda. Tinha um lindo rosto de estrangeira, tez clara, grandes olhos escuros e os cabelos negros. Fumando, exibia as mãos bem cuidadas e unhas vermelho-escuras. Usava uma grande esmeralda engastada em platina e a voz e o olhar traíam certa faceirice.

– Linda e chique – murmurou Poirot. – Um casal... não? Bouc anuiu.

– Embaixada húngara, segundo creio – disse ele. – Um lindo casal.

Restavam só mais dois passageiros: MacQueen, o companheiro de Poirot, e o Mr.

Ratchett. Este último ficava de frente para Poirot, que lhe pôde de novo observar o rosto antipático, a falsa bondade do olhar e os olhinhos cruéis.

Evidentemente, Bouc notara certa mudança no rosto do amigo, pois perguntou: – Está examinando a fera? Poirot respondeu com um sinal afirmativo. Terminando de sorver o café, Bouc levantou-se. Viera almoçar antes do amigo e terminava primeiro.

– Volto ao meu compartimento – disse ele. – Venha depois conversar comigo.

– Com todo o prazer – tornou-lhe Poirot.

Ficando só, o belga tomou café e pediu licor. O criado passava entre as mesas, recebendo os vales. A voz da velha americana soou, aguda e lamentosa.

– A minha filha disse: “Arranje uma caderneta de refeições e não terá incômodos.” Ao que parece, não é assim. Desconfio que eles ganham dez por cento... e esta garrafa de água mineral, então! Uma espécie curiosa de água mineral!... Estranho que não sirvam Evian nem Vichy...

– É que... como sabe, servem a água local – explicou a senhora de rosto meigo e humilde.

– Pois estranho! – repetiu a outra. E, olhando tristemente o troco espalhado na mesa, acrescentou: – Veja o que me deram... Que moeda!... Lembra um monte de trapos! Minha filha diz...

Mary Debenham levantara-se e despedia-se das companheiras com um ligeiro cumprimento. Erguendo-se, por sua vez, o coronel Arbuthnot acompanhou-a. A velha americana juntou o troco e deixou a sala, seguida pela outra senhora. Os húngaros já se havia m retirado. Restavam no carro-restaurant apenas Poirot, Ratchett e MacQueen.

Ratchett falou ao jovem americano que se levantou e saiu. O velho também deixou o seu lugar, mas em vez de seguir o companheiro, sentou-se diante de Poirot.

– Um fósforo, por favor? – disse em voz macia e levemente nasal. – Chamo-me Ratchett.

Poirot respondeu-lhe com um leve cumprimento, tirou o isqueiro do bolso e passou-o ao americano. Este recebeu-o, sem contudo se utilizar dele. Depois disse: – Creio que tenho o prazer de falar com Monsieur Hercule Poirot. Não é exato? – Perfeitamente.

Houve um silêncio. O detetive sentia-se examinado pelo estranho olhar do outro.

– Na minha terra – disse este por fim -, costuma-se ir direto ao assunto. Senhor Poirot, desejo confiar-lhe um trabalho.

– A minha clientela é, atualmente, muito reduzida. Ocupo-me de poucos casos.

– Compreendo bem. Mas este, Monsieur Poirot, é muito dinheiro. Muito dinheiro! – repetiu Ratchett, com a voz macia e persuasiva.

Após uma curta pausa, o belga perguntou: – Que deseja de mim, Monsieur Ratchett? – Sou muito rico... muito rico!... Um homem, nas minhas condições, sempre tem inimigos. Eu tenho um.

– Só um? – Que quer dizer com isso? – inquiriu vivamente o americano.

– Nada. Tenho experiência bastante para saber que os homens de certa posição têm inimigos, como acaba de dizer, mas em geral, não um só.

Aparentemente aliviado por essa resposta, Ratchett tornou com animação: – Sim, compreendo. Inimigo ou inimigos... não importa. O que interessa é a minha segurança.

– A sua segurança?

– Fui ameaçado, Monsieur Poirot. Sou um homem que precisa tomar precauções. – Assim dizendo, o velho tirou do bolso um revólver automático; depois continuou: – Não sou homem que se deixe apanhar facilmente! Com esta arma, sinto-me mais seguro. Creio que o senhor é a pessoa de que preciso, senhor Poirot. E lembre-se: dinheiro!...

Muito dinheiro! O belga encarou-o um instante, pensativo, com a fisionomia absolutamente impenetrável. Seria difícil adivinhar-lhe os pensamentos.

– Lamento – disse afinal. – Não posso servi-lo, Monsieur Ratchett. Este fitou-o com uma expressão de astúcia.

– Que preço pede? Poirot meneou a cabeça.

– Não me entendeu. Fui muito feliz na minha profissão. Ganhei o dinheiro necessário para minhas necessidades e meus caprichos. Atualmente, ocupo-me só dos casos que me interessam.

– O senhor é teimoso! – disse Ratchett. – Não o tentam vinte mil dólares? – Não.

– Se insiste, para obter mais, engana-se. Avalio perfeitamente a importância do que lhe peço.

– Eu também, Monsieur Ratchett.

– O que é que não lhe agrada na minha proposta? Poirot levantou-se.

– Desculpe a franqueza, senhor Ratchett. O que não me agrada é a sua fisionomia.

E com estas palavras o belga deixou o salão.

CAPÍTULO IV

Um grito na noite

O Simplon Orient Express chegou a Belgrado nessa noite, às quinze para as nove.

Não partiria antes das nove e quinze. Poirot desceu à plataforma onde, porém, não se demorou. Estava muito frio. Apesar de muito resguardada, a plataforma estava coberta de neve. Avistando o viajante, o chefe da estação que procurava aquecer-se com um rápido exercício, disse: – As suas bagagens foram transportadas para o camarote do senhor Bouc.

– Onde fica ele, então? – Embarca no carro de Atenas que acaba de chegar.

Poirot afastou-se, à procura do amigo que confirmou as palavras do seu subordinado.

– Não, não. É melhor assim! O senhor vai a Inglaterra. Logo, é preferível que tome a vagão que passa em Calais. Quanto a mim, fico muito bem. Aqui há mais sossego. Os únicos passageiros da vagão somos eu e um médico grego. Que noite, meu amigo! Dizem que há anos não neva assim. Esperemos que a neve não nos bloqueie! Creia que isto me inquieta.

Às nove e quinze, pontualmente, o trem partia. Poirot, despediu-se do amigo e dirigiu-se para o seu camarote, em frente ao carro-restaurant. Nesse segundo período de viagem, aboliam-se todas as barreiras.

O coronel Arbuthnot estava à porta do seu compartimento, falando com MacQueen. À vista de Poirot, o jovem americano interrompeu-se. Parecia muito surpreendido.

– Como! – exclamou ele. – Pensei que nos tivesse deixado. Disse que ficaria em Belgrado! – Engana-se – replicou Poirot, sorrindo. – Lembro-me de que o trem saía de Istambul, enquanto falávamos.

– Mas... as suas bagagens já não estão aqui! – Foram levadas para outro camarote.

– Ah! MacQueen recomeçou a conversar com Arbuthnot e Poirot afastou-se. A duas portas do seu camarote, encontrou a velha americana, Mrs. Hubbard, falando com a sua companheira de mesa que era, afinal, uma sueca. Mrs. Hubbard tinha nas mãos duas revistas.

– Não. Leve isto, minha querida, tenho muitas outras coisas para ler. Não lhe parece que o frio é assustador? – continuou, cumprimentando afavelmente Poirot.

– A senhora é muito amável – respondeu a sueca.

– De modo nenhum. Desejo que durma bem e que amanhã a sua cabeça esteja melhor.

– É do frio. Vou fazer uma xícara de chá.

– Tem aspirina? Com certeza? Eu a trago em quantidade. Bem, boa noite, minha querida.

Mal a outra desapareceu, Mrs. Hubbard voltou-se para o belga, disposta a continuar a conversação.

– Pobre criatura! É sueca; segundo creio, missionária... uma professora. Boa pessoa; porém, quase não entende inglês. Interessou-se muito pelo que lhe disse de minha filha.

E Poirot foi informado a respeito da filha de Mrs. Hubbard, como, aliás, sucedia no trem a todos os que entendiam inglês. Soube assim que a referida filha e o genro de Mrs. Hubbard lecionavam num importante colégio americano de Smyrna, que era essa a primeira vez que a respeitável senhora visitava o Oriente, e que opinião ela formara acerca dos Turcos, dos seus usos e sistemas de viação.

A porta vizinha abriu-se. Apareceu um criado magro e pálido. Poirot pode vislumbrar Ratchett, sentado na cama. À vista do belga, uma expressão de cólera perpassou no rosto do velho. Depois a porta fechou-se. Mrs. Hubbard puxou o seu interlocutor para um lugar mais distante.

– Sabe? Não posso tolerar esse homem. Não o criado. O outro... o amo. Tem alguma coisa que não me agrada. A minha filha costuma dizer que tenho uma intuição infalível: “Quando a mamãe tem uma suspeita, é sempre certa.” Assim diz ela. E eu desconfio desse homem. É meu vizinho, não gosto disto. A noite passada, fechei a porta à chave; julguei ouvi-lo experimentar o trinco. Sabe? Não me admiraria que esse

indivíduo fosse assassino ou ladrão. Posso estar louca; entretanto é o que penso.

Detesto-o. A minha filha disse que eu teria boa viagem. Talvez seja absurdo. Sinto, porém, que vai acontecer alguma coisa. Não compreendo como esse belo rapaz pôde tornar-se secretário desse homem.

Nesse momento, Arbuthnot e MacQueen passaram, conversando amigavelmente, no corredor e desapareceram. Mrs. Hubbard despediu-se de Poirot.

– Vou para a cama – disse ela. – Boa noite.

– Boa noite, Madame.

Por sua vez, o belga entrou no seu camarote, contíguo ao de Ratchett. Despiu-se, deitou-se, leu cerca de meia hora e apagou a luz. Acordou horas depois, sobressaltado.

Despertara-o um gemido, quase um grito, muito próximo. No mesmo instante soou uma campainha. Poirot levantou-se e acendeu a luz. O trem parara. Provavelmente chegara a uma estação.

Esse grito fizera estremecer o polícia. Lembrando-se de que o compartimento contíguo era ocupado pelo ricoço americano, Poirot abriu a porta exatamente no momento em que o chefe do pessoal passava, correndo, e se detinha à porta de Ratchett.

Deixando a do seu camarote entreaberta, Poirot espreitou pela fresta. O funcionário batera pela segunda vez, à porta do compartimento vizinho. Nesse momento, porém, tiniu outra campainha e a luz brilhou noutro ponto do vagão. O chefe voltou a cabeça para observar e uma voz advertiu do compartimento do americano: – Ce n'est rien. Je me suis trompé.

– Bien, Monsieur.

E o funcionário correu a atender a outra chamada. Poirot voltou a deitar-se, aliviado, e apagou a luz. Consultara antes o relógio. Faltavam exatamente vinte e três minutos para a uma hora da manhã.

CAPÍTULO V

O crime

Poirot não conseguiu adormecer. Cessara o movimento do trem. E enquanto a estação se mostrava insolitamente silenciosa, no trem, porém, parecia haver uma agitação extraordinária. O belga julgou ouvir Ratchett caminhar no quarto vizinho e abrir a torneira do lavatório; distinguiu em seguida o rumor da água corrente, depois do qual a torneira se fechou.

Soaram passos no corredor, como se alguém o percorresse de chinelos. Ainda deitado, Poirot pôs-se a olhar para o teto. Por que seria tão silenciosa esta estação? E ele tinha sede. Esquecera-se de pedir água mineral. Deitou um olhar ao relógio. Passavam quinze minutos da uma. Poirot pensou em chamar o chefe do pessoal e pedir-lhe a água desejada. Quando ia apertar o botão da campainha, ouviu um tinido. Desistiu então, pois o funcionário não poderia atender simultaneamente a várias chamadas.

Ttrim... trrim... trrim...

A campainha continuava a tinir. Por que não a atendiam? O passageiro já devia estar impaciente. Ttrim... Fosse quem fosse, não tirava o dedo do botão. De súbito, os passos apressados do chefe ecoaram no corredor e ele foi bater a um compartimento não muito afastado do de Poirot. Ouviram-se vozes... a do chefe, cortês e obsequiosa... uma de mulher, insistente e volúvel. Mrs. Hubbard! Poirot sorriu para consigo. A discussão durou certo tempo, com decidida vantagem para Mrs. Hubbard. Afinal cessou. Poirot ouviu distintamente: – Boa noite, minha senhora. – E a porta fechou-se. O belga tocou então a campainha. O chefe atendeu-o prontamente. Parecia excitado e aborrecido.

– De l'eau minérale, s'il vous plaît.

– Bien, Monsieur – tornou o funcionário. Talvez a expressão maliciosa do olhar de Poirot, o levasse a desabafar. – La dame américaine...

– Que houve? O chefe enxugou a testa.

– Não imagina o trabalho que me deu! Ela insiste em afirmar que há um homem no seu compartimento. Imagine! Num espaço como este! – continuou ele, mostrando o camarote com um gesto – Onde se poderia esconder um homem? Discuti, fiz ver que era impossível. Ela tornou a insistir. Diz que acordou e viu um homem no quarto.

Perguntei-lhe: “Como pôde ele fugir, deixando a porta trancada atrás de si?” Mas em vão. Ela não quer entender. Como se já não houvesse aborrecimentos bastantes! Esta neve, por exemplo...

– Neve? – Sim. Não sabia? O trem parou. Apanhamos uma tempestade de neve. Só Deus sabe o tempo que passaremos aqui, presos. Lembro-me de que, uma vez, fiquei bloqueado pela neve uma semana.

– Onde estamos? – Entre Vincovci e Brod.

– Ora, ora! – tornou Poirot, contrariado.

O homem afastou-se, voltando pouco depois com a água mineral.

– Boa noite, Monsieur.

Poirot bebeu e dispôs-se a dormir. Estava quase a adormecer, quando um choque estranho o acordou. Teve a consciência de que qualquer coisa bastante pesada caíra de encontro à porta. O belga levantou-se e abriu-a. Nada. Porém, à sua direita, viu afastar-se no corredor uma mulher envolta num quimono vermelho. Na outra extremidade, o condutor entretinha-se a rabiscar figuras em largas folhas de papel. Reinava a completa calma.

– Evidentemente sofro dos nervos – disse consigo Poirot. E tornou a deitar-se, acordando só na manhã seguinte.

O trem ainda estava parado. Poirot correu a cortina e olhou. Pesados blocos de neve cercavam os carros. O belga consultou o relógio e viu que passava das nove horas.

Às quinze para as dez, elegante e aprumado, encaminhou-se para o carro- restaurante, donde partia um coro de lamentações. Todas as barreiras entre os passageiros haviam desaparecido. A desgraça comum reunia-os. As queixas de Mrs. Hubbard sobressaíam das demais.

– A minha filha dizia que teria a melhor das viagens! Bastava acomodar-me no trem e esperar que ele chegasse ao seu destino. E,

agora, aqui ficaremos por dias e dias – lamentava-se ela. – O meu navio parte depois de a manhã. Como o apanharei agora? Nem posso mandar cancelar a minha passagem! Prefiro nem falar disto! O italiano apregoava que o esperavam importantes negócios em Milão.

O americano clamava: – É o diabo! – E exprimia a esperança de que o trem recobrasse o tempo perdido.

– A minha irmã... e a minha sobrinha me esperam – dizia a sueca, chorando. – E eu não posso avisá-las. O que pensarão? Julgarão que me aconteceu um desastre!

– Quanto tempo ficaremos bloqueados? – perguntou Mary Debenham.

– Quem sabe? Havia na sua voz certa impaciência, mas Poirot não notou nela a ânsia quase febril que manifestara no Taurus Express.

Mrs. Hubbard prosseguiu: – Ninguém sabe nada neste trem! Nem procuram tomar providências! São um grupo de inúteis. Se estivéssemos no meu país, a esta hora, já alguém teria tentado fazer qualquer coisa.

Arbuthnot voltou-se para Poirot e falou-lhe num francês correto de estrangeiro: – Vous êtes un directeur de la ligne, je crois, Monsieur. Vous pouvez nous dire...

Sorrindo, Poirot retificou em inglês: – Não, não! Não sou eu. Confundi-me com o meu amigo.

– Oh! Desculpe! – Não tem importância. É muito natural. Eu estou agora no camarote que ele ocupava antes.

Bouc não estava no carro-restaurante. Poirot relanceou um olhar pelo compartimento para tomar nota dos ausentes. Faltavam a princesa Dragomiroff, o casal húngaro, Ratchett, o seu criado e a governanta alemã. A sueca enxugou os olhos: – Sou tola na verdade! – disse ela. – Que adianta chorar? E melhor conformar-me, aconteça o que acontecer.

Entretanto, esse exemplo de resignação cristã não foi imitado.

– Está tudo muito bem – disse MacQueen, impaciente. – Entretanto, ficaremos aqui por muitos dias.

– Que lugar é este? – perguntou a velha americana, com voz queixosa.

Disseram-lhe que era a Iugoslávia e ela replicou: – Oh! Nos Bálcãs! Que havemos de esperar? – É a única que vejo resignada – disse Poirot a Mary Debenham.

– Que se pode fazer? – E uma filósofa, Mademoiselle.

– Não. Isso implica completa indiferença, o que não é o meu caso. Apreendi, porém, a evitar as emoções inúteis.

A moça falava mais para si mesma do que para ele e tinha o olhar fito além das janelas, nas massas de neve.

– Julgo-a muito enérgica – continuou Poirot gentilmente. – Creio que é, dentre de nós, a mais forte.

– Oh! Não! Não, de fato. Conheço alguém muito mais forte do que eu.

– E quem é...? A moça voltou, de súbito, à realidade e compreendeu que falava a um estranho, a um estrangeiro com quem trocara a té ali apenas algumas palavras.

Riu-se cordialmente, mas com certa reserva.

– Ora... a velha princesa, por exemplo. Provavelmente já a viu. É muito feia, mas ao mesmo tempo fascinante. Basta-lhe levantar o dedo e pedir cortesmente alguma coisa... e o trem em peso estará aos seus pés.

– O mesmo acontece ao meu amigo Bouc – disse Poirot. – Mas apenas porque é o diretor da Companhia.

Mary Debenham sorriu. A manhã passava. Muitos passageiros, entre eles o belga, ficaram no carro-restaurante, compreendendo que, juntos, passariam melhor o tempo.

Poirot soube assim muita coisa da filha de Mrs. Hubbard e do falecido Mr. Hubbard.

Escutava a conversação da viajante escandinava, quando um empregado do Wagon Lit entrou e se aproximou dele.

– Com licença, senhor.

– Que há? – O Monsieur Bouc envia-lhe cumprimentos e pede-lhe o favor de ir ter com ele um instante.

Poirot levantou-se, pediu desculpa à sua interlocutora e deixou o salão em companhia do empregado. Este fê-lo atravessar o trem, bateu a uma porta e desviou-se para o deixar entrar. O camarote não era o de Bouc e sim um de segunda classe, escolhido talvez por ser dos mais espaçosos. Causava entretanto a impressão de estar apinhado. Bouc encontrava-se numa das extremidades; diante dele, perto da janela, Poirot viu um homenzinho moreno, entretido em observar a neve, e de pé, obstruindo a passagem, um homenzarrão de uniforme azul, o chefe do pessoal e o empregado que também servia o detetive.

– Ah! meu bom amigo! – exclamou Bouc. – Entre. Precisamos do senhor.

O homenzinho encostado à janela voltou-se. Poirot sentou-se diante do amigo. A fisionomia deste assustou-o. Era evidente que acontecera algum fato extraordinário.

– Que houve? – indagou o belga.

– Tem razão de perguntar! Primeiramente, esta neve... E depois...

Bouc calou-se. O funcionário do Wagon Lit soltou uma espécie de lamento.

– E depois que há? – insistiu Poirot.

– Apenas isto: um passageiro jaz morto... apunhalado... no camarote. – O diretor exprimia-se com um desespero por assim dizer indiferente.

– Um passageiro? Qual? – Um americano. Um homem chamado... chamado... Ratchett; sim, Ratchett – concluiu Bouc, depois de consultar uns apontamentos que tinha diante de si.

– É isso mesmo – confirmou o empregado. Poirot encarou-o: estava branco como cal.

– É melhor mandar sentar esse homem – sugeriu o detetive. – Do contrário, ele acabará desmaiando.

O chefe do pessoal afastou-se um pouco e o empregado deixou-se cair numa cadeira, escondendo o rosto nas mãos.

– Brrr... – tornou Poirot. – O caso é sério! – O que há de mais sério! Este crime é uma calamidade. E há mais: as circunstâncias são extraordinárias. Estamos parados; aqui podemos ficar durante horas ou dias. Na maioria dos países que atravessamos, temos a polícia no trem. Na Iugoslávia, não, compreende? – É uma situação melindrosa – concordou Poirot.

– E pior se tornará. Doutor Constantine... esquecia-me de que não o apresentei. Doutor Constantine, Monsieur Poirot.

Os dois homens trocaram um cumprimento.

– Dr. Constantine julga que o crime foi praticado mais ou menos à uma hora da madrugada.

– É difícil ser exato nesse particular – atalhou o médico. – Creio, porém, que a morte ocorreu entre a meia-noite e as duas horas da madrugada.

– Quando foi visto vivo, pela última vez, o Monsieur Ratchett? – Parece-me que uns vinte minutos antes da uma hora respondeu ao empregado – observou Bouc.

– É verdade – confirmou o belga. – Eu mesmo o ouvi. É tudo o que se sabe? – É.

Poirot voltou-se para o médico, que prosseguiu: – A janela do camarote de Ratchett foi encontrada aberta, o que faria crer que o criminoso fugiu por ali. Entretanto, na minha opinião, a janela aberta não passa de uma astúcia. Quem quer que seguisse esse caminho deixaria o rastro na neve. E não há o menor vestígio.

– Quando se descobriu o crime? – perguntou Poirot.

– Michel! – chamou Bouc. – Diga a este senhor o que aconteceu.

O interpelado levantou-se e, ainda com o rosto pálido e assustado, começou com voz tremula: – O criado do senhor Ratchett batera diversas vezes à porta do amo esta manhã.

Não recebeu resposta. Uma hora depois apareceu o empregado do carro-restaurante.

Queria saber se o senhor Ratchett almoçaria. Eram onze horas. Abriu a porta do camarote com a minha chave, mas o cadeado fora fechado por dentro. Ninguém respondia. O quarto estava silencioso e frio. Tão frio! A neve entrava pela janela aberta. Desconfiei que o passageiro tivesse tido um ataque. Chamei o chefe do pessoal, quebramos a corrente e entramos. Ele estava... Ah! C'était terrible! E o pobre homem tornou a esconder o rosto nas mãos.

– A porta estava, então, trancada por dentro – observou Poirot, pensativo. – Não será um suicídio? O médico grego riu-se ironicamente.

– Já viu alguém suicidar-se com dez... doze... quinze punhaladas? – perguntou ele.

Poirot arregalou os olhos.

– Mas, nesse caso, é uma verdadeira ferocidade! – Foi uma mulher – acudiu o chefe do pessoal, falando pela primeira vez. – Deve ser. Só uma mulher é capaz de matar assim.

O Dr. Constantine levantou o rosto em que se via uma expressão pensativa.

– Só se fosse excepcionalmente vigorosa – objetou ele. – Não é minha intenção entrar em detalhes técnicos que servem apenas para

atrapalhar... Posso, porém, afirmar que um ou dois golpes foram desferidos com força, para que penetrassem profundamente.

– Não é, pelo que vejo, um crime científico – observou Poirot.

– Pelo contrário. Algumas punhaladas foram dadas ao acaso, outras não atingiram o alvo, como se alguém ferisse de olhos vendados, com uma fúria cega.

– C'est une femme – insistiu o chefe do pessoal. – As mulheres são assim. Quando se enfurecem, têm uma força extraordinária. – Essa obstinação fazia crer numa experiência pessoal.

– Talvez possa contribuir com alguns esclarecimentos para esse caso – disse o investigador. – Ratchett falou-me anteontem. Fez-me entender que a sua vida corria perigo.

– Bumped off, então. Não é esse o termo americano? – disse Bouc.

– Logo, não é uma mulher. Talvez um gangster ou um pistoleiro.

O chefe do pessoal parecia desolado com a derrocada da sua teoria.

– Se assim é – disse Poirot – foi feito com perfeito amor.

E o seu tom exprimia a reprovação do profissional.

– Há um americano neste trem – disse Bouc – um homem vulgar e mal trajado, cujos modos não são de boa sociedade. Sabe a quem me refiro? O empregado a quem ele se dirigira anuiu.

– Oi, Monsieur, o número 16. Porém, não pode ter sido ele. Eu tê-lo-ia visto entrar ou sair do seu camarote.

– Talvez não. Mas voltaremos a isso depois. O que importa é saber o que há a fazer – disse Bouc, falando a Poirot. O belga encarou-o.

– Venha, meu amigo – disse Bouc. – Compreende o que lhe vou pedir. Conheço a sua capacidade. Encarregue-se das investigações. Não, não recuse. É um caso grave para nós. Falo pela Compagnie Internationale des Wagons Lits. Quando a polícia iugoslava chegar, seria muito bom que já lhe pudéssemos apresentar o caso resolvido.

Senão, teremos atrasos, aborrecimentos e muitos outros incômodos. Talvez, quem sabe, suspeitas infundadas. Em lugar disto... o senhor resolve o mistério e nós diremos: ocorreu um crime... eis o assassino! – E se eu não o encontrar? – Ah! mon cher! – tornou Bouc, com uma inflexão carinhosa na voz. – Conheço-lhe a reputação. Sei alguma coisa acerca dos seus métodos. Este caso é ideal para o senhor. Investigar os antecedentes de toda esta gente, descobrir-lhe a boa fé, tudo isso custa tempo e incômodos. Mas, acaso, não o ouvi dizer frequentemente que

para resolver um caso basta recostar-se na cadeira e pensar? Interroque os passageiros, veja o cadáver, observe os indícios e depois... Eu confio no senhor. Tenho a certeza de que não exagerou os seus méritos. Recoste-se na cadeira, pense... Use (como eu o ouvi dizer) as pequeninas células cinzentas da mente e descobrirá.

E Bouc curvou-se, deitando ao investigador um olhar amigável.

– A sua confiança comove-me, meu amigo – disse Poirot, impressionado. – Como bem diz, este caso não será tão difícil. Eu mesmo na noite passada... Bem, não falemos agora deste assunto. Na realidade, este problema intriga-me. Eu dizia comigo mesmo, há menos de meia hora, que poderíamos contar com muitas horas de tédio, enquanto estivéssemos aqui. E agora... tenho um problema na mão.

– Aceita então? – perguntou Bouc, aliviado.

– C'est entendu. Pode confiar-me este caso.

– Bem! Estamos todos ao seu dispor.

– Para começar, gostaria de ter uma planta do carro Istambul-Calais, com o nome dos respectivos passageiros, dos quais gostaria de ver, também, os passaportes e as passagens.

– Encarregue-se disto, Michel.

O empregado retirou-se.

– Quais são os outros passageiros do trem? – perguntou Poirot.

– Neste vagão, somente o doutor Constantine e eu; no vagão vinda de Bucareste, um velho aleijado, conhecido do condutor. Os outros vagões não nos interessam, porque só entraram em serviço depois do jantar. A frente da Istambul-Calais há apenas o carro- restaurante.

– Parece-me – disse lentamente Poirot – que devemos procurar o nosso criminoso no Istambul-Calais. Naturalmente esta é também a sua opinião – concluiu ele voltando- se para Constantine.

O médico anuiu.

– Meia hora antes da meia-noite o trem parou aqui e nenhum passageiro desembarcou, desde então.

– O criminoso está conosco no trem... – disse Bouc solenemente.

CAPÍTULO VI

Uma mulher?

– Antes de tudo – disse Poirot – gostaria de falar com MacQueen. Talvez nos possa dar alguma informação.

– Com certeza – disse Bouc.

Depois, voltando-se para o chefe do pessoal, ordenou: – Vá chamar o Monsieur MacQueen.

O empregado obedeceu. Entretanto, o outro funcionário trouxera um maço de passagens e passaportes, que Bouc lhe tirou das mãos.

– Obrigado, Michel. Será melhor voltar agora ao seu trabalho. Mais tarde ouviremos o seu depoimento.

– Muito bem, senhor diretor.

E Michel deixou o camarote.

– Depois de interrogarmos o senhor MacQueen – disse Poirot – o doutor Constantine poderia acompanhar-me ao camarote do morto.

– Certamente.

– Depois de terminarmos aqui... – Nisto entrou o chefe do pessoal, acompanhado de Hector MacQueen. Bouc levantou-se.

– Estamos um pouco apertados aqui – disse ele, amavelmente. – Queira ocupar a minha cadeira, Monsieur MacQueen. O meu amigo Poirot sentar-se-á defronte do senhor.

E, voltando-se para o chefe do pessoal do trem, prosseguiu: – Mande desocupar o carro-restaurante e reserve-o para o senhor Poirot. Quer fazer ali o seu interrogatório, mon cher? – Seria melhor – replicou o belga. MacQueen olhava para um e outro, evidentemente sem compreender bem o rápido diálogo em francês.

– Qu'est ce qu'il a? – disse ele. – Pourquoi? Com um gesto enérgico, Poirot indicou-lhe a cadeira. O jovem americano sentou-se e repetiu: – Pourquoi? – acrescentou em inglês, encarando sucessivamente

todos os presentes. – Que houve? Aconteceu alguma coisa? Poirot fez-lhe um sinal afirmativo.

– Exatamente. Sucedeu alguma coisa. Prepare-se para um choque. Monsieur Ratchett morreu.

MacQueen apertou os lábios num assobio; exceto o brilho dos olhos, não mostrou, porém, nenhum sinal de abalo ou de desgosto e disse: – Então, eles o pegaram...

– Que significa isso, Monsieur MacQueen? O rapaz hesitou.

– Quer dizer – tornou Poirot -, que o Monsieur Ratchett foi assassinado? – E não foi? – perguntou MacQueen, com manifesta surpresa.

– Na verdade – prosseguiu ele lentamente – foi o que pensei. Julga talvez que ele morreu dormindo? Ora, o velho era tão rijo como... tão forte... – O rapaz interrompeu-se, sorrindo imperceptivelmente.

– Não, não – disse Poirot – a sua hipótese é acertada. O senhor Ratchett foi morto.

Apunhalado. Mas gostaria de saber por que tem o senhor tanta certeza de que se trata de um crime.

MacQueen hesitou.

– Expliquemo-nos – disse ele. – Quem é o senhor? E donde vem? – Represento a Compagnie Internationale des Wagons Lits – replicou o belga. E, depois duma pausa, acrescentou: – Sou um investigador. Chamo-me Hercule Poirot.

Se esperava produzir alguma impressão, falhou completamente, pois MacQueen limitou-se a dizer: – Ah! sim? E esperou que o outro prosseguisse.

– Conhece, acaso, o meu nome? – Parece-me conhecido; apenas sempre julguei que fosse o de um costureiro.

Poirot olhou-o, contrariado.

– É incrível! – observou.

– Que é incrível? – Nada. Continuemos o nosso inquérito. É preciso que me diga tudo o que sabe acerca do morto. Não era aparentado com ele? – Não. Sou apenas o seu secretário.

– Há quanto tempo exercia essa função? – Há cerca de um ano.

– Tenha a bondade de me dar todas as informações possíveis.

– Bem; encontrei o senhor Ratchett há um ano mais ou menos, na Pérsia...

Poirot interrompeu-o: – Que fazia o senhor lá? – Viera de Nova Iorque para fiscalizar uma concessão de petróleo. Não creio que esses pormenores o possam interessar. Os meus amigos e eu nos vimos em apuros, nesse negócio. O senhor Ratchett morava no mesmo hotel. Acabava de despedir o seu secretário. Convidou-me para substituí-lo e eu aceitei. Nas condições em que estava, agradei a sorte de ter encontrado esse emprego.

– E desde então? – Temos viajado. O senhor Ratchett desejava conhecer o mundo. Não conhecendo línguas, sentia-se embaraçado. Tornei-me mais propriamente um correio do que um secretário. Era uma vida agradável.

– Agora diga-me tudo o que sabe acerca do seu patrão.

O rapaz encolheu os ombros, com uma expressão de incerteza no rosto.

– Não é fácil – replicou afinal.

– Como se chamava ele? – Samuel Edward Ratchett.

– Americano? – Sim.

– De que região da América? – Não sei.

– Bem; diga-me então o que sabe.

– A verdade é, senhor Poirot, que eu nada sei a esse respeito. O senhor Ratchett nunca falava de si nem da sua vida na América.

– Não sabe dizer Por quê? – Não. Suponho que se envergonhava da sua origem humilde, como sucede a tantos homens.

– Parece-lhe motivo plausível? – Francamente não.

– Sabe se ele tinha parentes? – Nunca mencionou nenhum.

Poirot insistiu: – O senhor deve ter formado a sua opinião, senhor MacQueen.

– Sim, de fato. Suponho que o verdadeiro nome dele não fosse Ratchett. Desconfio que deixou a América para fugir de alguém ou de alguma coisa. E parece-me que conseguira o seu intento... porém só até há poucas semanas.

– E então? – Começou a receber cartas ameaçadoras.

– O senhor leu-as? – Sim. Eu estava encarregado de atender a correspondência. A primeira chegou há quinze dias.

– Essas cartas foram destruídas? – Não. Creio que ainda tenho duas delas... uma foi rasgada pelo senhor Ratchett, num acesso de cólera. Quer vê-las? – Seria bom.

MacQueen saiu, voltando poucos minutos depois, com duas folhas de papel que estendeu a Poirot.

A primeira dizia o seguinte: “Julga que nos enganou e passará impune? Juramos-lhe que não. Estamos atrás de você, Ratchett, e vamos apanhá-lo.” Não havia assinatura. Sem nenhum comentário, exceto um franzir de sobrancelhas, Poirot passou à segunda carta: “Não tardaremos a apanhá-lo, Ratchett. Dentro em pouco, havemos de matá-lo, sabe?” Poirot largou a carta.

– O estilo é uniforme – observou. – Mais do que a letra.

MacQueen encarou-o.

– O senhor não o notou – explicou o belga, jovialmente. – Isso requer muita prática. Esta carta não foi escrita por uma só pessoa, senhor MacQueen. Duas ou mais pessoas colaboraram nela... Escrevendo uma letra cada uma. Além disto, a carta foi escrita à máquina, o que torna muito mais difícil identificar a letra.

Depois de uma pausa, Poirot prosseguiu: – Sabe que o senhor Ratchett me pedira auxílio? – Ao senhor? O tom surpreso do rapaz convenceu Poirot de que ele, de fato, nada sabia.

– Sim. Estava alarmado. Diga-me: que efeito causou ao seu patrão a primeira carta? MacQueen hesitou: – É difícil dizer. Ratchett leu-a e riu-se, conservando a calma habitual. Notei, contudo, um leve estremecimento. Senti que essa calma era apenas aparente.

Poirot anuiu; depois fez uma pergunta inesperada: – Monsieur MacQueen, quer dizer-me com toda a franqueza como considerava o seu patrão? Tinha-lhe amizade? Hector MacQueen pensou um minuto ou dois, antes de responder.

– Não – disse afinal. – Nenhuma.

– Por quê? – Não lhe saberia explicar. Ele era sempre muito cortês.

– Após uma breve pausa, o rapaz prosseguiu: – Serei franco, senhor Poirot. Eu detestava-o e desconfiava dele.

Creio que era um homem mau e perigoso. Confesso, porém, que não tinha razões para formar esta opinião.

– Obrigado, Monsieur MacQueen. Mais uma pergunta: quando viu pela última vez o Monsieur Ratchett vivo? – Na noite passada cerca... – o rapaz pensou um instante – das dez horas. Entrei no camarote, para ir buscar umas notas.

– Notas? Acerca de quê? – Sobre algumas louças e porcelanas antigas que ele adquirira na Pérsia. O que lhe foi enviado não correspondia ao que ele comprara. Houve até uma correspondência longa e aborrecida, por esse motivo.

– E foi a última vez que o Monsieur Ratchett foi visto vivo? – Creio que sim.

– Sabe quando o Monsieur Ratchett recebeu a última carta ameaçadora? – Sim. Na manhã do dia em que deixamos Constantinopla.

– Mais uma pergunta, Monsieur MacQueen: estava de boas relações com o seu patrão? Os olhos do rapaz cintilaram subitamente.

– Chegamos ao ponto, não? Mas, em boa linguagem comercial, o senhor não tem nada contra mim. Eu e Ratchett vivíamos nos melhores termos.

– Monsieur MacQueen, quer dar-me o seu nome todo e o seu endereço na América? MacQueen concordou. Chamava-se Hector Willard MacQueen e o seu domicílio era Nova Iorque.

Poirot recostou-se no espaldar da cadeira.

– É tudo por ora, Monsieur MacQueen – disse ele.

– Ficar-lhe-ia muito grato, se não divulgasse, por enquanto, a morte do senhor Ratchett.

– O criado dele, Masterman, deve ser informado.

– Talvez ele já saiba – disse Poirot, secamente.

– Se assim for, peço-lhe que lhe recomende silêncio. Não será difícil. E um inglês e obedece à divisa: “guardar-se para si”. Tem uma opinião ruim dos americanos e nenhuma sobre as demais nacionalidades.

– Obrigado, Monsieur MacQueen.

O jovem americano saiu.

– Então? – perguntou Bouc. – Acredita no depoimento desse rapaz? – Parece honrado e sincero. Não simulou nenhuma amizade pelo velho americano, o que provavelmente faria, se estivesse implicado no crime. É verdade que Ratchett não o informou de que me havia pedido auxílio, mas isso não autoriza a suspeitar. Imagino que o velho americano preferia guardar para si as próprias decisões.

– Assim, parece-lhe que há, pelo menos, um inocente neste crime – disse Bouc, jovialmente.

Poirot lançou-lhe um olhar de censura.

– Só eu, por ora. Suspeito de todos até ao último instante – replicou ele. – Contudo, confesso que não vejo esse frio MacQueen perdendo a cabeça e cravando dez ou quinze punhaladas na sua vítima. Psicologicamente não é possível... Não pode ser.

– Não – concordou Bouc, pensativo. – Este crime é bem a ação de um homem quase louco de ódio. E, ao mesmo tempo, denuncia mais um temperamento latino. E sugere também, como disse o nosso amigo, o chefe do pessoal, a ideia de uma mulher.

CAPÍTULO VII

O corpo

Seguido pelo Dr. Constantine, Poirot encaminhou-se para o camarote do americano assassinado. O servente abriu-lhes a porta com a chave. Os dois homens entraram e o detetive deitou um olhar interrogador ao companheiro.

– Houve muita desordem no compartimento? – Nenhuma – tornou o médico. – Tive o cuidado de não mover o corpo, enquanto o examinava.

Poirot anuiu e olhou à sua volta. A primeira coisa que sentiu foi um frio intenso; a janela estava aberta e a cortina corrida.

– Brrr! – articulou o belga.

O médico sorriu e disse: – Preferi não fechar.

Entretanto, Poirot examinava cuidadosamente a janela.

– Tem razão – disse ele. – Ninguém deixou o trem por aqui. A janela aberta devia servir só para despistar, mas a neve anulou a precaução do criminoso.

Continuando o exame com a mesma atenção, o investigador tirou do bolso uma caixinha e pulverizou todo o caixilho com um pouco de pó.

– Nenhuma impressão digital – anunciou ele. – Isto até parece lavado. Aliás, se houvesse impressões digitais, pouco nos adiantariam. Podiam ser as de Ratchett, do seu criado ou do chefe do pessoal. Hoje nenhum criminoso cai neste logro. Sendo assim – acrescentou jovialmente – podemos fechá-la. Positivamente faz muito frio aqui.

Fechada a janela, Poirot voltou os olhos para o cadáver. Ratchett jazia de costas.

O casaco do pijama, todo manchado de sangue, fora desabotoado e puxado para trás.

– Fui eu – explicou o médico – para examinar a natureza dos ferimentos.

Poirot anuiu, curvou-se para o corpo e tornou a levantar-se com uma careta.

– Medonho! – disse ele. – Alguém deve tê-lo apunhalado repetidas vezes. Quantos são, ao certo, os golpes? – Conteí doze ferimentos. Um ou dois são tão leves que mais parecem arranhões.

Dos outros, pelo menos três são mortais.

A inflexão da voz do médico despertou a atenção do investigador, que lhe lançou um olhar penetrante. O grego fitava o cadáver com a testa franzida.

– Alguma coisa o impressionou, não é verdade? – perguntou Poirot, amavelmente.

– Fale, meu amigo. Há, de fato, alguma coisa que o intriga? – Acertou – disse o outro.

– Que é? – Vê estes dois ferimentos... aqui e ali...? – redarguiu o grego, apontando-os. – São profundos e devem ter cortado muitos vasos sanguíneos. Entretanto as orlas não se afastaram, não sangraram, como era de esperar.

– Que pensa disso? – Que o homem já estava morto quando esses golpes foram desferidos. Entretanto, é absurdo.

– De fato – disse Poirot, pensativo. – Salvo se o nosso criminoso, receando não ter desempenhado bem a sua tarefa, tivesse voltado para se certificar. Mas diz bem: é absurdo. Há mais alguma coisa? – Sim, só mais uma.

– Qual? – Veja este ferimento aqui, debaixo do braço direito, perto do ombro. Tome este meu lápis. Pode desferir semelhante golpe? Poirot balanceou a mão.

– De fato – disse finalmente. – Com a mão direita é difícil, quase impossível. Só se o golpe fosse dado com o dorso da mão. Porém, desferido com a esquerda...

– Exatamente, Monsieur Poirot. Este golpe foi dado com a mão esquerda.

– Logo, o nosso criminoso é canhoto? Não, é coisa mais difícil, não é verdade? – Isso mesmo, Monsieur Poirot. Alguns dos outros golpes foram desferidos com a mão direita.

– Nesse caso, os assassinos são dois. Estamos, portanto no encalço de dois criminosos – murmurou o investigador. Depois perguntou subitamente: – Havia luz acesa? – Não sei. Habitualmente o registro é desligado pelo revisor, todas as manhãs, pelas dez horas.

– Os pequenos interruptores o dirão – observou Poirot, examinando o da lâmpada do teto e o da cabeceira da cama.

– O primeiro estava desligado e o segundo também.

– Bem – disse ele, pensativo. – Temos agora a hipótese do primeiro e do segundo assassino, como diria o grande Shakespeare. O primeiro apunhalou a vítima e saiu do camarote, apagando a luz. O segundo entrou às escuras, não viu que a tarefa já fora cumprida e golpeou o cadáver. Que acha? – Magnífico! – disse o doutor, entusiasmado.

Os olhos de Poirot cintilaram.

– É desse parecer? Alegro-me por isso. Desconfiava que fosse uma ideia absurda.

– que outra explicação poderia haver? – E no que estou pensando. Será coincidência? Haverá uma incompatibilidade tal, que autorize a suspeitar de duas pessoas? – Creio que sim. Alguns destes golpes denunciam uma fraqueza: falta de vigor ou irresolução. Não foram desferidos com força. Mas este, e este outro... – acrescentou o médico, apontando-os – exigiram muita força. Penetraram nos músculos.

– Atribui-os a um homem? – Estou quase certo disso.

– Não poderiam ser dados por uma mulher? – Só por um mulher nova, atlética e robusta, e especialmente dominada por grande emoção. Porém, é pouco provável.

Poirot calou-se alguns instantes. O médico prosseguiu: – Compreende o que quero dizer? – Perfeitamente – replicou Poirot. – O fato começa a delinear-se com muita clareza: o criminoso foi um homem de grande vigor, um fraco, uma mulher, alguém que se serve da mão direita e um canhoto. Ah! c'est rigolo, tout ça! Depois, com um súbito assomo de cólera, acrescentou: – E que fez a vítima durante este tempo? Gritou? Resistiu? Defendeu-se? Poirot enfiou a mão debaixo do travesseiro e tirou o revólver automático, que Ratchett lhe mostrara na véspera.

– Completamente carregado – disse ele.

Os dois homens olharam em torno de si. O terno de Ratchett pendia do gancho preso à parede. Na mesinha do lavatório, viam-se vários

objetos, inclusive a dentadura postiça num copo de água, outro copo vazio, uma garrafa de água mineral, um grande frasco, um cinzeiro com a ponta de um cigarro, pedaços de papel e dois fósforos queimados.

O médico apanhou o copo vazio e levou-o ao nariz.

– Aqui está a explicação da inércia da vítima.

– Narcotizado? – Sim.

O investigador anuiu e pôs-se a examinar com atenção os dois fósforos.

– Tem um indício, então? – perguntou vivamente o médico.

– Estes dois fósforos são de forma diferente – disse Poirot.

– Um é mais arredondado do que o outro. Vê? – São dos que se encontram neste trem, em caixas de papel.

Poirot revistava os bolsos de Ratchett. Encontrou uma caixa de fósforos e comparou-os cuidadosamente.

– O arredondado era usado pelo morto. Vejamos se há também dos achatados.

Mas a nova busca foi infrutífera. O olhar de Poirot, rápido e penetrante, corria pelo camarote. Sentia-se que nada escaparia ao seu exame. De súbito, ele soltou uma exclamação e curvou-se para apanhar alguma coisa. Era um retalho de cambraia fina, tendo num dos cantos bordada a inicial H.

– Um lenço de mulher! – disse o médico. – O chefe do pessoal tinha razão. Há uma mulher implicada nisto.

– E esqueceu o lenço! – disse Poirot. – Exatamente como nos romances e nos filmes... E, para facilitar o trabalho, está ainda marcado com uma inicial.

– Que achado! – exclamou o médico.

– Não é mesmo? – disse Poirot.

Porém, certa inflexão da sua voz surpreendeu o grego. Mas antes que ele a pudesse explicar, Poirot fez outro achado no chão: um limpador de cachimbos.

– Seria de Ratchett? – sugeriu o médico.

– Não havia cachimbo no bolso dele nem fumo ou bolsa de fumo.

– Então, é mais um indício.

– Com certeza. E note: masculino, desta vez. Não nos podemos queixar de ausência de indícios. Há quantidade deles. Mas... Que fez da arma? – Não encontrei nenhuma. O criminoso levou-a.

– Gostaria de saber porquê – disse Poirot.

– Ah! – exclamou o médico, que acabava de explorar os bolsos do pijama de Ratchett. – Não tinha prestado atenção a isto – disse ele. – Desabotoei o casaco e puxei-o para trás.

Do bolso do peito, o médico extraiu um relógio de ouro, com sinais de violentas amolgaduras e parado a uma e quinze.

– Vê – exclamou Constantine. – Aqui está a hora do crime. Confirma os meus cálculos. Entre a meia-noite e duas da madrugada, disse eu, e provavelmente cerca da uma hora, se bem que seja difícil ser exato em tal assunto. Pois bem: eis a confirmação.

Uma hora e quinze. Foi a hora do assassinato.

– É possível. É bem possível.

O médico olhou curiosamente o investigador.

– Desculpe-me, senhor Poirot; não o entendo.

– Eu também não me entendo – replicou Poirot. – Não entendo coisa alguma, como vê, e isto me aborrece.

Dito isso, o belga curvou-se sobre a mesa, para examinar os pedaços de papel.

– Eu precisava, neste instante, de uma caixa velha de chapéus de mulher – murmurou ele.

O médico tinha curiosidade de saber o que motivava esta observação. Entretanto, Poirot não lhe deu tempo para perguntas. Abrindo a porta, chamou o chefe do pessoal.

Este acudiu, correndo.

– Quantas mulheres há no trem? – perguntou-lhe o detetive.

O empregado contou pelos dedos: – Uma, duas, três... seis. A velha americana, a jovem inglesa, a senhora sueca, a condessa Andrenyi e a princesa Dragomiroff, com a dama de companhia.

Poirot meditou.

– Todas trazem chapeleira? – Sim, senhor.

– Então traga-me... espere... sim, a da senhora sueca e a da criada alemã. Estas duas são a única esperança. Diga-lhes que é da praxe fazer isso... desculpe-se, enfim, como quiser.

– Tudo irá sem problemas. Nenhuma das senhoras está, neste momento, no camarote.

– Então, ande depressa.

O empregado saiu, voltando pouco depois com as duas chapeleiras. Poirot examinou a da governanta alemã e logo a pôs de lado. Abrindo, porém, a da sueca, soltou uma exclamação de alegria. Removendo cuidadosamente os chapéus, deu com duas redes de arame.

– Eis o que me faltava. Há quinze anos, as chapeleiras tinham este feitio.

Prendiam-se os chapéus, com um gancho, nesta rede de arame.

Enquanto falava, Poirot remexia cuidadosamente em dois dos ganchos. Depois fechou as chapeleiras, entregou-as ao empregado e ordenou-lhe que as tornasse a pôr no lugar. Fechada a porta, Poirot voltou-se para o médico.

– Como vê, meu caro doutor, eu não me fio nos processos usuais. O que procuro é o elemento psicológico e não as impressões digitais ou a cinza do cigarro. Porém, neste caso, abençoaria um pequeno auxílio científico. Este camarote está cheio de indícios, mas posso ter a certeza de que valem, de fato, alguma coisa? – Não o compreendi, Monsieur Poirot.

– Bom, dar-lhe-ei um exemplo, encontramos um lenço de mulher. Terá sido uma mulher quem o perdeu? Ou o assassino disse consigo: “Façamos crer que se trata de um crime de mulher. Apunhalarei o meu inimigo muitas vezes, desferindo alguns golpes fracos e ineficazes e deixarei este lenço bem à vista”? Eis uma possibilidade. Há outra.

Não será a criminosa uma mulher, que deixou, para despistar, um limpador de cachimbos? Poderemos tomar a sério a hipótese de dois criminosos, um homem e uma mulher, cada qual agindo separadamente e procurando esconder com esses indícios a própria identidade? Há excesso de coincidências, aqui! – Mas que relação tem a chapeleira com tudo isso? – perguntou o médico, intrigado.

– Ah! Lá chegaremos! Como eu disse, estes indícios, o relógio parado numa hora, o lenço, o outro objeto, podem ou não ter valor. Porém há um indício infalível. É este fósforo achatado. Creio que ele pertenceu ao criminoso e não a Ratchett. Talvez servisse para queimar algum documento comprometedor. Possivelmente uma nota. Se assim for, devia haver nessa nota algum engano, um erro denunciador. Procurarei reconstruir o que podia ser.

E Poirot saiu do camarote, voltando pouco depois com uma espiriteira e um par de pinças.

– Uso-as para o bigode – explicou ele, mostrando-as.

O médico seguiu-o com grande interesse. Poirot distendeu os dois ganchos de arame e enrolou o pedaço de papel num deles. Depois, agarrou-os ambos com a pinça, expondo-os à chama da espiriteira.

– E uma tentativa – explicou ele. – Esperemos que dê resultado.

O médico acompanhava atentamente a operação. O metal começou a brilhar. De súbito, apareceram tênues sinais de letras formaram-se pouco a pouco algumas palavras... Palavras de fogo. Ouviu-se um leve estalo. A frase constava de quatro palavras, a primeira delas truncada: “... bre-se da pequena Daisy Armstrong.” – Ah! Excelente! – exclamou Poirot.

– Descobriu alguma coisa? – acudiu o médico.

Os olhos do investigador cintilaram; e ele largou a pinça, com extremo cuidado.

– Sim – replicou finalmente. – Sei agora o verdadeiro nome da vítima e por que deixou a América.

– Como se chamava ele? – Casseti.

– Casseti? – Constantine franziu as sobrancelhas. – Lembra-me alguma coisa. Já faz alguns anos. Não me recordo bem. Foi um caso na América, não? – Sim – confirmou Poirot. – Um crime na América.

Mais do que nunca, o belga não estava disposto a falar. Continuava a examinar o que o cercava.

– Chegaremos ao fim num instante – disse afinal. – Certifiquemo-nos de que nada nos escapou.

O detetive tornou, rapidamente, a revistar os bolsos do cadáver. Nada encontrou.

Experimentou a porta que comunicava com o aposento vizinho, mas encontrou-a fechada pelo outro lado.

– Uma coisa, porém, não entendo – disse Constantine. – Se não fugiu pela janela, se a porta que comunica com o outro compartimento está fechada e a do corredor tinha o cadeado, como pôde o criminoso deixar o camarote? – É o que se diz a plateia, sempre que uma pessoa, fechada numa caixa, com as mãos e os pés atados, desaparece.

– Quer dizer que... ? – Suponho – disse Poirot – que, se o criminoso nos quis fazer crer que fugiu pela janela, procurou naturalmente mostrar a impossibilidade de se escapular por outro lado.

É um logro, como o da pessoa que desaparece misteriosamente. Cumpre-nos descobrir em que consiste.

E Poirot fechou a porta de comunicação.

– Para o caso – disse ele – da excelente Mrs. Hubbard tentar arranjar detalhes em primeira mão sobre o crime e depois escrevê-los à filha.

O detetive deu um último olhar em torno de si.

– Não há mais nada a fazer aqui, segundo me parece. Vamos procurar o senhor Bouc.

CAPÍTULO VIII

O rapto de Daisy Armstrong

Encontraram Bouc, terminando uma omelete.

– Achei melhor mandar servir imediatamente o almoço no carro-restaurante – disse ele. – Depois será desocupado e o senhor Poirot poderá começar o seu inquérito.

Entretanto, ordenei que nos servissem aqui.

– Uma ideia excelente – disse Poirot.

Nenhum dos três tinha fome, e a refeição terminou rapidamente. Porém, só ao café, Bouc aludiu ao assunto que os preocupava.

– Então? – perguntou.

– Descobri a identidade da vítima. Sei agora o motivo imperioso que a levou a deixar a América.

– Quem era ele? – Não se lembra de ter lido qualquer coisa acerca da pequena Armstrong? Ratchett foi o assassino da menina Daisy Armstrong: Cassetti.

– Lembro-me agora! Um caso impressionante, porém não me recordo dos pormenores.

– O coronel Armstrong era inglês, meio americano por parte da mãe, filha de W.K. Van der Halt, o milionário de Wall Street. Casou-se com a filha de Linda Arden, a mais famosa atriz trágica do seu tempo. O casal vivia na América e tinha uma filhinha que adoravam. Aos três anos, esta foi raptada. Exigiram, para restituí-la, uma soma exorbitante. Não o aborrecerei com todos os particulares. Limite-me a dizer que, paga a soma de duzentos mil dólares, descobriu-se o cadáver da pequena, morta havia quinze dias. O caso provocou a indignação popular. Porém, ainda houve coisa pior. Mrs. Armstrong esperava outro filho. O abalo dessa triste notícia causou a morte da mãe e da criança e o coronel, desvairado, suicidou-se.

– Deus! Que tragédia! – exclamou Bouc. – Lembro-me agora! Se não me engano, houve outra morte.

– Sim, uma infeliz ama francesa ou suíça. Certa de que ela estava implicada no crime, a polícia recusou-se a crer nas suas negativas obstinadas. Afinal, a pobre moça, num acesso de desespero, atirou-se de uma janela e morreu. Mais tarde verificou-se que estava inocente! – Nem é bom pensar nisso! – disse Bouc.

– Seis meses depois, Casseti foi preso como chefe do bando que raptara a criança.

Usava sempre os mesmos métodos. Quando a polícia lhe andava no encalço, matava o prisioneiro, escondia-lhe o corpo e continuava a extorquir dinheiro, antes que o crime fosse descoberto. Creio que poderei agora explicar melhor o caso, meu amigo – continuou Poirot. – Ele era Casseti. Mas, graças à enorme riqueza que juntara e ao poder secreto que exercia sobre várias pessoas, foi absolvido. Apesar disso, se não fosse esperto, seria linchado pelo povo. Compreendo claramente o que se deu. Ele mudou de nome e deixou a América. Desde então, tem-se apresentado como cavalheiro desocupado, viajando e vivendo dos rendimentos.

– Ah! Quel animal! – disse Bouc, com repugnância. – Não lhe lamento a morte! – Concorde.

– Contudo, não era preciso que fosse assassinado logo no Expresso do Oriente. Há outros lugares! Poirot sorriu. Compreendia que Bouc devia estar contrariado.

– O que resta saber – disse ele – é se o crime foi praticado por um bandido rival de Casseti e talvez enganado por ele, ou se estamos em presença de uma vingança particular.

E explicou o achado das palavras escritas no pedaço de papel.

– Salvo erro, a carta foi queimada pelo criminoso. Por quê? Porque havia o nome de Daisy Armstrong, chave de todo o mistério.

– Vive ainda algum membro da família Armstrong? – Infelizmente, não sei. Parece-me que ouvi falar de uma irmã de Mrs. Armstrong.

Poirot continuou a relatar as suas conclusões e as do médico. Bouc animou-se, ao ouvir falar do relógio parado.

– Então saberíamos a hora exata em que se deu o crime – disse ele.

– Sim – disse Poirot. – É bem provável.

Havia na sua voz uma inflexão estranha; os seus companheiros olharam-no com curiosidade.

– Disse-me que ouviu Ratchett falar ao empregado, às vinte para uma.

Poirot contou-lhes o que ocorrera.

– Bem – disse Bouc – isso prova, ao menos, que Casseti ou Ratchett, como continuo a chamá-lo, às vinte para uma.

– Vinte e três para a uma, para ser exato.

– Então, digamos: à meia-noite e trinta e sete minutos, Ratchett ainda vivia.

O detetive não replicou. Fitava pensativamente o olhar diante de si. Bateram à porta. Entrou um garçom.

– O carro-restaurante está livre, Monsieur – anunciou ele.

– Vamos para lá – disse Bouc, levantando-se.

– Posso acompanhá-lo? – perguntou Constantine.

– Certamente, meu caro doutor! A não ser que o senhor Poirot tenha alguma coisa em contrário.

– Nada, absolutamente – disse Poirot.

E, esquivando-se cortesmente cada qual para ceder o passo aos outros, os três homens deixaram o camarote.

Parte II

Os Testemunhos

CAPÍTULO I

O depoimento do condutor da Wagon Lit

No carro-restaurante estava tudo pronto. Poirot e Bouc sentaram-se a uma mesa.

O médico ocupou um lugar mais afastado. Na mesa diante do detetive desdobrava-se uma planta do expresso Istambul-Calais, com o nome dos respectivos passageiros, marcados com tinta vermelha. Os passaportes e as passagens empilhavam-se um pouco mais além. Havia também tinta, caneta, lápis e papel.

– Muito bem – disse Poirot. – Podemos começar o inquérito. Ouviremos primeiro o depoimento do chefe do pessoal. Conhece esse homem? Que caráter tem ele? E pessoa em cuja palavra se possa confiar? – Certamente. Pierre Michel serve a Companhia há quinze anos. É francês... dos arredores de Calais. Absolutamente honrado e respeitável. Talvez não muito inteligente.

Poirot anuiu, com expressão compreensiva.

– Bom – disse ele. – Ouçamo-lo.

Pierre Michel recobrou parte da sua calma, mas ainda se mostrava muito nervoso.

– Espero, senhor, que não me julgue culpado de alguma negligência – disse ele, ansiosamente, correndo o olhar de Poirot para Bouc. – O que aconteceu é horrível! Confio em que não me julgue responsável.

Depois de tranquilizar o pobre homem, Poirot começou a interrogá-lo. Pediu-lhe primeiro o nome e o endereço, os anos de serviço, e o tempo que servia nessa linha. Já conhecia esses particulares, mas as perguntas de rotina serviam para pôr o funcionário à vontade.

– Agora – disse Poirot – passemos aos acontecimentos da noite passada. Quando se retirou Monsieur Ratchett para o seu aposento? – Logo depois do jantar. No caso, antes de deixarmos Belgrado. Pedira-me que lhe preparasse a cama, enquanto ele jantava, e assim fiz.

– Entrou alguém no camarote dele, mais tarde? – O criado e o secretário.

– Mais alguém? – Não, que eu saiba.

– Bom. E foi essa a última vez que o viu ou ouviu? – Não, senhor. Lembra-se dele ter chamado às vinte para uma... Pouco depois de termos parado.

– Que houve então? – Bati à porta e ele disse-me que se enganara.

– Em inglês ou em francês? – Em francês.

– Que disse ele? – Ce n'est rien. Je me suis trompé.

– Muito bem – disse Poirot. – Foi o que ouvi. E, depois disso, o senhor retirou-se? – Sim, Monsieur.

– Voltou ao seu lugar? – Não. Atendi antes outra chamada.

– Agora vou fazer-lhe uma pergunta importante. Onde estava, à uma hora e quinze? – Eu? Estava no meu lugar.

– Tem a certeza? – Sim... pelo menos até...

– Diga...

– Até que passei ao vagão de Atenas, para conversar com o meu colega.

Falávamos da neve. Era pouco mais de uma hora, não tenho bem a certeza.

– Quando voltou? – Voltei, para atender uma chamada... lembro-me de que lhe contei. Era a senhora americana. Tocara várias vezes.

– Lembro-me – disse Poirot. – E depois? – Depois? Atendi a sua chamada e trouxe-lhe água mineral. Daí a meia hora fui fazer a cama noutra camarote, no do jovem americano, o secretário de Monsieur Ratchett.

– O senhor MacQueen estava só no camarote? – Não; encontrei-o conversando com o coronel inglês do número 15.

– Que fez o coronel, quando deixou MacQueen? – Voltou ao camarote dele.

– O número 15. Bem perto do seu lugar, não, Michel? – Sim, senhor. É o segundo camarote, a partir do fundo do corredor.

– Estava feita a cama? – Sim. Eu fizera-a, enquanto ele jantava.

– Que horas eram? – Não sei ao certo. Não mais de duas horas, em todo o caso.

– E depois disso? – Depois? Fiquei no meu lugar, até amanhecer.

– Não voltou ao vagão de Atenas? – Não, Monsieur.

– Dormiu, talvez? – Creio que não. Estando o trem parado, eu não podia dormir, como de costume.

– Viu algum passageiro passar pelo corredor? Michel refletiu.

– Uma das senhoras entrou no toalete se não me engano.

– Qual delas? – Não sei. Ela estava longe e, além disso, de costas para mim. Vestia um quimono de tecido vermelho, estampado com dragões.

Poirot anuiu.

– E depois? – Nada mais, até amanhecer.

– Tem a certeza? – Ah! pardon! O senhor também abriu a porta e olhou para fora um momento.

– Bem, meu amigo – disse Poirot. – Alegro-me de que se lembre disso. Fui acordado por um rumor, semelhante ao de um corpo pesado, caindo de encontro à porta.

Tem ideia do que pode ter sido? O homem encarou-o.

– Nada, senhor. Não sei de nada! – Tive então um pesadelo – disse Poirot, calmamente.

– A não ser – atalhou Bouc – que fosse no camarote vizinho.

Poirot não tomou nota da sugestão. Talvez não quisesse fazê-lo diante do chefe do pessoal.

– Vamos a outro assunto – disse ele. – Suponhamos que, na noite passada, um assassino entrasse no trem. De fato, ele não poderia deixar o trem depois de cometer esse crime? Pierre Michel meneou a cabeça negativa mente.

– Nem poderá estar escondido no trem? – Fizeram-se todas as buscas – atalhou Bouc. – Abandone essa ideia, meu amigo.

– Aliás – disse Michel -, ninguém poderia ter deixado a carro-dormitório sem que eu o visse.

– Qual foi a última paragem do trem? – Vincovci.

– A que horas? – Creio que saímos dali às onze e cinquenta e oito. Mas, devido ao tempo, atrasamo-nos uns vinte minutos.

– Poderia alguém entrar no trem pelos vagões comuns? – Não, senhor. Depois do jantar, fecha-se a porta dos carros-dormitórios que comunica com os vagões comuns.

– O senhor desembarcou em Vincovci? – Sim, senhor. Desci à plataforma, como de costume, e parei no estribo do trem.

Os meus colegas fizeram o mesmo.

– E a porta próxima do carro-restaurante? – Está sempre fechada por dentro.

– Agora não.

Michel parou surpreendido; depois a sua fisionomia iluminou-se.

– Decerto, algum dos passageiros a abriu, para olhar a neve.

– Provavelmente – concordou Poirot.

E o detetive tamborilou com os dedos na mesa, um ou dois minutos.

– Não me repreende por isso, senhor? – perguntou Michel timidamente.

Poirot sorriu-lhe com bondade.

– Teve pouca sorte, meu amigo – disse ele. – Ah! Outra coisa! Diz que, enquanto atendia Ratchett, ouviu outra chamada? De fato, eu também ouvi. Quem era? – A princesa Dragomiroff . Queria que eu lhe chamasse a dama de companhia.

– Cumpriu essa ordem? – Sim, Monsieur.

Poirot examinou pensativamente a planta do trem. Depois curvou a cabeça.

– Basta, por enquanto – disse ele.

– Obrigado, Monsieur.

Michel levantou-se e olhou para Bouc.

– Não se aborreça – disse bondosamente o diretor da Companhia. – Não vejo neste caso nenhuma negligência da sua parte.

Aliviado, o funcionário deixou a cabina.

CAPITULO II

O depoimento do secretário

Durante um ou dois minutos, Poirot refletiu.

– Creio – disse ele – que, de posse destes esclarecimentos, seria conveniente falar com o Monsieur MacQueen.

O jovem americano apareceu prontamente.

– Bem – disse ele. – Como vão as coisas? – Não muito mal. Descobri alguma coisa... a identidade de Monsieur Ratchett.

MacQueen animou-se: – Sim? – perguntou.

– Ratchett, como o senhor suspeitava, não passava de um nome falso. Ratchett era Casseti, o homem que se celebrou em raptar crianças, inclusive no famoso caso da pequena Daisy Armstrong.

Uma expressão de espanto passou pela fisionomia de MacQueen; depois uma sombra escureceu-lhe o rosto.

– Maldita raposa! – exclamou ele.

– Não desconfiava disso, Mr. MacQueen? – Não – disse resolutamente o jovem americano. – De contrário, preferia cortar a mão direita a servir-lhe de secretário.

– Esse caso impressiona-o muito, senhor MacQueen.

– Tenho razões particulares para isso. Meu pai era o promotor encarregado do caso. Vi mais de uma vez Mrs. Armstrong, era uma pessoa muito amável. Tão gentil e tão desolada! – O rosto do jovem tornou-se sombrio. – Se alguma vez um homem mereceu o que obteve, esse homem foi Ratchett ou Casseti. Não lhe lamento a morte.

Esse indivíduo não era digno de viver! – O senhor fala como se tivesse pensado em matá-lo.

– De fato. Eu... – o jovem calou-se um momento, para depois prosseguir, muito vermelho. – Parece que me estou incriminando.

– Inspirar-me-ia mais suspeitas, se mostrasse um desgosto exagerado pela morte do seu patrão.

– Creio que não o fingiria, nem para me salvar da morte – disse MacQueen, com ar sombrio.

Depois acrescentou: – Se não for indiscrição, diga-me como conseguiu descobrir isso? Quero dizer: a identidade de Ratchett.

– Por um pedaço de papel, que encontrei no camarote dele.

– Foi então um descuido do velho? – Conforme o ponto de vista – replicou Poirot.

Parecendo desconfiar dessa resposta, o rapaz encarou o detetive, como se esperasse fazê-lo falar.

– O que tenho a fazer – disse Poirot – é averiguar os movimentos de todos os passageiros do trem. Ninguém se deve ofender com isto. É apenas uma formalidade.

– Certamente. Continue, e eu explicar-lhe-ei tudo o que puder a meu respeito.

– Não preciso perguntar-lhe o número do seu camarote – disse Poirot, sorrindo – porque o partilhei com o senhor uma noite. É um camarote de segunda classe, números 6 e 7, ocupado exclusivamente pelo senhor, depois que eu saí.

– Muito bem.

– Agora, Monsieur MacQueen, quero que me diga o que fez na noite passada, desde que deixou o carro-restaurante.

– É muito simples. Fui ao meu camarote, li um pouco, desembarquei na plataforma de Belgrado e, como fazia muito frio, tornei a embarcar. Falei um instante com uma moça inglesa, que ocupa um camarote próximo do meu, e, em seguida, entretive-me a conversar com o coronel Arbuthnot. Lembro-me até de que o senhor passou pelo corredor, enquanto falávamos. Mais tarde, fui ao camarote do senhor Ratchett buscar umas notas, como já lhe disse. Depois dei-lhe boa noite e saí. O coronel Arbuthnot ainda passeava no corredor. O seu camarote estava pronto para a noite e eu convidei-o a acompanhar-me até ao meu. Pedi bebidas e pusemo-nos então a discutir vários assuntos.

– Sabe dizer a que horas se separaram? – Muito tarde, cerca das duas horas, segundo creio.

– Notou que o trem tinha parado? – Sim. Admiramo-los um pouco. Olhamos para fora e vimos a neve espessa que nos cercava; não julgamos, porém, que fosse caso sério.

– Que aconteceu, quando, afinal, o coronel Arbuthnot se despediu?
– Logo que ele se afastou, mandei chamar o chefe do pessoal para fazer-me a cama.

– Onde ficou o senhor, enquanto ele fazia esse serviço? – No corredor, à frente da porta, fumando um cigarro.

– E depois? – Depois? Deitei-me e dormi até ao amanhecer.

– Ontem à tarde não desembarcou? – Arbuthnot e eu queríamos descer em... como se chama esse lugar?... Vincovci, para fazer um pouco de exercício. Mas fazia muito frio. Voltamos logo.

– Por onde deixou o trem? – Por uma porta, próxima do nosso camarote.

– A porta contígua ao carro-restaurante? – Sim.

– Não se lembra se estava trancada? MacQueen refletiu.

– Sim, parece-me que estava. Havia uma tranca... uma espécie de ferrolho no trinco da porta. É a isso que se refere? – Sim. Quando voltou, colocou de novo a tranca? – Não sei... creio que não... É ponto de importância? – perguntou subitamente o rapaz.

– Não sei. Pode ser. Suponho que, enquanto o senhor falava com o coronel Arbuthnot, a porta do seu camarote estava aberta, não? MacQueen assentiu.

– Gostaria que me dissesse, se alguém passou pelo corredor, desde que deixamos Vincovci, até que o senhor se separou do coronel.

MacQueen franziu as sobrancelhas.

– Vi o chefe do pessoal passar uma vez, vindo do carro-restaurante. E uma mulher passou na direção contrária.

– Quem era? – Não sei. Não prestei atenção. Discutia com Arbuthnot. Vislumbrei apenas um reflexo de seda escarlate; não a olhei. Aliás, não lhe veria o rosto. Como sabe, o meu camarote é em frente ao carro-restaurante, e, indo nessa direção, a passageira devia forçosamente estaria de costas para mim.

Poirot anuiu.

– Ela ia talvez ao toalete? – Presumo que sim.

– Viu-a voltar? – Não, agora lembro-me de que não a vi passar. Mas suponho que voltou.

– Mais uma pergunta: fuma cachimbo, Mr. MacQueen? – Não, senhor.

Poirot calou-se um instante.

– Por ora, basta – disse enfim. – Gostaria agora de falar com o criado de Ratchett.

A propósito, o senhor e ele viajavam sempre na segunda classe? – Ele sim. Eu quase sempre ia de primeira, no camarote contíguo ao do senhor Ratchett. Ele punha quase todas as suas bagagens no meu camarote e assim tinha-as, como a mim, ao alcance da mão. Mas, desta vez, todos os camarotes de primeira classe estavam tomados, exceto o dele.

– Compreendo. Obrigado, Monsieur MacQueen.

CAPÍTULO III

O depoimento do criado

Ao americano seguiu-se o inglês, de rosto pálido e inexpressivo, que Poirot avistara dias antes. Perfilado, esperava corretamente as ordens do detetive, que o mandou sentar-se.

– Ouvi dizer que era o criado do senhor Ratchett? – Sim, senhor.

– Como se chama? – Edward Henry Masterman.

– Que idade tem? – Trinta e nove anos.

– O seu endereço? – Friar Street número 21, Clerkenwell.

– Sabe que o seu patrão foi assassinado? – Sim. E um fato impressionante.

– Quer dizer-me quando viu pela última vez Monsieur Ratchett? O criado refletiu.

– Deviam ser nove horas, ou pouco mais.

– Diga-me o que houve.

– Fui ao camarote do Mr. Ratchett, como de costume, pedir-lhe as ordens.

– Quais eram as suas obrigações? – Dobrar e pendurar-lhe a roupa. Pôr na água a dentadura postiça e cuidar de que nada lhe faltasse, durante a noite.

– Notou alguma diferença no modo dele? O criado refletiu um instante.

– Desconfio que ele estava um pouco agitado.

– Por quê? – Por causa de uma carta que recebera. Perguntou-me se era eu que a tinha posto no camarote. Naturalmente respondi-lhe que não, ele porém praguejou e reclamou contra tudo o que fiz.

– Isso não era natural nele? – Oh! Bem natural. Ele encolerizava-se frequentemente, em geral sempre que estava agitado.

– O seu amo costumava tomar algum narcótico? Constantine agitou-se.

– Em viagem, sim. Dizia que, do contrário, não poderia dormir.

– Sabe o que ele costumava tomar? – Não sei. Não havia rótulo no frasco. Unicamente esta indicação: “Soporífero para tomar à hora de dormir”.

– O senhor Ratchett fez uso dele, na noite passada? – Sim, senhor. Eu mesmo o preparei.

– Não o viu tomar? – Não, senhor.

– Que aconteceu depois? – Perguntei-lhe se desejava mais alguma coisa e a que horas queria que o acordasse no outro dia. Respondeu-me que, enquanto não me chamasse, não queria ser perturbado.

– Costumava proceder assim? – Sim, senhor. Quando estava disposto a levantar-se, mandava-me chamar pelo chefe do pessoal do trem.

– Levantava-se cedo ou tarde? – Conforme. Às vezes cedo, outras vezes só à hora do almoço.

– Assim não estranhou, esta manhã, que não o chamassem? – Não, senhor.

– Sabia que o seu patrão tinha inimigos? – Sim, senhor. O criado não manifestava a menor perturbação.

– Como o sabia? – Ouvi-o discutir com Mr. MacQueen, acerca de umas cartas.

– Tinha alguma amizade com seu patrão, Masterman? O rosto do criado perdeu um pouco da habitual impassibilidade.

– Propriamente não. Entretanto, ele era muito generoso.

– E você não gostava dele? – Não gosto muito dos americanos.

– Já esteve na América? – Não, senhor.

– Lembra-se de ter lido alguma coisa acerca do caso Armstrong? O criado corou levemente.

– Sim. Uma menina, não é verdade? Um caso impressionante.

– Sabia que o seu patrão foi o principal responsável desse caso? – Não, decerto! – replicou o criado com calor e sentimento. – Mal posso imaginar semelhante coisa.

– Entretanto, é verdade. Agora vejamos: que fez na noite passada? É apenas uma formalidade, compreende? Que fez, depois de deixar o seu patrão? – Disse a Mr. MacQueen que o patrão lhe queria falar. Depois fui para o meu camarote e li.

– O seu camarote é o...? – O último da segunda classe. Perto do carro-restaurant.

Poirot deitou um olhar à planta do trem.

– Compreendo... e qual é o seu leito? – O de baixo.

– O número 4? – Sim, senhor.

– Tem algum companheiro de camarote? – Sim. Um rapaz italiano.

– E esse fala inglês? – Ora, uma espécie de inglês – disse o criado, com desdém. – Esteve na América, em Chicago, segundo ouvi dizer.

– Conversam muito? – Não, senhor. Eu prefiro ler.

Poirot sorriu. Ele imaginava a cena: o italiano robusto e volúvel e o ar de censura desse espécime de gentleman.

– Posso perguntar-lhe o que lê? – continuou o detetive.

– Agora estou lendo o *Cativo do Amor* de Arabela Richardson.

– É um bom livro? – É muito divertido.

– Bem, continuemos. Voltou então ao camarote e pôs-se a ler o *Cativo do Amor* até quando? – Cerca das dez e meia, o italiano quis dormir e o chefe do pessoal veio fazer as camas.

– Deitou-se e dormiu? – Deitei-me, porém não pude dormir.

– Por quê? – Tinha dor de dentes.

– Ora, ora! Isso é doloroso.

– Muito! – Fez algum curativo? – Um pouco de malva, mas assim mesmo não pude dormir. Então acendi a luz e continuei a ler, para me distrair.

– E não dormiu a noite toda? – Adormeci pelas quatro horas da madrugada.

– E o seu companheiro? – O rapaz italiano? Oh! Chegou a roncar! – Não o viu sair do camarote, durante a noite? – Não, senhor.

– E você? – Também não saí.

– Ouviu alguma coisa? – Não. Nada de estranho, pelo menos. Quando o trem parou tudo estava no maior silêncio.

Poirot calou-se um instante, depois prosseguiu: – Bem, creio que é tudo. Nada mais pode adiantar? – Infelizmente, não.

– Não sabe se havia alguma discussão ou atrito entre o seu patrão e Monsieur MacQueen? – Oh! não, senhor. Mr. MacQueen é um cavalheiro muito amável.

– Onde estava antes de servir o senhor Ratchett? – Eu? Em casa de Sir Henry Tomlinson, em Grosvenor Square.

– Por que deixou o emprego? – O meu patrão partiu para a África Oriental, dispensando os meus serviços. Estive com ele vários anos.

– Há quanto tempo servia o Monsieur Ratchett? – Há uns nove meses, senhor.

– Obrigado, Masterman. Escute: costuma fumar cachimbo? – Não, senhor, fumo só cigarros.

– Está bem. Por enquanto, não preciso de mais nada.

E, com um aceno, Poirot despediu o criado. Este hesitou um instante. Por fim, disse: – Desculpe-me, senhor, mas a senhora americana está num estado incrível de excitação. Leva-a a dizer que sabe tudo acerca do assassino.

– Nesse caso – disse Poirot, sorrindo – será melhor ouvi-la em primeiro lugar.

– Quer que a chame, senhor? Ela está aí, a pedir que uma autoridade a ouça. O chefe do pessoal tentou inutilmente acalmá-la.

– Então chame-a – concordou Poirot. – Ouviremos imediatamente o seu depoimento.

CAPÍTULO IV

O depoimento da dama americana

Mrs. Hubbard entrou no carro-restaurante tão excitada, que mal podia falar.

– Mas, digam-me uma coisa: não há uma autoridade aqui? Tenho importantes declarações a fazer e desejo prestá-las diante de uma autoridade. Se os senhores, cavalheiros...

A americana correu o olhar pelos três homens. Poirot inclinou-se.

– Diga-me tudo o que sabe, minha senhora. Mas antes, queira sentar-se.

Mrs. Hubbard caiu pesadamente na cadeira em frente à do detetive.

– O que tenho a dizer é o seguinte: havia um assassino no trem, esta noite, e ele estava exatamente no meu camarote. – A americana calou-se, para emprestar certa ênfase dramática à sua declaração.

– Tem a certeza, minha senhora? – Naturalmente! Que ideia! Sei o que digo! Dir-lhe-ei tudo o que sei. Ontem me deitei, adormeci e acordei sobressaltada, estava escuro, e eu vi um homem no meu camarote. Fiquei tão apavorada que nem tive coragem de gritar. Fiquei imóvel e pensei: "Pronto! Vou ser assassinada!" Não lhe posso descrever o que senti. "Estes malditos trens!", pensei, lembrando-me de todos os atentados que li. Refleti, contudo, que ele não me poderia roubar as joias, que trago escondidas numa meia, debaixo do travesseiro... não é muito confortável, convenhamos, porém, encontrarei melhor, se puder. Mas...

onde estava eu? – Dizia que percebeu a presença de um homem no seu camarote.

– Bem. Então, como disse, fiquei deitada, de olhos fechados, pensando: "Felizmente a minha filha ignora o apuro em que me acho!" Depois recobrei o sangue–frio e chamei o chefe do pessoal. Cansei-me de tocar, se m que ele atendesse. Juro-lhe que pensei que o meu coração parasse de bater. "Misericórdia!", disse comigo mesma, "todos foram

assassinados neste trem!” Estávamos parados e reinava profundo silêncio.

Continuei, porém, a apertar o botão, até ouvir, com grande alívio, o chefe do pessoal do trem, que veio, correndo, bater à porta. “Entre!”, gritei. Acredita que não havia ninguém no camarote? E Mrs. Hubbard calou-se observando o efeito da sua revelação.

– E depois, minha senhora? – Conteí tudo ao chefe do pessoal que não quis acreditar-me. Julgava que eu tivesse sonhado. Mandei-o revistar debaixo da cama, embora ele dissesse que não havia no camarote espaço suficiente para um homem se esconder. Era evidente que o criminoso fugira e eu quase enlouqueci com as palavras que me dizia o chefe do pessoal do trem para me acalmar. Eu não costumo mentir... Mr... Como é o seu nome? – Poirot, minha senhora; este cavalheiro é o senhor Bouc, diretor da Companhia, e o doutor Constantine.

– Muito prazer em conhecê-los – murmurou distraidamente a senhora Hubbard. E, voltando à sua narração, continuou: – Confesso que eu poderia ter sido mais esperta. No primeiro momento, imaginei que fosse o meu vizinho... o pobre homem que foi assassinado. Mandei o chefe do pessoal examinar a porta de comunicação, certa de que não estava trancada. Fi-lo pôr a tranca e, quando ele saiu, para maior segurança, levantei-me e empurrei uma mala de encontro à porta.

– Que horas eram, Mrs. Hubbard? – Não sei ao certo. Nem me lembrei de ver. Estava tão agitada! – E qual é a sua opinião, agora? – Ora! É claro que o homem que vi no meu camarote era o assassino. Quem mais poderia ser? – Supõe que ele passou ao camarote vizinho? – Como quer que saiba? Eu tinha os olhos bem fechados.

– Ele pode ter fugido para o corredor.

– Não sei. Como já lhe disse, tinha os olhos fechados. – E Mrs. Hubbard pôs-se a soluçar convulsiva mente. – Misericórdia! Que susto! Se a minha filha soubesse...

– Quem sabe se o barulho que ouviu não provinha do quarto onde se deu o crime? – Não, Mr... Mr. Poirot. O homem estava no meu camarote. Tenho provas! E a americana exibiu triunfalmente uma maleta de mão, em cujo interior se pôs a remexer. Apareceram sucessivamente dois lenços, um par de óculos de aros de tartaruga, um tubo de aspirina, um pacote de sal Glauber, um tubo de celuloide de hortelã pimenta, um

maço de chaves, um par de tesouras, uma caderneta de cheques de expresso americano, um instantâneo de uma criança de aspecto vulgar, algumas cartas, cinco fios de contas falsas do Oriente e por fim um botão de metal.

– Vê este botão? Não é meu. Encontrei-o esta manhã, quando me levantei.

Mal a velha senhora o pousou na mesa, Bouc inclinou-se e soltou uma exclamação.

– Mas é um botão da jaqueta dos empregados da Wagon Lit! – Há uma explicação natural para isso – disse Poirot. Depois, voltando-se para a americana, prosseguiu amavelmente: – Este botão pode ter sido perdido pelo chefe do pessoal quando revistava o camarote ou quando arranjou a cama.

– Não sei o que querem dizer. Mas creio que fazem objeções. Agora escutem: ontem, antes de me deitar, lia uma revista. Indo apagar a luz, larguei a revista num banco perto da janela. Compreenderam? E, como eles respondessem afirmativamente, a velha senhora continuou: – Bem; o chefe do pessoal revistou o camarote, trancou a porta de comunicação, mas esqueceu-se de chegar à janela. Pois bem, esta manhã encontrei o botão em cima da revista. Que chamam a isto, pode saber-se? – Na minha opinião, chama-se um indício, minha senhora – replicou o detetive.

Essa resposta pareceu sossegar a americana.

– Quase enlouqueço, quando não acreditam no que digo! – explicou ela.

– A senhora trouxe-nos o indício mais claro e valioso – disse Poirot suavemente. – Agora dá licença para que lhe faça umas perguntas? – Como não? Da melhor vontade.

– Por que razão, desde que suspeitava de Ratchett, não trancou a porta que comunicava com o camarote dele? – Eu tinha-a trancado – afirmou resolutamente Mrs. Hubbard.

– Ah! sim? – Ou antes: perguntei à senhora sueca, uma excelente criatura, se a porta estava trancada e ela respondeu-me que sim.

– Por que não a examinou por si mesma? – Porque eu estava deitada e o meu saco com objetos de banho, pendurado no trinco da porta.

– Que horas eram, quando fez essa pergunta à sua companheira? – Vejamos: talvez dez e meia ou quinze para as onze. Ela veio pedir-me uma aspirina. E eu disse-lhe onde a podia encontrar.

– Estava deitada? – Sim. – De súbito, a velha americana riu-se: — Pobre criatura, estava fora de si.

Imagine que abriu por engano, a porta do camarote vizinho.

– De Monsieur Ratchett? – Sim. O senhor sabe como é difícil andar pelo trem quando todas as portas estão fechadas. Ela enganou-se. Ficou desesperada. Ao que parece, ele soltou uma gargalhada e desconfio que foi um tanto grosseiro. Coitada! Ela desculpou-se: “Enganei-me, senhor. Tenho horror de me enganar.” E ele respondeu: “Já está muito velha.” Constantine abafou uma risada, a velha americana fulminou-o com um olhar.

– Era um mau tipo – disse ela. – Dizer isso a uma senhora! Não se deve rir destas coisas! Constantine apressou-se a pedir desculpas.

– Ouviu algum ruído no camarote de Mr. Ratchett? – perguntou Poirot.

– Bem... isto é.

– Que quer dizer, minha senhora? – Bem... – A americana calou-se um instante, depois acrescentou: – Ele roncava.

– Ah! Sim? – Terrivelmente! Na noite anterior, não me deixara dormir.

– Não o ouviu roncar, depois de ver o homem no seu camarote? – Como seria possível, senhor Poirot, se ele estava morto? – Ah! É verdade – concordou o detetive, visivelmente confuso. E acrescentou: – Lembra-se do caso Armstrong, senhora Hubbard? – Sim, naturalmente. E o criminoso conseguiu escapar! Quisera tê-lo nas minhas mãos! – Não escapou. Está morto. Morreu esta noite.

– Não quererá dizer... E a senhora, muito excitada, quase chegou a levantar-se.

– Isso mesmo. Ratchett era o criminoso.

– Ah! Quem o poderia imaginar? Vou escrever a minha filha. Não lhe disse, ontem à noite, que ele tinha uma cara diabólica? Era verdade! A minha filha sempre diz: "Quando a mamãe tem uma suspeita, podem apostar que é certa." – Conhecia algum membro da família Armstrong, minha senhora? – Não. Eles viviam num círculo de relações muito

restrito. Porém, ouvi dizer que Mrs. Armstrong era adorável e que o marido a idolatrava.

– Bem. A senhora auxiliou-nos muito... imensamente. Não nos quer dar o seu nome por extenso? – Sem dúvida. Caroline Marta Hubbard.

– Quer escrever o seu endereço aqui? A americana obedeceu, continuando, porém, a falar.

– Nunca imaginei semelhante coisa. Casseti neste trem! Eu desconfiava desse homem, não é verdade, senhor Poirot? – É verdade, minha senhora. Escute! Traz acaso um quimono de seda escarlate? – Misericórdia! Que pergunta indiscreta! Não tenho, não! Trouxe dois roupões...

um de flanela cor-de-rosa, próprio para uma viagem por mar, e outro que a minha filha me deu... um de seda cor de púrpura. Mas, que lhe pode adiantar a cor dos meus roupões? – Minha senhora, uma pessoa de quimono escarlate entrou, na noite passada, no seu camarote ou no de Ratchett. Como muito bem diz, é fácil o engano quando todas as portas estão fechadas.

– Ninguém entrou no meu camarote de quimono vermelho.

– Então foi no de Ratchett.

Mrs. Hubbard apertou os lábios e disse com ar sombrio: – Isso não me surpreende.

Poirot agitou-se.

– Ouviu alguma voz de mulher no camarote contíguo? – Não sei como pode imaginar isso, senhor Poirot! Não ouvi! Bom... Vamos ver... creio que ouvi.

– Entretanto afirmou, há pouco, que só ouvira Ratchett roncar.

– E é verdade. Ele roncou parte do tempo. Quanto ao resto... – Mrs.a Hubbard corou levemente. – Não gosto de falar nesse assunto...

– A que horas ouviu essa voz de mulher? – Não lhe sei dizer. Em certo momento, acordei e ouvi uma voz feminina. Não me custou perceber donde provinha e pensei: “Não me enganei a respeito desse tipo!” Tornei a adormecer e juro que não teria dito semelhante coisa a três cavalheiros se, por assim dizer, os senhores não me obrigassem a falar.

– Foi antes de dar com o homem no seu camarote? – De novo a mesma pergunta? Julga que ele poderia falar a uma mulher, depois de morto? – Desculpe. A senhora deve julgar-me bem tolo! – Calculo que

deve andar tonto. Não posso compreender como esse monstro do Cassetti... A minha filha dirá...

Poirot levou habilmente a velha dama a arrumar a maleta e acompanhou-a até à porta. No limiar, disse-lhe: – A senhora perdeu um lenço.

A americana olhou o lençinho de cambraia que o detetive lhe estendia.

– Não é meu, senhor Poirot. Tenho o meu aqui.

– Desculpe. Pensei que fosse, por causa desta inicial H...

– Curioso! Porém, não é meu. Os meus trazem as iniciais C.M.H., e são grandes, e não trapos caros de Paris. De que serve um lenço desses? Nenhum dos três homens replicou e Mrs.a Hubbard saiu, triunfante.

CAPITULO V

O depoimento da dama sueca

Bouc examinava o botão que a velha americana deixara na mesa.

– Não posso explicar o aparecimento deste botão. Quererá dizer que Pierre Michel está envolvido nisto? – disse ele. Após breve pausa, vendo que Poirot não respondia, perguntou-lhe: – Que tem a dizer, meu amigo? – Esse botão sugere muitas possibilidades – disse Poirot, pensativo. – Antes de discutirmos o depoimento que acabamos de ouvir, interroguemos a passageira sueca.

Poirot remexeu na pilha de passaportes que tinha diante de si.

– Ah! Aqui está! Greta Ohlsson, quarenta e nove anos.

Bouc deu ordem ao empregado do carro-restaurante para que chamassem a senhora sueca e, pouco depois, a senhora de cabelos amarelados e rosto meigo de carneiro, apareceu. Deitou através dos óculos um rápido olhar a Poirot, mas aparentava calma.

O interrogatório desenrolou-se em francês, idioma que ela conhecia muito bem.

Poirot pediu-lhe o nome, a idade, o endereço e depois a profissão. A sueca respondeu-lhe que dirigia uma escola missionária perto de Istambul. Era enfermeira.

– Decerto já sabe o que aconteceu esta noite.

– Naturalmente. Foi horrível! A senhora americana disse-me que o criminoso estava no camarote dela.

– Ouvi dizer que foi a senhorita quem viu a vítima pela última vez.

– Não sei. É provável. Abri a porta dele por engano. Fiquei muito envergonhada.

Foi um engano lamentável.

– Viu-o, então? – Sim. Ele estava a ler. Desculpei-me e saí logo.

– Ele disse-lhe alguma coisa? A enfermeira corou.

– Riu-se e disse qualquer coisa que não entendi bem.

– E que fez a senhorita, depois disso? – indagou Poirot, mudando de assunto.

– Fui ao camarote da senhora americana e pedi-lhe uma aspirina.

– E não examinou, a pedido dela, se a porta de comunicação com o camarote de Ratchett estava trancada? – Sim.

– Estava? – Sim, senhor.

– E depois? – Depois, voltei ao meu camarote. Tomei a aspirina e deitei-me.

– Que horas eram? – Quando me deitei faltavam cinco para as onze. Sei ao certo, porque olhei para o relógio, antes de o tirar.

– Dormiu logo? – Não. Embora melhorasse da dor de cabeça fiquei muito tempo acordada.

– Parou o trem, antes da senhora adormecer? – Creio que não. Parávamos numa estação, creio, quando comecei a adormecer.

– Era Vincovci, com certeza – observou o detetive. E, apontando a planta, perguntou: – É este o seu camarote, Mademoiselle? – É esse mesmo.

– Tem o leito de cima ou o de baixo? – O de baixo, número 10.

– Tem alguma companheira? – Sim, uma jovem inglesa. Muito boa e amável. Vem de Bagdá.

– Depois que o trem saiu de Vincovci, a rapariga deixou o camarote? – Tenho a certeza de que não saiu.

– Como pode ter a certeza, se estava a dormir.

– Tenho um sono muito leve. Acordo ao mínimo ruído. Descendo de sua cama, ela teria me acordado.

– E a senhorita? Saiu do camarote? – Não. Só esta manhã.

– Usa um quimono vermelho, Mademoiselle? – Não, tenho um roupão muito cômodo de tecido Jaeger.

– E Miss Debenham? De que cor é o roupão dela? – É de um tecido lilás, comum no Oriente.

Poirot assentiu. Depois continuou, em tom amigável: – Com que fim faz esta viagem? Está em férias?

– Sim, volto para casa em gozo de férias. Antes, porém, irei a Lausanne passar uma semana com minha irmã.

– Quer fazer o favor de me dar o nome e o endereço da sua irmã?

– Com todo o prazer. – E, tomando o lápis e papel a sueca satisfez o desejo de Poirot.

– Já estive na América, Mademoiselle? – Não. Estive quase para ir uma vez. Devia acompanhar uma senhora doente, mas, à última hora, fui dispensada. Lamentei-o bastante. Os americanos são muito bons. Dão muito dinheiro para fundar escolas e hospitais. São muito práticos.

– Lembra-se de ter ouvido falar do caso Armstrong? – Não... de que se tratava? Poirot deu-lhe as explicações indispensáveis.

Greta Ohlsson indignou-se; o rolo dos cabelos amarelados tremia-lhe.

– Parece incrível que haja no mundo semelhante indivíduo! É quase de duvidar.

Pobre mãe! Lamento-a sinceramente.

E a boa enfermeira deixou o aposento, comovida e com os olhos úmidos. Poirot escrevia rapidamente num pedaço de papel.

– Que está fazendo, meu amigo? – perguntou Bouc.

– Mon cher, é meu costume proceder com ordem. Estou fazendo uma espécie de esquema dos acontecimentos.

Terminando de escrever, o belga passou o papel ao amigo que leu: 9h15 – O trem deixa Belgrado.

9h40 aproximadamente – O criado retira-se do camarote de Ratchett, depois de preparar o soporífero.

10 horas – MacQueen despede-se de Ratchett.

10h40 – Greta Ohlsson, a última pessoa que viu Ratchett vivo, encontra-o acordado lendo.

0h10 – O trem deixa Vincovci.

0h30 – O trem apanha uma tempestade de neve.

0h37 – Chamam do camarote de Ratchett. O chefe do pessoal acode e de dentro respondem-lhe: "Não é nada; enganei-me." 1h17 aproximadamente – A Sr.a Hubbard julga ver um homem no seu camarote e chama o chefe do pessoal.

Terminada a leitura, Bouc fez um sinal de aprovação e observou: – Está muito bem! – Não há nisso nada que lhe pareça estranho? – perguntou Poirot.

– Não, tudo está muito claro. É evidente que o crime foi praticado à uma hora e quinze. O relógio nos mostra e o depoimento de Mrs. Hubbard confirma-o. Tenho uma ideia, quanto à identidade do criminoso. Desconfio desse italiano corpulento. Ele vem da América...

de Chicago... e lembre-se de que a faca é a arma dos italianos e que a vítima foi apunhalada não uma e sim várias vezes.

– É verdade.

– Eis, sem dúvida, a solução do mistério. Talvez que esse homem estivesse implicado com Ratchett no caso Armstrong. Casseti é também nome italiano.

Provavelmente Ratchett logrou o outro e este o perseguiu, escreveu-lhe cartas ameaçadoras e finalmente vingou-se desse modo. É bem possível.

Poirot meneou a cabeça em ar de dúvida.

– Não é tão simples como parece – ponderou ele.

– Tenho a certeza de que é assim – insistiu Bouc, cada vez mais encantado com a sua opinião.

– Que disse, então, o criado com dor de dentes? Não jurou que o italiano não saíra do camarote? – Eis a dificuldade! Poirot piscou os olhos.

– De fato, isto aborrece. Infelizmente para o senhor e infelizmente para o nosso amigo italiano, o criado de Ratchett tinha dor de dentes.

– Tudo está esclarecido – afirmou Bouc, com certeza inabalável.

Poirot tornou a menear a cabeça e murmurou: – Não é tão simples assim!

CAPÍTULO VI

O depoimento da princesa russa

– Vejamos o que o Pierre Michel sabe dizer deste botão.

O chefe do pessoal foi chamado novamente. Entrando, deitou aos presentes um olhar interrogador. Bouc pigarreou.

– Michel – disse ele – eis um botão do seu uniforme, encontrado no camarote da senhora americana. Que sabe dizer disto? O empregado levou maquinalmente a mão à jaqueta.

– Não perdi nenhum botão – disse ele. – Deve haver engano.

– É estranho! – Nada posso adiantar, senhor diretor.

Apesar de surpreso, o funcionário não mostrava nenhum embaraço ou confusão.

Bouc prosseguiu: – Dadas as circunstâncias em que se encontrou este botão, talvez pertença ao homem que estava no camarote de Mrs. Hubbard, esta noite, quando ela tocou a campainha.

– Mas não havia ninguém ali! Mrs. Hubbard deve ter sonhado.

– Ela não podia sonhar semelhante coisa, Michel. O assassino do Mr. Ratchett fugiu pelo camarote dela e perdeu este botão.

A estas palavras do diretor, que o atingiam diretamente, Michel manifestou violenta agitação.

– Não é verdade! Não! – bradou ele. – Acusam-me do crime! Eu? Estou inocente! Absolutamente inocente! Por que havia de matar um homem que nunca vi? – Onde estava, quando Mrs. Hubbard o chamou? – Já lhe disse. Estava no outro vagão conversando com um colega.

– Mandarei chamar esse homem.

– Pois bem, Monsieur! Faça isso! Peço-o por favor! Chamado, o chefe do vagão confirmou logo as declarações de Michel, acrescentando que o seu colega do vagão de Bucareste também estava presente. Todos três comentavam a situação, criada pela tormenta de neve. Ao fim de dez minutos, Pierre Michel julgara ouvir uma chamada. Abrindo as portas de

comunicação com os outros vagões, todos três tinham ouvido soar com insistência uma campainha. Michel correria a atender.

– Como vê, não sou culpado – disse Michel, ansioso.

– Como explica o aparecimento deste botão? – Não sei. É um mistério. Não perdi nenhum botão.

Os outros dois empregados também afirmaram não ter perdido nenhum. Demais, nenhum deles entrara no camarote de Mrs. Hubbard.

– Sossegue, Michel – disse Bouc – e lembre-se do momento em que foi atender Mrs. Hubbard. Encontrou alguém no corredor? – Não, senhor.

– Viu alguém afastar-se noutra direção? – Não, senhor.

– É estranho! – ponderou Bouc.

– Não tanto – replicou o detetive. – É questão de tempo. Acordando, Mrs. Hubbard deu com um estranho no camarote. Durante um ou dois minutos, ficou paralisada e de olhos fechados. Evidentemente isso bastou para que o homem se escapulisse pelo corredor. Só então ela tocou a campainha. O chefe do pessoal não atendeu logo. Ouviu apenas a terceira ou quarta chamada. Houve tempo suficiente para...

– Para quê? Para quê, meu caro? Lembre-se de que o trem está completamente cercado pela neve.

– Havia duas saídas para o nosso misterioso assassino – disse Poirot lentamente. – Entrar num dos vários toaletes ou num dos camarotes.

– Estavam todos ocupados.

– De fato.

– Quer dizer então que ele entrou no próprio camarote? Poirot anuiu.

– Pode ser, pode ser. – repetiu Bouc. – Durante esses dez minutos de ausência do chefe do pessoal, o assassino saiu do seu camarote e entrou no de Ratchett, matou o americano, trancou e pôs o cadeado na porta, invadiu o camarote da senhora Hubbard e voltou, são e salvo, ao seu camarote, antes que chegasse o chefe do pessoal.

– Não é tão simples como parece, meu amigo – murmurou o detetive. – O nosso amigo, doutor Constantine, lhe dirá a mesma coisa.

Com um gesto, Bouc dispensou os três empregados.

– Falta-nos ainda interrogar oito passageiros – disse Poirot. – Cinco da primeira classe: princesa Dragomiroff, Conde e Condessa Andrenyi, Coronel Arbuthnot e Mr.

Hardman, e três da segunda classe: Miss Debenham, Antonio Foscarelli e a dama-de-companhia alemã, Fraulein Schmidt.

– Quem será o primeiro? O italiano? – Não quer largar o italiano! Não, começaremos pelo alto da árvore. Talvez a princesa se digne conceder-nos alguns minutos do seu tempo. Chame-a, Michel.

– Oui, Monsieur – replicou o francês, enquanto ia saindo.

– Diga-lhe que poderá receber-nos no camarote, se quiser. Não precisa ter o incomodo de vir até aqui – recomendou Bouc.

Mas a princesa Dragomiroff declinou essa oferta. Apresentou-se no carro-restaurant e, cumprimentando com um leve aceno, sentou-se diante de Poirot. A dama tinha o rosto ainda mais amarelado do que na véspera. Era feia, de fato, contudo, os seus olhos negros e imperiosos, brilhantes como pedras preciosas, revelavam uma energia latente e um poder intelectual que se poderia fazer sentir. A sua voz era profunda, clara e um tanto estridente.

– Não precisam desculpar-se, senhores – disse ela, interrompendo a frase obsequiosa de Bouc. – Sei que houve um assassinato. Naturalmente precisam interrogar todos os passageiros. Estou pronta a ajudá-los no que puder.

– É muita bondade sua, Madame – disse Poirot.

– De modo nenhum. É um dever. Que deseja saber de mim? – O seu nome de batismo e o endereço, Madame. Talvez prefira escrevê-los? Poirot estendeu uma folha de papel, que a princesa repeliu.

– Pode tomar nota – disse ela. – Não é difícil... Natália Dragomiroff, Avenida Kléber, 17, Paris.

– Vem de Constantinopla, Madame? – Sim. Estive na Embaixada austríaca. Acompanha-me uma dama de companhia.

– Quer ter a bondade de me relatar o que fez na noite passada, depois do jantar? – Com prazer. Enquanto jantava, pedi ao chefe do pessoal do trem que me fizesse a cama. Deitei-me logo depois do jantar. Li até às onze horas e apaguei a luz. Não podia dormir, por causa de umas dores reumáticas de que sofro. Cerca da uma hora, chamei a minha dama de companhia. Ela fez-me algumas massagens e leu em voz alta

até que adormeci. Não sei dizer a que horas ela saiu. Talvez me ia hora depois.

– O trem já havia parado? – Sim.

– Nada ouviu de estranho, durante esse tempo, Madame? – Nada.

– Como se chama a sua dama de companhia? – Hildegarde Schmidt.

– Há muito tempo que a serve? – Há quinze anos.

– Considera-a pessoa de confiança? – De absoluta confiança. Nasceu numa propriedade de meu marido, na Alemanha.

– Já estive na América, Madame? À súbita mudança de assunto, a velha dama franziu as sobrancelhas.

– Muitas vezes.

– Conheceu uma família Armstrong, à qual ocorreu uma tragédia? – Eram amigos meus.

– Conheceu então o coronel Armstrong? – Ele, muito pouco. Porém, Sônia Armstrong era minha afilhada. Fui amiga da mãe, a atriz Linda Arden. Linda Arden era um gênio, uma das maiores trágicas do mundo. Ninguém a igualava em Lady Macbeth ou Magda. Eu não só a admirava, mas relacionava-me com ela.

– Já morreu essa senhora? – Não. Vive, mas retirou-se completamente do teatro. O seu estado de saúde obriga-a a passar a maior parte do tempo deitada num sofá.

– Ela tem outra filha, segundo creio.

– Sim, muito mais jovem do que Mrs. Armstrong.

– Viva? – Certamente.

– Onde se encontra? A velha princesa deitou ao detetive um olhar penetrante.

– Gostaria de saber o motivo destas perguntas. Que relação têm elas com o crime ocorrido neste trem? – A seguinte, Madame: o senhor Ratchett era o autor do rapto e da morte da pequena Armstrong.

– Ah! – A princesa, muito emproada, tornou a franzir as sobrancelhas. – Então, a meu ver, este crime é um acontecimento milagroso. Desculpe o meu ponto de vista.

– É muito natural, Madame. E, agora, voltemos à pergunta que lhe fiz há pouco.

Onde está a filha mais jovem de Linda Arden, a irmã de Mrs. Armstrong? – Francamente, não sei. Perdi de vista a segunda filha da

minha amiga. Parece-me que casou há poucos anos com um inglês e foi para Inglaterra. Não me lembro agora o nome do marido.

Depois de um minuto de silêncio, a velha dama continuou: – Desejam mais alguma coisa? – Uma só, Madame, e de caráter muito pessoal: de que cor é o seu roupão? A princesa franziu as sobrancelhas.

– Suponho que tem razões para fazer semelhante pergunta – disse ela. – O meu roupão é de seda azul.

– Basta, Madame. Fico-lhe muito grato pela presteza com que respondeu às minhas perguntas.

A princesa fez um gesto com a mão anelada e levantou-se. Os três homens imitaram-na. Detendo-se um instante, ela perguntou: – Queira desculpar, senhor, mas como se chama? A sua fisionomia não me é desconhecida.

– Hercule Poirot... às suas ordens, Madame.

– Hercule Poirot – repetiu a princesa, depois de uma breve pausa. – Sim. Lembro-me agora. É o destino! E afastou-se, com a rigidez habitual.

– Eis uma grande fidalga – comentou Bouc. – Que pensa dela, meu amigo? Hercule Poirot limitou-se a menear a cabeça e replicou: – Gostaria de saber o que entende ela por destino.

CAPÍTULO VII

O depoimento dos condes

Convocaram-se em seguida o Conde e a Condessa Andrenyi. Entretanto, o conde apresentou-se sozinho. Era inegavelmente um belo homem, de um metro e oitenta de altura, ombros largos e corpo esbelto. Vestido à inglesa, poderia passar por inglês, se não fosse o longo bigode e um traço indefinível nas maçãs do rosto.

– Às suas ordens – disse ele. – Em que lhes posso ser útil? – Compreenderá, Monsieur – explicou Poirot – que, à vista do que ocorreu, me vejo obrigado a interrogar os passageiros.

– Perfeitamente – concordou o conde. – Compreendo. Receio apenas que eu e minha esposa pouco lhe possamos adiantar. Dormíamos e nada ouvimos...

– Sabe da identidade da vítima? – Ouvi dizer que era americano... Um homem francamente antipático. Sentava-se àquela mesa. – E com um aceno, o conde indicou a mesa de Ratchett e MacQueen.

– Sim, é isso; sabe o nome do morto? – Não – replicou o conde, visivelmente intrigado. Depois acrescentou: – Se quiser conhecer-lhe o nome, certamente o encontrará no passaporte.

– No passaporte há o de Ratchett – disse Poirot. – Porém, esse não passa de um nome falso. Ratchett era Casseti, o autor do rapto de uma criança na América, um crime célebre.

Falando, o detetive observava atentamente o conde. Este, porém, não manifestou surpresa, apenas arregalou um pouco os olhos.

– Ah! – disse ele. – Isso certamente concorrerá para esclarecer o caso. A América é um país extraordinário.

– Acaso já esteve lá? – Estive um ano em Washington.

– Conheceu porventura a família Armstrong? – Armstrong... Armstrong... é difícil lembrar-me... conhece-se tanta gente! E o conde sorriu, encolhendo os ombros.

– Mas, voltemos ao assunto, senhores – disse ele. – Em que mais lhes posso ser útil? – A que horas se retirou ontem, senhor conde? Poirot relanceou o olhar pela planta. Os condes Andrenyi ocupavam dois camarotes contíguos, 12 e 13.

– Tínhamos um dos camarotes prontos para a noite, desde a hora do jantar.

Terminado este, passamos ao outro compartimento, onde ficamos algum tempo...

– Em qual deles? – No número 13. Jogamos... Cerca das onze horas, minha esposa retirou-se. O chefe do pessoal preparou o meu camarote e eu também me deitei. Dormi até ao amanhecer.

– Não notou a parada do trem? – Só esta manhã.

– E a senhora condessa? O conde sorriu.

– Em viagem, minha esposa toma sempre um soporífero. Assim fez ontem. – Houve uma pausa. – Lamento não os poder auxiliar – concluiu o conde.

Poirot apresentou-lhe caneta e papel.

– Obrigado, senhor conde. Apenas mais uma formalidade, quer deixar-me o seu nome e endereço? O fidalgo traçou-os lenta e cuidadosamente.

– Escrevi o melhor possível para o senhor – disse ele amavelmente. – O nome da minha residência de verão é difícil, para quem não conhece a língua.

E, devolvendo o papel a Poirot, levantou-se e acrescentou: – Parece-me desnecessário o interrogatório de minha esposa. Ela não lhe poderá dizer mais do que isto.

Nos olhos de Poirot brilhou um rápido clarão.

– Sem dúvida – replicou ele. – Contudo, desejo dizer duas palavras à senhora condessa.

– Asseguro-lhe que é inútil – insistiu o conde, em tom autoritário.

– Será uma simples formalidade – tornou o detetive amavelmente.

– Compreende, porém, que é necessária para o meu relatório.

– Como quiser.

O conde cedera com relutância. Com um ligeiro cumprimento, deixou o carro- restaurante.

Poirot estendeu a mão para um passaporte. Este continha o nome e os títulos do conde e mais a informação: acompanhado pela esposa,

Elena Maria, de vinte a nos, nome de família: Goldenberg. Uma mancha de gordura atestava a negligência de algum funcionário.

– Um passaporte diplomático – observou Bouc. – Sejam prudentes. Essa gente nada tem que ver com o crime.

– Sossegue, mon vieux, serei prudente. É uma simples formalidade.

Mal o detetive acabara de falar, a condessa Andrenyi apareceu, um tanto tímida e extraordinariamente formosa.

– Desejam falar-me, senhores? – Pura formalidade, Madame – disse Poirot, erguendo-se cortesmente e indicando à jovem o lugar fronteiro ao seu. – Apenas saber se esta noite viu ou ouviu alguma coisa, que nos possa trazer algum esclarecimento.

– Nada, senhores. Dormi a noite toda.

– Não ouviu, por exemplo, nenhum ruído, no camarote contíguo ao seu? A senhora americana, que o ocupa, teve quase um acesso histérico e chamou o chefe do pessoal.

– Não ouvi nada. Tinha tomado um soporífero.

– Compreendo. Bem, não queremos retê-la mais. Apenas – acrescentou o detetive ao ver a jovem levantar-se rapidamente – mais uma palavra... estes pormenores: a sua idade, o seu nome de família, etc., são exatos? – Absolutamente certos.

– Então queira assinar este memorando.

A jovem obedeceu e traçou com letra inclinada e graciosa: Elena Andrenyi.

– Acompanhou o seu marido à América, Madame? – Não, senhor – replicou ela, sorrindo e corando levemente. – Ainda não éramos casados naquela época; casamos há um ano.

– Ah sim? Obrigado, senhora condessa. Desculpe: seu marido fuma? Pronta para sair, a jovem fitou o detetive.

– Sim, senhor.

– Cachimbo? – Não. Só cigarros.

– Ah! Obrigado.

A condessa hesitou, olhando-o com curiosidade. Tinha uns lindos olhos negros e amendoados, com longos cílios que lhe sombreavam a adorável palidez do rosto, lábios rubros, levemente entreabertos. Era linda e exótica.

– Por que pergunta isso? – Madame – e Poirot agitou a mão – os detetives fazem toda a espécie de perguntas. Por exemplo: de que cor é o

seu roupão? A jovem encarou-o e desatou a rir.

– Cor de trigo. É muito importante? – Muito, senhora condessa.

– Falo de fato a um detetive? – tornou ela, com curiosidade.

– Às suas ordens, Madame.

– Julguei que não houvesse detetive no trem na Iugoslávia. Até chegarmos à Itália.

– Não sou iugoslavo, Madame, e sim detetive internacional.

– Pertence à Liga das Nações? – Pertenço ao mundo, Madame – replicou o belga, com ênfase. – Trabalho quase sempre em Londres. Fala inglês? – acrescentou nesse idioma.

– Sim, um pouco – replicou a jovem condessa, com um acento encantador.

Poirot inclinou-se.

– Não queremos retê-la mais, Madame. Como vê, não era nada de terrível.

A jovem sorriu, inclinou a cabeça e retirou-se.

– Linda mulher! – comentou Bouc, em tom admirativo. – Não nos valeu muito – acrescentou, com um suspiro.

– Não, de fato – concordou o belga. – Duas pessoas que não viram nem ouviram coisa alguma! – Veremos agora o italiano? O detetive não replicou logo. Observava a mancha de gordura no passaporte diplomático húngaro.

CAPÍTULO VIII

O depoimento do Coronel Arbuthnot

Voltando a si com um leve sobressalto, Poirot pestanejou, ao encontrar o olhar de Bouc.

– Ah meu caro amigo – disse ele. – Sabe que me estou tornando o que se chama um esnobe? Atenderemos a primeira classe, antes da segunda. Agora interrogaremos o amável coronel Arbuthnot.

Como o francês do oficial era na verdade muito limitado, Poirot resolveu interrogá-lo em inglês. Informado do nome, idade, endereço e guarnição do coronel, o detetive passou ao interrogatório.

– Vem da Índia, em licença, como dizemos nós? O coronel, indiferente aos termos que habitualmente empregam os forasteiros, respondeu com autêntico laconismo inglês: – Sim.

– Porém, não veio por via marítima?

– Não!

– Por quê?

– Por motivos particulares. E ele parecia querer dizer: “Aprendam, intrometidos!”

– Veio diretamente da Índia? O coronel replicou secamente: – Parei uma noite para ver Ur, na Caldeia, e três dias em Bagdá, com um velho amigo.

– Esteve três dias em Bagdá! Ouvi dizer que a jovem Miss Debenham vem igualmente de Bagdá. Encontrou-a lá?

– Não. Vi-a pela primeira vez quando tomamos o trem de Kirkuk para Nissibin.

Poirot curvou-se. Tornou-se persuasivo e um pouco mais estranho do que era necessário.

– Vejo-me obrigado a apelar para a sua gentileza, coronel. Miss Debenham e o senhor são os dois únicos ingleses neste trem. Tenho de perguntar a cada um a opinião que tem do outro.

– Procedimento muito irregular – objetou friamente o militar.

– Nem tanto assim. Muito provavelmente, este crime foi praticado por uma mulher. A vítima recebeu nada menos de doze punhaladas. O próprio chefe do pessoal do trem disse: "É uma mulher!" Pois bem: qual é a minha primeira obrigação? Observar todas as senhoras presentes neste trem. Entretanto, é difícil julgar uma inglesa. São muito reservadas. Apelo para o senhor, coronel, em nome da justiça. Que espécie de pessoa é Miss Debenham? Que sabe a respeito dela? – Miss Debenham – replicou o coronel com calor – é absolutamente respeitável! – Ah! – disse Poirot, aparentemente muito satisfeito. – Portanto, não lhe parece que ela possa estar envolvida no crime? – Uma ideia absurda – afirmou o coronel. – Esse homem era-lhe completamente estranho: ela nunca o vira.

– Foi ela que o disse? – Sim. Comentou também o aspecto antipático desse americano. Se uma mulher estiver implicada nisso, como pensa, sem fundamento, mas apenas por hipótese, asseguro-lhe que não é Miss Debenham.

– O senhor se exalta neste assunto – observou Poirot, com um sorriso.

O coronel deitou-lhe um olhar glacial.

– Não compreendo, realmente, o que quer dizer – replicou ele. O olhar do inglês parecia embaraçar Poirot; baixando os olhos, o belga começou a remexer nos papéis que tinha na frente.

– Tudo isso não tem importância – disse ele. – Sejam práticos e caminhemos direito aos fatos. Temos razões para crer que o crime ocorreu à uma hora e quinze da madrugada. É formalidade indispensável perguntar aos passageiros do trem o que faziam a essa hora.

– Perfeitamente. À uma e quinze, eu conversava com o jovem americano, secretário do falecido.

– Ah! Estava no camarote dele ou ele no seu? – Eu estava no dele.

– Refere-se ao senhor MacQueen, não é verdade? – Exatamente.

– É seu amigo ou apenas um conhecido? – Nada disso, nunca o vira antes desta viagem. Conversamos casualmente ontem e simpatizamos um com o outro. Em geral, não gosto dos americanos e poucas relações tenho com eles.

Poirot sorriu, lembrando-se das restrições de MacQueen acerca dos Ingleses.

– Entretanto gostei desse rapaz. Ele tem certas ideias tolas acerca da Índia; o defeito dos americanos é serem tão idealistas e sentimentais. Bem, ele interessou-se pelo que eu lhe dizia, tenho quase trinta anos de prática na Índia. Por minha vez, interessei-me pelo que ele me contou da situação financeira da América. Depois falamos de vários assuntos. E a dado momento vi com surpresa, no meu relógio, que faltavam só quinze minutos para as duas.

– Foi então que se despediu do seu companheiro? – Sim.

– Que fez depois? – Retirei-me para o meu camarote.

– Estava feita a cama? – Sim.

– É o camarote... deixe ver... número 15, o penúltimo, no fundo do corredor? – Sim.

– Onde estava o chefe do pessoal, quando o senhor voltou ao camarote? – No seu lugar. Por sinal, MacQueen chamou-o no momento em que eu estava no meu camarote.

– Que desejava o senhor MacQueen? – Que lhe arrumasse a cama, suponho. Ainda não fora feita.

– Agora, Coronel Arbuthnot, peço-lhe que reflita bem. Enquanto falava com MacQueen, viu alguém passar no corredor? – Muita gente, parece-me. Não prestei atenção.

– Refiro-me à última hora e meia da sua conversa. Desembarcou em Vincovci? – Sim, porém só alguns instantes. Fazia muito frio. Embora, dando graças aos céus por encontrar abrigo no trem, confesso que o sobreaquecimento destes trens é simplesmente escandaloso.

Bouc suspirou.

– É difícil agradar a todos – disse ele. – Os ingleses querem todas as janelas abertas, os outros, tudo fechado. É difícil, muito difícil! Entretanto, nem Poirot nem o coronel lhe deram atenção.

– Agora, Coronel, voltemos atrás – continuou o belga em tom animador. – Estava frio fora do trem. O senhor tornou a embarcar. Sentou-se, fumou... um cigarro... talvez cachimbo...

Poirot calou-se um segundo.

– Eu fumava cachimbo e MacQueen um cigarro.

– O trem partiu. O senhor fumava o seu cachimbo. Discutia sobre a Europa e o mundo. As horas passaram. Muitos passageiros já se tinham retirado. Passou alguém no corredor? Pense bem!...

Arbuthnot franziu a testa, num esforço para se lembrar.

– É difícil dizer – replicou afinal. – Não prestei atenção.

– Contudo deve ter, por assim dizer, a atenção do soldado para os detalhes.

O coronel tornou a refletir, depois meneou a cabeça.

– Não sei. Não me lembro de ter visto quem quer que seja exceto o chefe do pessoal. Espere um instante... uma mulher também... segundo creio.

– Viu-a? Era velha... nova? – Não a vi. Não olhava nessa direção. Senti apenas um ruído e um perfume.

– Perfume? Bom? – Bem, um aroma de frutas, explico-me bem? Sente-se a grande distância.

Lembre-se, porém – acrescentou logo o coronel – de que isso foi nas primeiras horas da noite, e, como acaba de dizer, uma dessas coisas que se notam sem sentir. Em dado momento disse comigo: “Perfume feminino... muito intenso.” Mas repare: só tenho a certeza de que... Sim. Foi depois que deixamos Vincovci.

– Por quê? – Porque me lembro de ter desatado a rir, quando a conversa versava sobre o plano quinquenal de Stalin. Sei que a lembrança de uma mulher me trouxera à memória a posição da mulher na Rússia. E sei que não falamos da Rússia, senão quase no fim da nossa conversa.

– Não se poderia explicar melhor? – Não. Deve ter sido na última meia hora.

– Depois do trem parar? – Sim. Disso tenho quase a certeza – anuiu o coronel.

– Bem, continuemos. Já esteve na América? – Nunca. Nem desejo ir.

– Conheceu, acaso, um Coronel Armstrong? – Armstrong... Armstrong... conheci dois ou três. Havia um Tommy Armstrong, do sexagésimo regimento... É a esse que alude? E Selby Armstrong morto no Somme.

– Refiro-me ao Coronel Armstrong, casado com uma americana, e cuja filha foi raptada e morta.

– Ah, sim. Lembro-me de ter lido alguma coisa acerca desse caso impressionante.

Não me lembro como, porém, conheci esse camarada. Toby Armstrong, sim. Bom rapaz. Todos o estimavam. Teve uma brilhante

carreira.

– O homem assassinado esta noite foi o autor do rapto e da morte da pequena Armstrong.

O rosto do coronel tornou-se sombrio.

– Então, a meu ver, esse velho teve o que merecia. Contudo, preferiria vê-lo enforcado ou eletrocutado.

– Então prefere a lei à vingança particular? – Ora, não é cômodo aplicar os processos da Córsega ou da Máfia – tornou Arbuthnot. – Diga o que quiser, um processo no tribunal é o melhor sistema.

Poirot olhou-o pensativamente, durante uns dois minutos. Depois disse: – Sim. Creio que o senhor procederia como diz. Bem, coronel Arbuthnot, parece-me que nada mais resta a perguntar-lhe. Não se lembra de nenhum acontecimento da noite passada e que possa ser suspeito? Arbuthnot refletiu.

– Não – disse depois. – Nada. A não ser...

O oficial hesitava.

– Continue, faça o favor.

– Bem, na realidade é coisa insignificante – disse ele muito devagar. – Mas, como disse “qualquer coisa”...

– Sim, sim. Continue.

– Oh! Não é nada. Um simples detalhe. Voltando ao meu camarote, notei que a porta contígua à minha... a última, sabe...

– Sim. O número 16.

– Bom, essa porta não estava fechada. E o passageiro espreitava furtivamente.

Depois fechou-a depressa. Pareceu-me estranho. É tão natural, pensei eu, abrir a porta e pôr a cabeça de fora para ver qualquer coisa. Porém, o modo como ele o fez, intrigou-me.

– Sim – disse Poirot, hesitante.

– Disse-lhe que não era nada – desculpou-se Arbuthnot. – Porém, compreende que de madrugada... no maior silêncio... as coisas tomam um aspecto sinistro de crime policial. Tolices! Assim dizendo, Arbuthnot levantou-se.

– Se já não precisam de mim...

– Obrigado, coronel.

O oficial hesitou um instante. O aborrecimento desse interrogatório, feito por estrangeiros, desvanecera-se.

– Quanto à Miss Debenham – disse ele, quase com timidez. – Asseguro-lhe que é uma pessoa muito correta. É uma pukka sahib – E, corando levemente, o militar saiu.

– Que significa pukka sahib? – perguntou Constantine, com interesse.

– Quer dizer – explicou o detetive – que o pai e os irmãos de Miss Debenham frequentaram o mesmo colégio que o Coronel Arbuthnot.

– Ah! – disse o médico, desapontado. – Então nada que se relacione com o crime.

Exatamente – confirmou o belga. Em seguida pôs-se a refletir, tamborilando com os dedos na mesa.

– O coronel Arbuthnot fuma cachimbo – disse ele. – Encontrei no camarote de Ratchett um limpador de cachimbos. Ratchett fumava só cigarros.

– Julga então...

– E ele o único homem que declarou fumar cachimbo. Conhecia de nome o coronel Armstrong... mas, neste momento, não o admitia de boa vontade.

– Acha possível...? Poirot sacudiu vivamente a cabeça.

– É impossível... impossível que um inglês honrado, reto e um tanto tolo, possa apunhalar doze vezes um inimigo. Não veem, meus amigos, que é impossível? – É pura psicologia – observou Bouc.

– E cumpre respeitá-la. O autor deste crime não é, decerto, o Coronel Arbuthnot.

Mas prossigamos o inquérito.

Dessa vez Bouc não mencionou o italiano, entretanto pensava nele.

CAPÍTULO IX

O depoimento de Mr. Hardman

O último passageiro da primeira classe interrogado – Mr. Hardman – era o americano robusto e espalhafatoso. Usava um terno de tecido grosso, camisa cor de rosa, uma gravata de cores berrantes e entrou no vagão mastigando qualquer coisa. Uma expressão de bom humor iluminava-lhe o rosto largo, grosseiro e vulgar.

– Bom dia, cavalheiros – disse ele. – Que posso fazer pelos senhores? – Ouvia falar do crime, Mr. Hardman? – Naturalmente – replicou ele, disfarçando convenientemente o que mastigava.

– Somos obrigados a interrogar todos os passageiros do trem.

– Estou plenamente de acordo. Calculo que é o único meio de conseguir alguma coisa.

Poirot consultou o passaporte que tinha diante de si.

– O senhor é Cyrus Bethman Hardman, cidadão americano de quarenta e um anos, caixeiro-viajante de fitas de máquinas de escrever? – Eu mesmo.

– Viaja de Istambul para Paris? – Sim.

– Por que motivo? – Negócios.

– Viaja sempre em primeira classe, Mr. Hardman? – Sim, senhor. As despesas das minhas viagens correm por conta da firma. – E o americano piscou o olho.

– Agora, Mr. Hardman, passemos aos acontecimentos da noite passada.

Hardman anuiu.

– Que pode adiantar a esse respeito? – Exatamente nada.

– Ah, é pena! Quer dizer-nos, Mr. Hardman, que fez ontem, depois do jantar? Pela primeira vez o americano não respondeu logo. Mas finalmente disse: – Desculpem-me, cavalheiros, mas quem são os senhores? Queiram informar-me.

– Este é Monsieur Bouc, diretor da Compagnie des Wagons Lits. Este outro cavalheiro é o médico que examinou o cadáver.

– E o senhor? – Hercule Poirot. Encarregado de dirigir o inquérito.

– Conheço-o de nome – disse Hardman. – Começo a compreender – acrescentou, depois de breve pausa.

– Então explique-nos o que sabe – replicou secamente o detetive.

– Eu diria muita coisa, se soubesse. Porém nada sei. Contudo, deveria saber alguma coisa. Eis o que me preocupa. Deveria saber.

– Explique-se, senhor Hardman.

O americano suspirou, removeu o que mastigava e mexeu num dos bolsos. Ao mesmo tempo, toda a sua pessoa pareceu sofrer uma mudança. Perdeu o jeito espalhafatoso e tornou-se mais natural, até a voz nasal mudou de timbre.

– Esse passaporte é falso – começou ele. – Aqui tem a minha verdadeira identidade.

Poirot examinou o cartão que o outro lhe estendia. Bouc espreitava-lhe por cima do ombro.

CYRUS B. HARDMAN Agência de Detetives McNeil Nova Iorque

Poirot conhecia o nome, era o de uma das principais agências particulares de Nova Iorque.

– Agora, Mr. Hardman – disse o belga – explique-nos o sentido disto.

– Com prazer. O que há é o seguinte: vim à Europa, no encalço de um par de vigaristas que nada têm com este caso. Terminado o meu serviço, em Istambul, telegrafei ao chefe, pedindo instruções para a volta e já estava no caminho da velha Nova Iorque, quando recebi isto. – E o americano exibiu uma carta com o carimbo do Hotel Tokatlían, na qual se lia: Caro senhor: Foi-me indicado como um dos bons detetives da Agência Mc Neil. Queira vir falar-me hoje ao hotel, às quatro horas.” A assinatura era de S. E. Ratchett.

– Então? – Fui à hora marcada e o senhor Ratchett pôs-me ao corrente da situação. Mostrou-me um maço de cartas que recebera.

– Pareceu-lhe alarmado? – Embora disfarçasse, estava bem preocupado. Fez-me uma proposta. Eu partiria com ele no mesmo trem e velaria pela sua segurança. Então, cavalheiros, aceitei, mas alguém

iludiu-me a vigilância. Estou muito aborrecido. Não é muito agradável para mim.

– Recebera alguma instrução acerca do que devia fazer? – Naturalmente! O senhor Ratchett tinha um plano preparado. Queria que eu ocupasse o camarote contíguo ao dele, o que não foi possível. O único lugar que pude obter foi no número 16 e a muito custo. O chefe do pessoal pretendia guardá-lo para o seu uso exclusivo. Mas, afinal, o inconveniente não era grande; notei que o número 16 me oferecia um ótimo ponto de observação. Adiante do carro-dormitório, há apenas este vagão cuja porta é trancada à noite. O único meio de alguém se introduzir no carro-dormitório era, pois, a porta do fundo e, nesse caso, quem entrasse teria de passar diante do meu camarote.

– Tem ideia do aspecto do assassino eventual?

– Só pela descrição que me fez Mr. Ratchett.

– Ah! E como era? Os três homens mostraram grande interesse.

– Um homenzinho moreno, de voz estridente, segundo me disse o velho – continuou Hardman. – Na opinião dele, o atentado não se daria na primeira noite, mas na segunda ou na terceira.

– Logo, ele sabia alguma coisa – observou Bouc.

– Sabia mais do que disse ao secretário – concordou Poirot. – Contou-lhe alguma coisa a respeito desse inimigo, Mr. Hardman? Disse-lhe, por exemplo, por que era ameaçado?

– Não; explicou apenas que o homem o odiava e queria matá-lo.

– Um homenzinho moreno, de voz estridente – repetiu o belga pensativo. Depois, deitando ao colega um olhar penetrante, perguntou: – Sabia quem era esse homem?

– Quem, Mr. Poirot?

– Ratchett. Não o reconheceu?

– Não compreendo.

– Ratchett era Casseti, o criminoso do caso Armstrong.

Hardman soltou um assobio e exclamou: – Que surpresa! Sim, senhor! Não o reconheci, não! Quando se deu esse caso, eu estava no Oeste. É possível que tenha visto fotografias de Casseti na imprensa, porém, eu não reconheceria a minha mãe, num retrato de jornal. Agora não estranho que Ratchett fosse perseguido! – Sabe de alguém que, relacionado ao caso Armstrong, responda a sinais como baixo, moreno, voz estridente? Hardman refletiu.

– É difícil dizer – tornou afinal. – Quase todos os interessados morreram.

– Lembra-se da jovem que se suicidou?

– Naturalmente. É uma ideia. Talvez tivesse algum parente. Não esqueçamos, porém, que o caso Armstrong não foi o único. Cassetti exerceu por certo tempo a sua atividade. Não nos limitemos a encarar só um caso.

– Sim, mas nós temos razões para crer que o presente crime está ligado ao caso Armstrong.

Hardman fitou no colega um olhar indagador; como Poirot nada dissesse, o americano meneou a cabeça.

– Não me lembro de ninguém interessado neste crime e que corresponda aos sinais dados pelo morto. Não tratei desse caso e pouco sei a esse respeito.

– Bem, continue, Mr. Hardman.

– Pouco há que dizer. Dormi de dia e fui acordado pelo despertador, ao escurecer.

Nada de suspeito sucedeu na primeira noite nem na segunda, que eu saiba. Eu entreabrira a porta e espreitava pela fresta. Nenhum desconhecido passou no corredor.

– Tem a certeza, senhor Hardman? – Plena certeza. Ninguém entrou no trem nem veio dos outros vagões. Posso jurar.

– Podia ver o chefe do pessoal no seu camarote? – Sim. Ele ocupava um banco, quase defronte à porta do meu camarote.

– Viu-o sair, depois que o trem parou em Vincovci? – Na última estação? Sim, foi atender a diversas chamadas, quando o trem parou definitivamente. Depois passou cerca de quinze minutos noutro vagão. Uma campainha soou com insistência e ele voltou, correndo. Saí para o corredor para ver o que havia...

estava um tanto assustado, compreende por quê? Mas era apenas a senhora americana, que se queixou de qualquer coisa. Ri-me bastante. O chefe do pessoal voltou então à procura de água mineral, não sei para quem. Mais tarde, foi à outra extremidade do corredor, arrumar a cama de um passageiro. Depois, creio que não se mexeu até às cinco horas da manhã.

– Tem certeza?

– Isso não posso dizer. É provável que ele tenha saído outras vezes.

Poirot anuiu e, estendendo maquinalmente a mão para os papéis dispersos na mesa, tornou a apanhar o cartão do seu colega.

– Tenha a bondade de completar o nome que está só na inicial.

O outro obedeceu.

– Não há quem possa confirmar a sua identidade, não é verdade, Mr. Hardman?

– Neste trem propriamente, não. Exceto o jovem MacQueen. Conheço-o bem do escritório do pai, em Nova Iorque, mas não é certo que ele se lembre de mim. O senhor precisa esperar que a neve se derreta, para telegrafar a Nova Iorque. Porém, é a verdade, não estou inventando. Bem, até logo, cavalheiros. Prazer em conhecê-lo, Monsieur Poirot.

Poirot estendeu-lhe a cigarreira.

– Prefere talvez o cachimbo? – Não. – O americano levantou-se e saiu. Os três homens entreolharam-se.

– Julga que ele disse a verdade? – perguntou Constantine.

– Sim. Conheço o tipo. Aliás, seria uma mentira fácil de descobrir.

– Deu-nos um indício valioso – atalhou Bouc.

– De fato.

– Um homenzinho moreno, de voz estridente – murmurou Bouc, pensativo.

– Os sinais não se aplicam a nenhum passageiro – concluiu Poirot.

CAPÍTULO X

O depoimento do italiano

– Agora – disse Poirot, piscando o olho – vamos satisfazer o senhor Bouc e ouvir o italiano.

Antonio Foscarelli entrou no vagão-restaurante, com um passo rápido de felino.

O seu rosto alegre, moreno e corado, era genuinamente italiano. Falava francês correntemente, com um leve acento.

– Chama-se Antonio Foscarelli? – Sim, senhor.

– É, pelo que vejo, cidadão americano naturalizado.

O rapaz fez uma careta.

– Sou. Questão de negócios.

– É agente da companhia Ford? – Sim, como vê...

O italiano estendeu-se numa longa explicação, informando os três homens dos seus negócios e viagens, da opinião que fazia dos Estados Unidos e de numerosos países europeus. Não era homem de quem se pudesse obter informações, pois divagava facilmente. O seu rosto jovial iluminou-se, quando, com um último gesto, ele se calou, enxugando a testa com o lenço.

– Como veem – concluiu – faço grandes negócios. Sou moderno. Entendo do assunto.

– Esteve então nos Estados Unidos estes últimos dez anos? – Sim, Monsieur. Ah! Lembro-me do dia em que embarquei para a América tão longe! Minha mãe, minha irmãzinha...

Poirot cortou-lhe o fio das recordações.

– Durante a sua estada em Nova Iorque, encontrou alguma vez Mr. Ratchett? – Nunca. Mas conheço o tipo. Ah! Sim! – e o italiano fez estalar significativamente os dedos. – Muito respeitável, bem trajado, mas por baixo tudo vai mal. Por experiência, poderia dizer que era um vigarista. Dou-lhe a minha opinião pelo que vale.

– Muito acertada – replicou o detetive. – Ratchett era Casseti, o raptor de crianças.

– Que lhe disse eu? Aprendi a ler nas fisionomias. É necessário. Na América é o único meio de aprender a negociar.

– Lembra-se do caso Armstrong? – Não. Do nome sim. Era uma menina... uma criança... não é verdade? – De fato, um caso muito trágico.

O italiano foi o primeiro a discordar desse ponto de vista.

– Coisas que acontecem numa grande civilização, como a americana – comentou ele, filosoficamente.

Poirot interrompeu-o: – Encontrou, por acaso, algum membro da família Armstrong? – Não. Creio que não. É difícil de dizer. Mostrelhe-ei alguns algarismos. No ano passado vendi...

– Não se afaste do assunto, por favor.

– Mil perdões – disse o italiano, juntando as mãos num gesto de desculpa.

– Diga-me o que fez ontem, após o jantar.

– Com prazer. Fiquei neste vagão, quanto pude. É tão divertido! Conversei com o americano, meu vizinho de mesa. Vende fitas de máquina de escrever. Depois fui ao meu camarote. Estava vazio. O miserável John Bull, que o partilha comigo, fora atender o patrão. Afinal voltou de cara amarrada, como sempre. Ele nunca fala... diz apenas “sim” e “não”. Que raça triste, a inglesa! Nada simpática. Ele sentou-se a um canto, a ler. Depois, o chefe do pessoal veio arrumar as nossas camas.

– Números 4 e 5 – murmurou o belga.

– Exatamente, o último camarote. O meu leito é o de cima. Deitei-me, fumando e lendo. O inglês tinha dor de dentes, ao que parece. Aplicou um remédio de cheiro forte.

Depois deitou-se a gemer. Mais tarde adormeci. Sempre que acordava, ouvia-lhe os gemidos.

– Não sabe se ele saiu do camarote durante a noite? – Creio que não. Eu ouviria... A luz do corredor... E sabe, a gente acorda automaticamente, pensando que é a alfândega de alguma fronteira.

– E o inglês? Falou do patrão? Mostrou algum rancor contra ele? – Já lhe disse que ele não fala. Não é simpático. Um peixe! – Acaba de dizer que fumou. Cachimbo, cigarros? – Só cigarros.

Poirot ofereceu-lhe um, o rapaz aceitou-o.

– Já estive em Chicago? – perguntou Bouc.

– Sim. Bonita cidade. Porém conheço melhor Nova Iorque, Washington, Detroit.

Já estive nos Estados Unidos? Não? Deveria ir...

Poirot estendeu-lhe uma folha de papel.

– Faça o favor de assinar o nome e endereço.

O italiano obedeceu. Depois levantou-se com um sorriso amável.

– Nada mais querem de mim? Bom dia, senhores. Queira Deus que nos possamos livrar da neve. Esperam-me em Milão – e, meneando tristemente a cabeça, concluiu: – Perderei o negócio.

Foscarelli saiu e Poirot olhou Bouc.

– Ele esteve muito tempo na América – disse este – é italiano e os italianos usam o punhal e são uns mentirosos! Não gosto deles.

– Está-se vendo – disse Poirot com um sorriso.

– Bem, é provável que o senhor tenha razão; porém, o certo é que não há prova alguma contra esse homem.

– E psicologia? Os italianos não costumam apunhalar?

– Admito-o – concordou o detetive. – Especialmente se exaltados por uma altercação. Porém, este crime é de espécie bem diversa. Na minha opinião foi muito bem calculado, é fruto de longa reflexão e não, como direi... um crime “latino”.

Denuncia antes um cérebro frio e deliberado, um cérebro anglo-saxão.

O investigador apanhou os dois últimos passaportes e disse: – Ouçamos agora Miss Debenham.

CAPÍTULO XI

O depoimento de Miss Debenham

Entrando no carro. Muito elegante, no seu costume escuro, de blusa cinzenta, com as ondas macias do cabelo negro perfeitamente arranjadas, aparentava absoluta calma.

Sentando-se diante de Bouc e de Poirot, interrogou-os com o olhar.

– Chama-se Mary Hermione Debenham e tem vinte e seis anos, não é verdade? – começou o detetive.

– Sim.

– É inglesa? – Sim.

– Quer ter a bondade de escrever neste papel o seu nome e endereço? A moça obedeceu. Tinha uma letra clara e legível.

– E agora, que nos pode dizer acerca do acontecimento desta noite?

– Receio não ter nada para dizer. Deitei-me e dormi.

– Causa-lhe muito pesar, o fato de se ter praticado um crime neste trem? A esta pergunta inesperada, os olhos pardos da moça dilataram-se levemente.

– Não compreendo – disse ela.

– Perguntei-lhe uma coisa muito simples. Repetirei a pergunta: lamenta que se tenha praticado um crime neste trem? – Francamente não me preocupei com isso, não posso dizer que isso me cause pesar.

– Um crime é assim coisa tão normal para si? – Naturalmente, é desagradável – replicou Mary Debenham, com calma.

– A senhorita é bem inglesa, não mostra nenhuma emoção.

A moça sorriu levemente.

– Receio não poder mostrar a minha sensibilidade. Aliás, morre tanta gente, todos os dias! – De fato. Porém, os crimes são um pouco mais raros.

– Certamente.

– Não conhecia Mr. Ratchett? – Vi-o pela primeira vez ontem, à hora do almoço.

– Como lhe pareceu ele? – Mal o observei.

– Não lhe causou a impressão de um tipo equívoco? A moça encolheu os ombros.

– Francamente não pensei nisso.

Poirot fitou-a com um olhar penetrante.

– Desconfio que não leva muito a sério as minhas perguntas – disse ele, pestanejando. – “Um inquérito inglês seria bem diferente”, é o que pensa. Seria conciso e seco. Tenho as minhas originalidades. Observo primeiro as testemunhas e interrogo-as de acordo com as minhas observações. Acabo de ouvir um cavalheiro, que teimava em exprimir-me a sua opinião sobre todas as coisas. Pois bem: obriguei-o a manter-se estritamente nos limites deste inquérito, pedindo-lhe que respondesse apenas sim ou não. Sucede-lhe a senhorita. Vi logo que é pessoa correta e metódica. Limitar-se-ia ao assunto e as suas respostas seriam lacônicas. E como a natureza humana é malévola, fiz-lhe perguntas completamente diversas. Quis saber o que pensa e sente. Não lhe agrada o sistema? – Se desculpar a franqueza, lhe direi que me parece desperdício de tempo. A minha opinião acerca de Mr. Ratchett não ajudará, decerto, a encontrar o criminoso.

– Conhecia a verdadeira identidade de Ratchett? A moça anuiu.

– Mrs. Hubbard comunicou-o a todos.

– Que pensa do caso Armstrong? – Foi simplesmente abominável – replicou ela.

Poirot olhou-a pensativo.

– Vem de Bagdá, segundo creio, não é verdade? – Sim.

– Vai a Londres? – Sim.

– Que fazia em Bagdá? – Era governanta de duas crianças.

– Voltará a esse posto, depois das férias? – Não sei ao certo.

– Por quê? – Bagdá é muito distante. Prefiro, se for possível, ficar em Londres.

– Compreendo. Imagino que vai casar.

Mary Debenham não respondeu e encarou o detetive. O seu olhar dizia claramente: “Que impertinência!” – Que pensa da sua companheira de camarote, Mrs. Ohlsson? – Parece uma criatura simples e amável.

– De que cor é o roupão dela? Mary Debenham arregalou os olhos.

– Escuro... de malha de lã.

– Ah! Quanto à senhorita, posso dizer, sem indiscrição, que vislumbrei a cor do seu roupão na viagem de Aleppo a Istambul. Lilás-claro, se não me engano.

– Exatamente.

– Tem outro roupão? Um vermelho, por exemplo? – Não, não é meu.

Poirot curvou-se. Dir-se-ia um gato pronto para abocanhar um rato.

– De quem é então? A moça teve um movimento de surpresa.

– Não sei. Por que pergunta? – A senhorita não disse: “Não tenho um roupão assim”, mas respondeu: “Não é meu”, fazendo crer que essa peça de vestuário pertence a alguém.

A jovem anuiu.

– A uma passageira? – Sim.

– Quem é? – Francamente, não sei. Acordei esta madrugada, cerca das cinco horas, com a sensação de que o trem estava parado há muito tempo. Abri a porta, julgando que estivéssemos numa estação. E vi alguém, com um roupão vermelho, afastar-se no corredor.

– Não pôde ver quem era? Loira? Morena? Grisalha? – Não sei dizer. Essa pessoa usava uma touca e eu só lhe vi a nuca.

– E quanto à estatura? – Pareceu-me alta e esbelta; o roupão era de tecido estampado com dragões.

– Sim, sim! É isso! Poirot calou-se um instante; depois murmurou consigo mesmo: – Não posso compreender... Não tem sentido...

Levantando os olhos, acrescentou: – Não vou mais tomar seu tempo.

– Oh! – protestou a jovem.

Parecia um tanto admirada; todavia levantou-se prontamente. No limiar, hesitou um minuto e voltou atrás.

– A passageira sueca... Miss Ohlsson, não é? Está um tanto aflita. Segundo me disse, ouviu-o declarar que ela foi a última pessoa que viu Mr. Ratchett vivo, e desconfia, pelo que me parece, que o senhor suspeita dela. Posso dizer-lhe que está enganada? Creia, é uma criatura incapaz de fazer mal a uma mosca.

E assim dizendo, a rapariga sorriu levemente.

– A que horas a viu sair, para ir buscar a aspirina ao camarote da senhora Hubbard? – Pelas dez e meia.

– Demorou-se muito tempo? – Uns cinco minutos.

– Tornou a sair do camarote, durante a noite? – Não.

Poirot voltou-se para o médico.

– Ratchett pode ter sido assassinado a essa hora? Constantine meneou a cabeça.

– Então, Mademoiselle, creio que pode tranquilizar a sua amiga.

– Obrigada – replicou a moça, sorrindo-lhe com simpatia. – Ela lembra-me um cordeiro, sabe? Quando alguma coisa a aflige, põe-se a balir.

E, com estas palavras, a jovem inglesa voltou-se e desapareceu.

CAPÍTULO XII

O depoimento da dama de companhia alemã

Bouc examinava o amigo com curiosidade.

– Não o entendo, meu velho. Que pretende fazer? – Procurava um ponto fraco.

– Um ponto fraco? – Sim... na armadura de domínio de si mesma dessa jovem inglesa. Desejava abalar-lhe o sangue-frio. Será que o consegui? Não sei. De uma coisa, porém, estou certo: ela não esperava que eu tra tasse o assunto como fiz.

– Desconfia dela – disse Bouc lentamente. – Por quê? Parece uma jovem encantadora, a última pessoa sobre quem pode recair a suspeita de semelhante crime.

– Concordo – atalhou Constantine. – É fria. Não se comove. Seria incapaz de apunhalar um homem, mais facilmente o levaria perante o tribunal.

Poirot suspirou.

– Os senhores persuadiram-se de que esse assassinio não foi premeditado.

Suspeito de Miss Debenham por dois motivos: Primeiro, por uma conversa que surpreendi e que os senhores ignoram.

E o detetive referiu rapidamente as frases que ouvira casualmente no caminho de Aleppo.

– Estranho, sem dúvida – comentou Bouc. – Seria necessário esclarecer esse ponto.

Isso faz crer que ambos, ela e o inglês, estão implicados no caso.

Poirot anuiu.

– Eis justamente o que não se apoia em fatos – disse ele. – Se fossem cúmplices, cada um deles trataria naturalmente de arranjar álibi para o outro. Entretanto, assim não sucedeu. O álibi de Mary Debenham

provém dessa sueca, que ela nunca viu, e o do coronel, de MacQueen, o secretário do morto. Não, esta solução do enigma seria muito fácil.

– Disse que tem um outro motivo para suspeitar dela – lembrou Bouc.

Poirot sorriu.

– Ah! É, porém, pura psicologia! Pergunto a mim mesmo: "É possível que Mary Debenham tenha planejado este crime?" Estou convencido de que o criminoso é um cérebro calmo, inteligente e cheio de recursos. E Mary Debenham corresponde bem a estas condições.

Bouc meneou a cabeça.

– Creio que se engana, meu amigo. Não vejo nessa jovem inglesa uma assassina.

– Pois bem – disse Poirot, apanhando o último passaporte – passemos ao nome que fecha a nossa lista. Hildegarde Schmidt, a dama de companhia alemã.

Chamada pelo empregado, a alemã entrou no vagão-restaurante e aguardou respeitosamente as ordens. Poirot mandou-a sentar-se. Ela obedeceu, cruzou as mãos e esperou calmamente que a interrogassem. Parecia uma criatura sossegada, respeitável, não muito inteligente.

Poirot adotou com ela um método muito diferente do que usara com Mary Debenham. Deixando-a completamente à vontade, fez-lhe escrever o nome e o endereço, passando depois insensivelmente ao interrogatório em alemão.

– Desejamos saber o mais possível acerca dos acontecimentos desta noite – disse ele. – Sabemos que nada nos poderá adiantar quanto ao crime, porém, talvez tenha visto ou ouvido alguma coisa que nos possa ser útil. Compreende? Ao que parecia, a alemã não entendera. No seu rosto, largo e bondoso, permanecia a mesma expressão de plácida estupidez e ela respondeu.

– Não sei nada, Monsieur.

– Bem, lembra-se, por exemplo, que a sua patroa a mandou chamar esta noite? – Sim, senhor.

– A que horas? – Não sei ao certo. Eu estava dormindo quando o empregado me chamou.

– Bem. A sua patroa costuma chamá-la a essas horas? – Sim, às vezes. Sua Graça precisa frequentemente de cuidados, à noite. Não consegue dormir bem.

– Então foi chamada e levantou-se. Vestiu um roupão? – Não senhor; vesti a roupa do dia. Não gosto de me apresentar a Sua Excelência de roupão.

– E o seu roupão é bonito... vermelho, não? A alemã fitou o detetive com espanto.

– É de flanela azul-marinho.

– Ah! Continue. Foi um simples gracejo. E então foi atender a princesa. Que fez? – Fiz-lhe massagens e depois li em voz alta. Não leio muito bem, mas Sua Excelência contenta-se com o que faço. A leitura ajuda-a a dormir. Antes de adormecer, dispensou-me: fechei então o livro e voltei ao meu camarote.

– Que horas eram? – Não sei.

– Quanto tempo estive com a princesa?

– Cerca de meia hora.

– Bem, continue.

– Antes de tudo, levei a Sua Excelência um cobertor pesado do meu camarote.

Fazia muito frio, apesar do vagão estar aquecido. Arranjei-lhe o cobertor e ela deu-me boa noite. Preparei-lhe um pouco de água mineral, apaguei a luz e saí.

– E depois? – Nada mais. Voltei ao meu camarote e dormi.

– Encontrou alguém no corredor? – Não, senhor.

– Não viu, por exemplo, uma senhora com um quimono vermelho, bordado com dragões? A alemã arregalou os olhos.

– Não, decerto. Não vi ninguém, exceto o chefe do pessoal. Todos dormiam.

– Viu então o chefe do pessoal? Que fazia ele? – Saía de um dos camarotes.

– Qual? – interveio Bouc. – Qual deles? Hildegarde Schmidt pareceu assustar-se e Poirot deitou um olhar de censura ao amigo.

– Naturalmente – disse o belga. – O chefe do pessoal atende muitas vezes a chamadas, durante a noite. Lembra-se de que camarote saiu? – Era no centro do vagão, senhor. Duas ou três portas antes do camarote da princesa.

– Ah! Diga-nos exatamente onde era e o que aconteceu.

– Ele quase me deu um encontrão. Eu ia ao camarote da princesa, levar-lhe o cobertor.

– E ele saiu do camarote e quase esbarrou com a senhora? Em que sentido ia? – Vinha ao meu encontro. Desculpou-se e passou adiante, em direção ao carro– restaurante. Uma campainha começou a tilintar; não creio, porém, que ele atendesse a chamada.

A alemã calou-se um instante, depois acrescentou: – Não compreendo. Por que desejam...

Poirot tranquilizou-a.

– É só questão de tempo – disse ele. – Pura formalidade. O pobre chefe do pessoal parece que teve uma noite cheia entre o acordar a senhora e atender as chamadas.

– Não foi esse chefe do pessoal, o que me acordou. Era outro.

– Ah, outro? Já o tinha visto antes? – Não senhor.

– Ah! Julga que o reconheceria, se o visse? – Acho que sim.

Poirot cochichou ao ouvido de Bouc. Este levantou-se e encaminhou-se para a porta, para dar uma ordem. O detetive continuava o seu interrogatório, com um modo cordial.

– Já estive na América, Frau Schmidt? – Nunca. Deve ser um belo país.

– Talvez já saiba da verdadeira identidade do assassinado. Era o autor da morte de uma criança.

– Sim, ouvi dizer. É horrível! O bom Deus não deveria permitir certas coisas. Nós, alemães, não somos tão malvados.

E os olhos da humilde criatura encheram-se de lágrimas. O seu coração maternal comovera-se.

– Foi um crime abominável – disse gravemente Poirot.

Depois, tirando do bolso um quadrado de cambraia, estendeu-o à alemã e disse: – É o seu lenço, Frau Schmidt? Houve um minuto de pausa, enquanto a alemã examinava o lenço. Ela refletiu um momento e corou levemente.

– Não, Monsieur. Não é meu.

– Traz a inicial H, veja. Eis por que pensei que lhe pertencesse.

– Ah! Monsieur, é o lenço de uma dama. Um lenço caro. Bordado à mão. Acho que vem de Paris.

– Não é seu nem sabe a quem pertence? – Eu? Não, senhor.

Dos três homens, só Poirot notou uma hesitação imperceptível nessa resposta.

Bouc murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido. O belga anuiu com um sinal e disse à alemã: – Os três chefes do pessoal de todo o trem vão ser chamados. Quer ter a bondade de indicar o que encontrou, esta noite, quando se dirigia ao camarote da senhora princesa? Os três funcionários entraram. Pierre Michel, o condutor do vagão Atenas-Paris, louro e robusto, e o do vagão de Bucarest, baixo e corpulento.

Hildegarde Schmidt examinou-os e meneou a cabeça.

– Não, senhor – disse afinal. – Nenhum deles é o homem que vi esta noite.

– Mas estes são os únicos funcionários do trem. Veja se não se engana.

– Estou certa do que digo. Estes três são homens altos e robustos. O que eu vi era baixo e moreno. Tinha bigode. E quando disse “Pardon”, disse-o com uma voz de mulher. Lembro-me muito bem, senhor.

CAPÍTULO XIII

Resumo dos depoimentos dos passageiros

– Um homenzinho moreno, com voz de mulher... – comentou Bouc. Os três funcionários e a criada alemã já haviam saído. Bouc fez um gesto de desespero.

– Não compreendo. Não compreendo nada de tudo isto! O inimigo de que falava Ratchett, estava, então, no trem? E onde está agora? Como se pôde evaporar? A minha cabeça está rodando! Diga alguma coisa, meu amigo, por favor! Mostre-me que o impossível pode ser possível! – É uma boa frase – replicou Poirot. – O impossível não pode ocorrer, mas o impossível pode ser possível a despeito das aparências.

– Explique-me então o que se deu na noite passada.

– Não sou feiticeiro, meu caro. Estou, como você, muito intrigado. Este caso toma, de fato, uma feição estranha.

– Não adiantamos nada, tudo está como estava.

Poirot meneou a cabeça.

– Não é verdade – replicou. – Avançamos um pouco. Sabemos certas coisas.

Ouvimos o depoimento dos passageiros.

– E o que nos disseram eles? Nada! – Não sou dessa opinião, meu amigo.

– Exagerei talvez. O americano, Hardman, e a alemã deram-nos alguns esclarecimentos. Isto é, tornaram o caso ainda mais complicado do que era.

– Não, não – disse Poirot calmamente.

Bouc voltou-se para ele.

– Fale então, ouçamos a sabedoria de Hercule Poirot! – Não lhe disse que estou também muito intrigado? Acho, porém, que podemos afrontar o problema. Precisamos dispor os fatos com ordem e método.

– Continue – atalhou Constantine.

Poirot suspirou, aliviado, e desdobrou uma folha de papel.

– Examinemos o caso no ponto em que está. Há fatos indiscutíveis. Ratchett ou Casseti, como quiserem, foi assassinado na noite passada com doze punhaladas. Eis um fato.

– Concordo... concordo... meu velho – disse Bouc, com ironia.

Poirot não lhe deu atenção e continuou calmamente.

– Não mencionarei certas aparências, que o doutor Constantine e eu discutimos.

Lá chegaremos daqui a pouco. Agora o segundo fato importante é a hora em que se deu o crime.

– É uma das poucas coisas que conhecemos – tornou Bouc. – O crime foi praticado à uma e quinze da madrugada. Pelo menos, tudo concorre para afirmar esta hipótese.

– Tudo não. Está exagerando. Há apenas algumas aparências que parecem confirmá-la.

– Alegro-me de que também seja dessa opinião – disse Bouc.

Poirot prosseguiu com a mesma calma: – Há três soluções possíveis. Primeira: o crime foi praticado à uma e quinze, como diz, o que é confirmado pelo relógio e pelos depoimentos de Mrs. Hubbard e da alemã e conforme a hipótese do doutor Constantine. Segunda: o crime ocorreu mais tarde e a prova do relógio não passa de um logro. Terceira: o crime deu-se antes e do mesmo modo a prova do relógio é nula. Agora, se aceitarmos a primeira hipótese, como a mais provável e confirmada pelos depoimentos, devemos considerar certos fatos, decorrentes dessa suposição: se o crime foi praticado à uma hora e quinze, o criminoso não pôde fugir. Onde está ele então? Quem é? Examinemos os depoimentos: Soubemos da existência do homenzinho moreno, de voz estridente, apenas pelo depoimento de Hardman. Ratchett falara-lhe desse indivíduo e pedira-lhe que o vigiasse. Nenhuma prova nos confirma este fato, senão a palavra do detetive americano. Examinemos outro ponto. Será Hardman, de fato, o que pretende ser, isto é, agente de uma instituição policial de Nova Iorque? O que me parece mais interessante, é que não temos certas facilidades, com que conta geralmente a polícia. Não podemos investigar os antecedentes de toda esta gente. Temos de nos limitar à simples dedução. Isto não é obra rotineira, mas puro trabalho cerebral. Pergunto: posso aceitar, como verdadeira, a identidade de Hardman? Estou em dizer que sim.

– Baseia-se na intuição... isto é, no que os americanos chamam hunch? – atalhou Constantine.

– Não. Levo em conta apenas as possibilidades. Se Hardman viaja com passaporte falso, isso é indício suspeito. A primeira coisa que a polícia fará, entrando em cena, será prendê-lo e certificar-se de que ele disse a verdade. Tratando-se de muitos passageiros, torna-se difícil investigar-lhes os antecedentes, na maioria dos casos nem se procurará, visto que não há nenhum indício contra eles. No caso de Hardman, porém, é fácil. É ou não a pessoa que pretende ser? Afirmo, todavia, que está tudo em ordem.

– Isenta-o, pois, de suspeitas? – Não. Não me entendeu. Qualquer investigador americano pode ter as suas razões particulares para assassinar Ratchett. O que quero dizer, é que poderemos aceitar como verdadeira a identidade de Hardman. O fato de Ratchett ter solicitado os seus serviços pode ser verdadeiro. Desde que aceitemos estas hipóteses, vejamos os fatos que as confirmam. Encontramo-los, antes de tudo, no depoimento de Hildegarde Schmidt. A descrição do homem que ela viu com o uniforme de chefe do pessoal do trem adapta-se perfeitamente ao suposto assassino. Depois, o botão encontrado pela senhora Hubbard no seu camarote. E ainda há outro fato que não mencionamos.

– Qual? – O Coronel Arbuthnot e MacQueen afirmaram ter visto passar o chefe do pessoal.

Não ligaram importância ao fato, entretanto, Pierre Michel afirmou não ter deixado o seu lugar, senão para atender chamadas, que não o poderiam levar à extremidade do vagão, onde estavam aqueles dois passageiros. Logo, a versão do homenzinho moreno, de voz estridente, uniformizado como o pessoal do trem, é confirmada, direta ou indiretamente, por quatro testemunhas.

– Um aparte – interveio Constantine. – Se o depoimento de Hildegarde Schmidt é exato, por que o verdadeiro chefe do pessoal não mencionou tê-la visto, quando foi atender a chamada de Mrs. Hubbard? – Explica-se. Quando o chefe do pessoal foi atender Mrs. Hubbard, a governanta já estava junto da princesa. E, quando ela voltou ao seu camarote, o chefe do pessoal ainda estava no de Mrs. Hubbard.

Bouc, que se contivera a custo, esperando com impaciência o fim dessa explicação, atalhou: – Sim, sim, meu amigo. Embora admirando a sua prudência e o seu método de proceder lentamente, digo-lhe que

ainda não chegou ao ponto que interessa. Todos acreditamos que essa pessoa exista. Mas a questão é saber onde está?...

Poirot meneou a cabeça, em ar de censura.

– Engana-se. Quer levar o carro adiante dos bois. Antes de perguntar a mim mesmo: “Como se evaporou esse homem?” pergunto: “Existe, realmente, esse homem?” Vejamos: se esse criminoso fosse mera invenção, seria mais fácil fazê-lo desaparecer.

Assim, antes de tudo, procuro averiguar se ele existe, realmente.

– E, chegando à conclusão de que ele existe... onde estará agora? – Há só duas soluções: ou está escondido no trem em lugar tal que nunca nos lembraremos de revistar ou então, por assim dizer, o nosso criminoso corresponde a duas pessoas: é o homem que Ratchett temia e estava ao mesmo tempo tão bem disfarçado, que a vítima não o reconheceu.

– É uma boa ideia – disse Bouc, com o rosto iluminado. – Há porém, uma objeção... – acrescentou com tristeza.

– A estatura do homem, não é verdade? – disse Poirot, completando-lhe as palavras. – Exceto o criado de Ratchett, todos os passageiros são altos... o italiano, o coronel, MacQueen e o conde Andrenyi. Resta-nos o criado, hipótese pouco provável.

Há, contudo, outra possibilidade: lembre-se da voz estridente, voz de mulher. Isto origina várias alternativas. O criminoso pode ter-se disfarçado de homem e apresentar-se agora como a mulher que é. Em trajes masculinos, até uma mulher de elevada estatura parece baixa.

– Mas Ratchett decerto sabia...

– Talvez soubesse. Quem sabe se essa mulher já não lhe atentara contra a vida, e m traje masculino, para executar mais facilmente o seu propósito? A fim de prevenir uma repetição desse logro, Ratchett pediu a Hardman que vigiasse um homem.

– É provável – concordou Bouc. – Todavia...

– Escute, meu amigo, creio que lhe posso comunicar certas observações interessantes, feitas pelo doutor Constantine.

E o detetive relatou as conclusões, a que ele e o médico haviam chegado, acerca da natureza dos ferimentos. Bouc fez ouvir um murmúrio lamentoso e apertou a cabeça nas mãos.

– Compreendo – disse Poirot, com simpatia – compreendo o que sente. Tem a cabeça tonta, não é assim? – Tudo isso é uma fantasia! –

bradou Bouc.

– Exatamente. É absurdo... improvável, inverossímil, como eu mesmo o julgo, entretanto é isso mesmo. Não se pode fugir dos fatos.

– Uma loucura! – Não acha? Parece uma coisa tão insensata, que por momentos tenho a impressão de que deve ser muito simples; mas isso é apenas uma das minhas "pequenas ideias"...

– Dois assassinos... – gemeu Bouc. – E no Expresso do Oriente...

E esta lembrança quase o fez chorar.

– Agora tornemos esta fantasia ainda mais fantástica – prosseguiu Poirot jovialmente. – Na noite passada, havia no trem dois estranhos misteriosos: o chefe do pessoal, correspondendo à descrição de Hardman e visto por Hildegarde Schmidt, pelo Coronel Arbuthnot e MacQueen, e uma mulher de roupão vermelho, alta e esbelta, vista por Pierre Michel, Mary Debenham, MacQueen e por mim mesmo e "pressentida", digamos, pelo Coronel Arbuthnot. Quem era ela? Nenhuma passageira confessou ter um roupão vermelho. Essa mulher também se evaporou. Será o mesmo chefe do pessoal ou outra personalidade, bem distinta? Onde estão esses dois? E onde estarão o uniforme e o roupão vermelho? – Ah, eis um elemento positivo! – exclamou Bouc, levantando-se de um salto. – Revistemos todas as bagagens dos passageiros! Sim, havemos de encontrar qualquer coisa.

Poirot também se levantou.

– Faça uma profecia – disse ele.

– Sabe onde os encontraremos? – Tenho uma ideia.

– Onde? Diga? – Encontrará o roupão vermelho na bagagem de um dos passageiros e o uniforme de chefe do pessoal nas malas de Hildegarde Schmidt.

– Hildegarde Schmidt? Julga que...? – Não é o que pensa, mas o seguinte: se Hildegarde Schmidt é culpada, o uniforme pode ser encontrado na sua bagagem... porém, se ela estiver inocente, será encontrado com certeza.

– Mas como...? – principiou Bouc.

E interrompeu-se, para exclamar: – Que barulho é este? Parece o de uma locomotiva em movimento.

O rumor aproximava-se. Eram gritos e protestos de uma voz feminina. A porta do carro-restaurante escancarou-se e a senhora Hubbard precipitou-se no salão.

– É horrível – bradou ela. – É de mais! Na minha maleta... Na minha maleta... Um punhal todo ensanguentado! E de súbito, perdendo as forças, a americana desmaiou no ombro de Bouc.

CAPÍTULO XIV

A pista da faca

Com mais vigor do que galanteria, Bouc pousou na mesa a cabeça da dama desmaiada. Constantine chamou um dos criados do restaurante, o homem acudiu, correndo.

– Mantenha-lhe a cabeça levantada – explicou o médico ao empregado. – Quando ela voltar a si, dê-lhe um pouco de conhaque. Compreende? Dadas essas ordens, reuniu-se à pressa aos seus dois companheiros. O seu interesse concentrava-se todo nesse crime... os desmaios das damas idosas não o impressionavam. Provavelmente, Mrs. Hubbard recobrou os sentidos com mais facilidade do que se lhe tivessem dispensado algum cuidado. Poucos minutos depois, já se endireitava na cadeira, sorvendo o conhaque e expandindo-se na costumada loquacidade.

– Não sei dizer o horror que senti! Desconfio que ninguém está, aqui, em condições de compreender as minhas sensações. Sempre fui muito sensível, como uma criança. A vista do sangue. Ai! Só de pensar nisso, quase desmaio outra vez! O criado estendeu-lhe pressurosamente o copo.

– Mais um pouco, Madame...

– Acha que me fará bem? Nunca tomo álcool. Na minha família, todos são abstêmios. Enfim, como é apenas para remédio...

E a velha americana tornou a beber. Entretanto Poirot e Bouc, seguidos pelo médico, encaminhavam-se para o camarote de Mrs. Hubbard. Todos os viajantes estavam à porta dos seus compartimentos. O chefe do pessoal com uma expressão de terror na fisionomia, tentava contê-los.

– Não há nada para ver – dizia ele em diversas línguas.

– Deixem-me passar, por favor – disse Bouc.

Abrindo caminho entre os passageiros, o diretor da Companhia entrou no camarote, seguido pelo detetive.

– Alegro-me de que tenha vindo, senhor – disse o chefe do pessoal do trem, com alívio. – Todos queriam entrar. A senhora americana gritava tanto, que julguei que também a estivessem matando. Vim correndo. Encontrei-a, chamando como louca, dizendo que iria procurá-lo e no caminho contava a todos o que lhe aconteceu. Está ali, senhor – continuou Michel com um gesto: – Não mexi em coisa alguma.

Pendurada no trinco da porta de comunicação com o camarote vazio, via-se uma larga bolsa de borracha. Debaixo dela, como caíra das mãos d Mrs. Hubbard, estava um punhal de lâmina reta, aparentemente uma arma oriental, de cabo cinzelado e lâmina pontuda, em que se viam manchas semelhantes a ferrugem. Poirot apanhou-o com cuidado.

– Sim – murmurou ele. – Não é possível enganar-me. Eis a arma que se sumira, hein, doutor? Constantine examinou-a por sua vez.

– Não tenha tanto cuidado – disse Poirot. – Não traz impressões digitais, salvo as de Mrs. Hubbard.

O médico, porém não se demorou muito tempo a examinar o punhal.

– É a arma, de fato – disse ele – e corresponde a todos os ferimentos.

– Peço-lhe, meu amigo, que não diga isso! O médico pareceu surpreendido.

– Somos perseguidos pelas coincidências – objetou Poirot. – Na noite passada, duas pessoas resolveram apunhalar Ratchett. É bom demais que ambas escolhessem armas idênticas.

– Não é tão estranho, como parece – disse o médico. – Estas armas vendem-se aos milhares nos bazares de Constantinopla.

– Consolo-me um pouco... mas muito pouco – tornou o detetive.

E fitou, pensativo, a porta de comunicação, depois, tirando a bolsa de borracha, experimentou o trinco. A porta estava fechada. Pouco abaixo do trinco, havia um ferrolho. Poirot puxou-o para trás e tornou a experimentar o trinco, mas não conseguiu abrir a porta.

– Nós fechamo-la pelo lado de dentro, lembra-se? – disse o médico.

– É verdade – replicou o detetive, distraído.

Poirot parecia preocupado; uma ruga sulcava-lhe a testa.

– Isto explica-se, não é verdade? – perguntou Bouc. – O homem passou por aqui.

Fechando a porta de comunicação atrás de si, deu com essa bolsa e ocorreu-lhe de repente a ideia de enfiar ali dentro a arma ensanguentada. Depois, sem saber que acordara Mrs. Hubbard, fugiu pela outra porta.

– É o que deve ter acontecido – disse Poirot.

Entretanto continuava a mostrar-se intrigado.

– Que há? – perguntou Bouc. – Alguma coisa que não o satisfaz, meu amigo? Poirot deitou-lhe um rápido olhar.

– Essa mesma coisa não o intriga também? Não, evidentemente. Bem, é uma coisa insignificante.

O chefe do pessoal assomou à porta.

– Vem aí Mrs. Hubbard – anunciou ele.

Constantine sentiu-se constrangido, percebia que não se portara bem com a velha dama. Mas a americana não tinha tempo para censurá-lo, toda a sua energia convergia para outro ponto.

– Só uma palavra – disse ela, ofegante, assomando à porta. – Não quero ficar neste camarote. Não dormiria aí, esta noite, nem que me dessem um milhão de dólares! – Mas, Madame...

– Sei o que vai dizer e desde já respondo que não quero saber disso! Prefiro passar a noite sentada no corredor! Oh! Se a minha filha soubesse! – continuou logo, elevando a voz. – Se ela me visse neste instante...

Poirot interrompeu-a.

– Entendeu mal, minha senhora. O seu pedido é mais do que razoável. As suas bagagens serão removidas, desde já, para outro camarote.

A senhora Hubbard baixou o lenço.

– Fala verdade? Oh! Já me sinto melhor! Mas o trem está repleto e, a não ser que um dos cavalheiros...

Bouc tomou a palavra.

– A sua bagagem, minha senhora, será transportada para o vagão enganchado em Belgrado.

– Esplêndido! Não sou lá muito nervosa, porém, dormir neste camarote, junto ao de um morto... – e a americana estremeceu. – Isto me deixará quase louca.

– Michel – chamou Bouc. – Leve estas bagagens para um camarote vazio do vagão Atenas-Paris.

– Sim, senhor... o mesmo número deste, o número 3, não? – Não – acudiu Poirot, antes que Bouc respondesse. – Creio que seria melhor para Mrs. Hubbard ter outro número. O número 12, por exemplo.

– Sim, senhor.

O chefe do pessoal pegou nas malas e a senhora Hubbard voltou-se para agradecer a Poirot.

– Que bondade e delicadeza! – disse ela. – Sei apreciá-la, creia.

– Nem diga isso, Madame! Acompanhá-la-emos, para nos certificarmos de que fica bem instalada.

Escortada pelos três homens, Mrs. Hubbard dirigiu-se para o seu novo camarote, que examinou com satisfação.

– Bonito! – disse ela.

– Agrada-lhe, minha senhora? Como vê, é idêntico ao que acaba de deixar.

– É isso mesmo. Apenas dá para o outro lado. Mas não importa; estes trens andam ora numa direção ora noutra. Eu tinha dito à minha filha: “Quero um camarote de frente para a locomotiva” e ela respondeu... “Não, mamãe, não lhe convém, pois, quando adormecer, o trem andarà num sentido e ao acordar, encontrá-lo-á seguindo noutra direção.” É verdade. Foi o que aconteceu em Belgrado.

– Então, está satisfeita? – Propriamente, não. Estamos bloqueados pela neve e ninguém pode fazer nada.

Entretanto, o meu vapor sairá depois de amanhã.

– Minha senhora – atalhou Bouc. – Todos nós estamos nas mesmas condições.

– É verdade – concordou a senhora Hubbard. – Todavia, ninguém encontrou, altas horas da noite, um assassino no seu próprio camarote.

– Eis o que me intriga – disse Poirot. – Como pôde esse homem entrar no seu camarote, se a porta de comunicação, como a senhora disse, estava trancada? Tem a certeza de que estava trancada? – Sim, Miss Ohlsson experimentou-a, à minha vista.

– Procuremos reconstituir a cena. A senhora não podia certificar-se por si mesma, porque já estava deitada, não é assim? – Não, por causa do saco. Oh! Preciso comprar outro! Revira-me o estômago, só de olhar para esse.

Poirot apanhou-o e pendurou-o no trinco da porta de comunicação com o camarote vizinho.

– Perfeitamente – disse ele. – O ferrolho está logo abaixo do trinco e o saco esconde-o. Da sua cama a senhora não podia ver se a porta estava ou não aferrolhada.

– Pois foi o que eu lhe disse! – E a senhora sueca ficou aqui, entre a senhora e o saco? Experimentou a porta e disse-lhe que estava fechada?
– Exatamente.

– Contudo, ela pode ter-se enganado. Compreende o que quero dizer? – perguntou Poirot, ansioso por se explicar. – O ferrolho é apenas uma tira de metal. Voltado para a direita, tranca a porta, para a esquerda, deixa-a aberta. Provavelmente experimentou o trinco e como o passageiro do outro camarote a fechara do seu lado...

– Bem! Ela não deixa de ter sido tola! – Madame, nem sempre a pessoa melhor e mais amável é a mais inteligente.

– É verdade.

– A propósito: vem de Smyrna, Madame? – Não, desembarquei em Istambul, onde um amigo da minha filha, Mr. Johnson, um perfeito cavalheiro, gostaria que o conhecessem, me recebeu e levou a visitar a cidade toda. Um lugar horrível! E essas mesquitas e as pantufas que enfiam por cima dos sapatos. Onde estava eu? – Dizia que o senhor Johnson a recebeu.

– Isso mesmo. E ele viu-me a bordo do navio francês de Smyrna e o meu genro, a esperar no cais. Que dirá ele, quando souber disto? A minha filha assegurava que seria a viagem mais cômoda e segura: “A mãe acomoda-se no trem e vai ao encontro logo do expresso americano.” E... oh! Senhor! Que hei de fazer para cancelar a minha passagem? Teria de escrever-lhes isto! E não posso! É demais! As lágrimas reapareciam nos olhos de Mrs. Hubbard. Já aborrecido, Poirot aproveitou a oportunidade.

– Sofreu um verdadeiro choque, Madame. É melhor que o empregado lhe traga chá e alguns biscoitos.

– Não creio que o chá me faça bem – disse a velha americana, desfeita e m lágrimas. – É mais um hábito inglês...

– Então café. Precisa de um estimulante.

– O conhaque fez-me rodar a cabeça. Prefiro café.

– Muito bem. Isso lhe ressuscitará as forças.

– Que expressão esquisita! – Antes, porém, mais uma formalidade. Permite que lhe reviste as bagagens? – Para quê? – Teremos de revistar a bagagem de todos os passageiros. Não lhe quero lembrar uma desagradável ocorrência. Pense, porém, na sua bolsa.

– Misericórdia! Talvez seja melhor! Francamente, não tenho coragem para suportar novas surpresas deste gênero.

A busca não durou muito. Mrs. Hubbard trazia poucas bagagens – chapeleira, uma mala grande e a maleta bem cheia. – O conteúdo delas foi examinado rapidamente e a busca seria ainda mais rápida, se a senhora Hubbard não insistisse em mostrar as fotografias da filha e dos netos.

CAPÍTULO XV

Indícios nas bagagens

Livrando-se de Mrs. Hubbard com algumas hipocrisias delicadas e assegurando que lhe mandaria levar o café, Poirot retirou-se com os seus dois companheiros.

– Bem, fizemos uma busca infrutífera – disse ele. – Quem virá em seguida? – Creio que será melhor percorrer todo o trem, de camarote em camarote.

Comecemos pelo número 16... o do amável Mr. Hardman.

O detetive americano entretinha-se, fumando um cigarro, e recebeu-os afavelmente.

– Entrem, senhores... isto é, se for possível. Só em fantasia este compartimento poderá abrigar um grupo.

Bouc explicou-lhe o motivo da visita. O americano concordou.

– Perfeitamente. Admirava-me de que já não o tivessem feito. Aqui estão as chaves, se quiserem revistar-me os bolsos, estou às ordens. Vou levantar as malas.

– Não, o chefe do pessoal o fará. Michel! A revista à bagagem do americano pouco tempo levou. As malas continham uma quantidade talvez excessiva de bebidas alcoólicas. Hardman piscou o olho.

– Em geral não se revistam as bagagens na fronteira, especialmente quando se dá gorjeta ao condutor. Já espalhei por aí um maço de notas turcas e, tão cedo, não me aborrecerei.

– E em Paris? Hardman tornou a piscar o olho.

– Quando lá chegar – replicou ele – o que restar de tudo isso caberá num frasco de loção para o cabelo.

– O senhor não é partidário da lei seca? – observou Poirot com um sorriso.

– Ora! – disse Hardman. – A lei seca nunca me incomodou.

– Ah! – disse Bouc. – Os *speakeasy* – acrescentou, pronunciando com cuidado e saboreando o vocábulo. – Como são interessantes e expressivos os termos americanos! – concluiu ele.

– Eu gostaria de ir à América – disse Poirot.

– O senhor aprenderia muita coisa nova – afirmou Hardman. – A Europa precisa acordar. Está meio adormecida.

– Na verdade, a América é o país do progresso – concordou o belga. – Eis o que admiro nos americanos. Talvez eu seja um pouco antiquado, acho as mulheres americanas menos encantadoras do que as nossas. As moças francesas e belgas, tão vivas e graciosas, a meu ver, não têm rivais.

Hardman voltou-se para olhar a neve durante um minuto.

– Talvez tenha razão, Monsieur Poirot – disse ele.

– Creio, porém, que cada nação gosta mais das próprias mulheres.

O americano pestanejou, como se a brancura da neve o ofuscasse.

– Uma espécie de deslumbramento, não? – disse ele. – Asseguro-lhe que esta situação começa a enervar-me. Crime! Neve!... E não poder fazer nada! Depender de matar o tempo o melhor possível! Preciso ocupar-me com alguém ou alguma coisa.

– Eis o genuíno espírito de ação do Oeste – observou Poirot, sorrindo.

O chefe do pessoal tornou a arrumar as malas e os três homens passaram ao compartimento seguinte, onde o Coronel Arbuthnot fumava e lia um jornal.

Poirot explicou-lhe o motivo da visita. O coronel apressou-se a satisfazê-los.

Trazia duas malas pesadas de couro.

– O resto das minhas bagagens vai por via marítima – explicou ele.

Como a maioria dos soldados, o coronel era de uma ordem escrupulosa. A revista nas suas bagagens ocupou apenas poucos minutos e Poirot deu com um embrulho de limpadores de cachimbos.

– Usa-os sempre da mesma qualidade? – perguntou ele.

– Geralmente...

– Ah! – comentou o belga.

Os limpadores de cachimbos eram idênticos ao que se encontrara no camarote de Ratchett. Constantine comentou o fato, logo que deixaram o aposento do coronel.

– Contudo – disse Poirot – custa-me a crer. Não condiz com esse caráter e quem diz isto diz tudo.

A porta do camarote da princesa Dragomiroff estava fechada. Bateram e a voz grave da velha dama convidou-os a entrar. Bouc, muito cortês e deferente, deu a explicação habitual. A princesa escutou-o, calada e impassível.

– Desde que é necessário – disse ela – dou licença. A minha criada tem as chaves.

Ela os ajudará.

– É a sua criada quem as guarda habitualmente? – perguntou o belga.

– Decerto! – E se de noite, chegando à fronteira, for necessário abrir uma das malas? A velha dama encolheu os ombros.

– É pouco provável. Nesse caso, o chefe do pessoal chamá-la-ia.

– Confia tanto nela, minha senhora? – Já lhe disse que sim – replicou a princesa calmamente. – Não emprego gente em que não possa confiar.

– Sim – disse Poirot pensativo. – A confiança é muita coisa nos nossos dias. Talvez seja melhor ter uma criada modesta, em que se possa confiar, do que outra mais chique, uma graciosa parisiense, por exemplo.

Os olhos negros e inteligentes da aristocrata voltaram-se lentamente, para encarar Poirot.

– Que quer dizer com isso, senhor Poirot? – Nada, Madame. Eu? Nada.

– Sim. Pensa que tenho alguma francesa elegante para atender à minha toalete? – Seria muito natural, Madame.

Ela meneou a cabeça.

– Schmidt é muito dedicada – e, acentuando lentamente as palavras, acrescentou. – Não há dinheiro que pague a dedicação.

Entretanto a alemã chegara com as chaves. Depois de lhe ordenar em russo que abrisse as malas e auxiliasse os três homens na busca, a princesa saiu para o corredor a olhar a neve. Poirot acompanhou-a, deixando a Bouc o encargo de fiscalizar a operação.

A velha dama encarou o belga com um sorriso escarninho.

– Pelo que vejo, não o interessa o conteúdo das minhas malas? O belga meneou a cabeça.

– Não passa de uma formalidade, Madame.

– Tem a certeza? – No seu caso, sim.

– Entretanto conheci e estimei Sônia Armstrong. Em que pensa então? Que não quis manchar as mãos com um velhaco da espécie de Cassetti? Bem, talvez tenha razão.

– Depois de breve pausa, a princesa acrescentou: – Sabe o que gostaria de ter feito a esse homem? Chamar os meus criados e ordenar-lhes: “Fustiguem-no até à morte e atire m– no ao lixo.” Dantes procedia-se assim.

O detetive continuava a escutá-la atentamente, sem falar. A princesa encarou-o e, com súbita veemência, disse: – O senhor não fala! Em que está pensando? Poirot fitou-a por sua vez.

– Acho, minha senhora, que a sua força está na vontade e não no braço.

A princesa olhou os próprios braços magros, escondidos na manga preta, e as mãos amareladas, longas como garra s e cheias de anéis.

– É verdade – disse ela. – Não tenho força nos braços... Nenhuma. Não sei se feliz ou infelizmente.

Depois, voltando-se com um gesto repentino, entrou no camarote, onde a criada se azafamava em volta das malas. A princesa interrompeu as desculpas de Bouc: – Não precisa justificar-se – disse ela. – Praticou-se um crime. Certas formalidades são indispensáveis.

– É muito amável, minha senhora.

A princesa cumprimentou-os e eles saíram. As portas dos dois camarotes contíguos estavam fechadas. Bouc coçou a cabeça.

– Diabo! – disse ele. – Poderíamos passar adiante. Eles têm passaporte diplomático.

A bagagem goza de imunidade.

– Na alfândega, sim. Mas um crime é coisa diversa.

– Sei. Contudo... não criemos complicações.

– Não se aborreça, meu amigo. O conde e a condessa serão razoáveis. Lembre-se da amabilidade da princesa.

– Ela é uma verdadeira fidalga. Esses dois também o são, mas o conde não mostrou boas disposições. Não gostou de que o senhor insistisse em interrogar a condessa. E agora vamos aborrecê-la ainda mais. Passemos adiante. Aliás, não é admissível que eles estejam implicados nisto. Que necessidade temos de novos incômodos? – Não

concordo – disse Poirot. – Tenho a certeza de que o conde será razoável. Em todo o caso, tentemos.

E, antes que Bouc pudesse responder, o detetive bateu à porta do camarote n.º 13.

Uma voz convidou-os a entrar. Sentado perto da porta, o conde lia um jornal. A condessa ocupava o canto oposto, junto da janela. Descansava a cabeça num travesseiro e parecia ter dormido.

– Desculpe, senhor conde – começou Poirot. – Queira perdoar esta invasão. É que estamos revistando todas as bagagens. Pura formalidade, mas indispensável. O senhor Bouc lembrou que, como tem passaporte diplomático, pode, se quiser, isentar-se desta busca.

O conde refletiu um instante.

– Obrigado – disse ele. – Porém, não quero formar exceção. Prefiro que as nossas malas sejam examinadas, como as dos outros passageiros.

E, voltando-se para a esposa, perguntou: – Não vê inconveniente nisso, Elena? – Não – respondeu a jovem, sem hesitar.

Seguiu-se uma rápida busca. Poirot parecia embaraçado, ao fazer observações como esta: – Há um rótulo úmido na sua mala, Madame.

E, assim dizendo, erguia um estojo azul, com iniciais e coroa. A condessa não replicou. Parecia aborrecida com aquela pesquisa e não se moveu do seu lugar, olhando vagamente pela janela, enquanto os três homens lhe examinavam as malas, no camarote contíguo. Terminada a busca, Poirot abriu o armário, acima do lavatório, e revistou-lhe o conteúdo, uma esponja, um creme de beleza, pó de arroz e um frasquinho de trional.

Depois, com palavras amáveis de parte a parte, os três deixaram o camarote. Os seguintes eram os de Mrs. Hubbard, de Ratchett e do próprio Poirot. O grupo dirigiu-se, pois, para os compartimentos de segunda classe.

No primeiro encontraram Mary Debenham, a ler um livro, e Greta Ohlsson que acordou sobressaltada, quando eles entraram. Poirot repetiu a explicação. A sueca agitou-se, enquanto a jovem inglesa se mantinha completamente calma. Poirot dirigiu-se à primeira: – Se nos der licença, examinaremos as suas bagagens, depois, talvez, nos queira fazer o favor de ver se a senhora americana está bem acomodada. Ela mudou-se para outro vagão, mas ainda está muito nervosa pela descoberta que fez na

maleta. Mandei-lhe servir café, acho, porém, que para ela não há remédio melhor do que ter com quem conversar.

A sueca prontificou-se logo a ir. E, como tinha a sua mala aberta, aproveitou para tirar um pouco de amoníaco. Greta saiu e a revista efetuou-se num instante. Ela trazia tão pouca coisa! Evidentemente, ainda não dera pela falta dos ganchos da chapeleira.

Pondo o livro de lado, Mary Debenham seguia Poirot, com o olhar. Quando o detetive lhe pediu as chaves, a jovem entregou-as. Depois, enquanto o investigador abria uma das malas, perguntou: – Por que afastou a minha companheira, Monsieur Poirot? – Eu? Pedi-lhe apenas que fosse ver Mrs. Hubbard.

– Um bom pretexto... mas ainda um pretexto.

– Não a compreendo.

– Creio que me entende muito bem.

E a moça sorriu.

– Queria deixar-me só. Não é verdade? – Está-me atribuindo coisas que não disse, Mademoiselle.

– E muitas ideias na cabeça? Não, não é isso. As ideias sempre estivera m lá.

Acertei, ou não? – Mademoiselle, temos um provérbio...

– Quem se desculpa acusa-se. Não é o que quer dizer? Convença-se de que tenho certa sagacidade e um pouco de bom senso. Por um motivo qualquer, o senhor desconfia de que tenho alguma relação com este crime. O assassinato de um homem que nunca vi.

– Está imaginando coisas! – Não, não estou imaginando. Parece-me tempo perdido, o que se gasta, escondendo a verdade. Querendo alcançar o fim por vias indiretas.

– Sim, tanto mais que a senhora detesta a perda de tempo. Prefere ir direto ao fim.

Quer o método direto. Pois bem, serei franco. Desejo perguntar-lhe o que significam as frases, que surpreendi durante a viagem na Síria. Desembarquei na estação de Konya para “esticar as pernas”, como dizem os ingleses, e ouvi a sua voz e a do Coronel Arbuthnot. E a senhora dizia-lhe: “Não, agora não. Só quando tudo tiver passado! Quando deixarmos isto para trás!” Que significavam estas palavras, minha senhora? – Pensa que se referiam ao crime? – perguntou a moça calmamente.

– É o que estou perguntando.

A moça suspirou e pensou um instante. Depois disse: – Essas palavras tinham um sentido que eu não lhe posso dizer. Posso apenas dar– lhe a minha palavra de que nunca vi Ratchett, a não ser neste trem.

– Então recusa explicar as suas palavras? – Sim, desde que quer franqueza, recuso. Elas referiam-se a uma missão de que me incumbi.

– Uma missão que terminou agora? – Que quer dizer? – Terminou, não é verdade? – Por que diz isso? – Escute, lembrarei outro incidente. Houve um atraso do trem, no dia em que devíamos chegar a Istambul. A senhora, tão calma e segura de si, estava muito agitada.

– Não queria perder o trem.

– Assim o disse. Mas o expresso deixa Constantinopla todos os dias. Embora o perdesse, seria apenas questão de vinte e quatro horas.

Pela primeira vez, Mary Debenham pareceu perder a calma.

– Não compreende que se possa ter amigos à nossa espera, em Londres, e que um dia de atraso cause mil transtornos? – Ah! É por isso? Tem amigos à sua espera? Não lhes quer causar incômodos? – Naturalmente! – Entretanto... é curioso!...

– Curioso Por quê? – Neste trem teremos novamente um atraso. E desta vez mais sério, pois a senhora não pode telegrafar aos seus amigos nem falar-lhes pelo... pelo...

– Telefone? – Isso. O chamado portmanteau call, como se diz na Inglaterra.

Mary Debenham sorriu involuntariamente e emendou: – Não, o chamado trunk call. Sim, como diz, é bem desagradável não poder avisá-los por telégrafo ou telefone.

– Entretanto, o seu modo de estar é, desta vez, completamente diverso.

Mademoiselle não mostra nenhuma impaciência. Pelo contrário! Encara as coisas com calma e filosofia.

A inglesa corou e mordeu os lábios. Já não sorria.

– Não responde? – Lamento-o! Porém, não sei o que responder.

– Sabe sim, explicará a sua mudança de atitude.

– Não acha que está fazendo barulho sem motivo, Monsieur Poirot? O belga desculpou-se com um gesto.

– É provavelmente uma fraqueza dos detetives. Exigimos um procedimento sempre igual. Não admitimos mudanças de atitude.

Mary Debenham não replicou.

– Conhece bem o Coronel Arbuthnot, Mademoiselle? O detetive percebeu que a mudança de assunto a aliviara.

– Encontrei-o pela primeira vez nesta viagem.

– Tem algum motivo para crer que ele conhecesse Ratchett? A jovem sacudiu a cabeça resolutamente.

– Tenho a certeza do contrário.

– Por quê? – Pelo modo como ele falou.

– Contudo, achamos no camarote da vítima um limpador de cachimbo. E o Coronel Arbuthnot é o único passageiro que fuma cachimbo.

Poirot observava fixamente a moça. Porém, ela não mostrou nem surpresa nem emoção e limitou-se a dizer: – Um verdadeiro absurdo: o coronel é o último homem em que pode recair a suspeita de semelhante crime.

Tal era também a opinião de Poirot; nesse ponto concordava plenamente com a sua interlocutora.

– Preciso lembrar-lhe, Mademoiselle, de que não o conhece bem – disse ele.

Ela encolheu os ombros e tornou: – Conheço o tipo.

O belga insistiu gentilmente: – Então recusa explicar-me o sentido das palavras: “Quando deixarmos isto para trás”? – Nada tenho a dizer – replicou a moça friamente.

– Não importa – disse Poirot. – Hei de descobrir.

E, com um aceno, o detetive saiu do camarote, fechando a porta atrás de si.

– Teria sido prudente, meu amigo? – perguntou Bouc. – Pôs a moça em guarda e por meio dela o coronel.

– Meu amigo, quando se quer apanhar um coelho, mexe-se em sua toca. Se ele estiver ali, foge, com certeza. Foi o que fiz.

Entretanto, paravam diante do camarote de Hildegarde Schmidt. Calma e deferente, a alemã pôs-se à disposição do detetive. Este examinou com um rápido olhar o conteúdo de uma maleta. Depois pediu ao criado que levantasse as malas mais pesadas.

– As chaves? – perguntou.

– Não estão fechadas, Monsieur.

Poirot levantou as alças da tampa de uma das malas e abriu-a.

– Ah – disse ele, voltando-se para Bouc. – Que lhe disse eu? Olhe! Bem por cima das roupas estava um uniforme de chefe do pessoal do trem enrolado à pressa. À vista disso, a calma da alemã transformou-se em aflição.

– Ach! – bradou ela. – Não é meu! Não fui eu quem o guardou ali. Não tornei a mexer nessa mala, desde que deixamos Istambul. Acreditem! É verdade! E a desorientada mulher corria o olhar suplicante de uns para os outros dos presentes. Poirot segurou-lhe brandamente o braço, procurando acalmá-la.

– Não é nada! Confiamos na senhora. Não se aflija. Tenho tanta certeza de que não escondeu o uniforme como de que é uma boa cozinheira. Escute. É boa cozinheira, não? A alemã sorriu involuntariamente.

– Sim, todas as damas que servi o afirmaram. Eu...

E calou-se, de novo, assustada.

– Não, não! – repetiu Poirot. – Asseguro-lhe que não é nada. Vou contar-lhe o que se deu: o homem que a senhora viu uniformizado saiu do camarote da vítima. Esbarrou com a senhora. Era um mau encontro, para quem esperava não ser visto. Que havia de fazer então? Precisava livrar-se da farda, que já não era um disfarce e sim um perigo.

E Poirot lançou um olhar a Bouc e Constantine, que o escutavam atentamente.

– Veja, a neve estragou-lhe todos os planos. Onde poderia esconder esse uniforme? Todos os camarotes estavam ocupados. Passando diante deste, viu a porta aberta, julgou-o desocupado. Devia ser o da mulher com quem esbarrara. Ele entrou então, despiu o uniforme e escondeu-o à pressa numa das malas. Não seria fácil encontrá-lo.

– E depois? – perguntou Bouc.

– Disso se tratará mais tarde – disse Poirot, advertindo-o com um olhar. O detetive levantou o uniforme. Faltava o terceiro botão da jaqueta, de cujo bolso o belga tirou a chave, que servia aos chefes do pessoal para abrir os camarotes.

– Eis como ele conseguiu passar pelas portas fechadas – disse Bouc. – A sua pergunta à Mrs. Hubbard era inútil. O nosso homem podia passar pela porta de comunicação, estivesse ou não fechada. Aliás, uma vez que existe o uniforme de chefe do pessoal, por que não existiria a chave?

– De fato – concordou o detetive.

– Devíamos ter pensado nisso. Lembra-se de que Michel nos disse que, quando atendeu a chamada de Mrs. Hubbard, encontrou a porta fechada? – É isso mesmo, Monsieur – atalhou o chefe do pessoal. – Eis por que julguei que Mrs. Hubbard tivesse sonhado.

– Explica-se agora – continuou Bouc. – Ele queria fechar a porta de comunicação, mas talvez ouvisse algum barulho, e assustou-se.

– Falta-nos apenas – concluiu Poirot – achar o roupão vermelho.

– Justamente. Porém, os dois últimos camarotes são ocupados por homens.

– Não deixaremos, contudo, de procurar.

– Ah! naturalmente! Lembro-me do que profetizou.

Hector MacQueen concordou prontamente no que lhe pediam.

– É bom que revistem quanto antes – disse ele, sorrindo. – Reconheço que sou suspeito. Falta-lhes só achar um testamento, em que o velho americano me deixa todos os seus bens.

Bouc lançou-lhe um olhar desconfiado.

– É um gracejo – apressou-se a acrescentar o rapaz. – Ele nunca me deixaria um vintém. Eu servia-lhe apenas para falar línguas estrangeiras. A pessoa que só sabe legítimo americano está sujeita a contratemplos. Não sou poliglota, mas sei alguns termos indispensáveis nos hotéis, para compras e frases em francês, italiano e alemão.

A voz do rapaz soava mais estridente que de costume. Apesar da sua boa vontade, a busca parecia embaraçá-lo.

– Nada – disse Bouc. – Nem a menor herança comprometedora.

MacQueen respirou.

– Bem, um peso a menos – disse ele jovialmente.

Os três homens passaram ao camarote vizinho. A busca nas bagagens do italiano e do criado foi infrutífera. E todos três, percorrido inutilmente o vagão, entreolharam-se.

– E agora? – perguntou Bouc.

– Voltemos ao carro-restaurant – disse Poirot. – Já sabemos tudo que é possível saber. Temos o depoimento dos passageiros, a prova das bagagens e a dos nossos olhos.

Nada mais podemos esperar. Cumpre-nos agora pôr em ação os miolos.

E Poirot procurou no bolso a cigareira, estava vazia.

– Volto já – disse ele. – Preciso de cigarros. Que caso curioso e complicado! Quem vestia o quimono escarlate? Onde está ele agora? Parece que adivinho. Há alguma coisa neste caso que não compreendo bem. É difícil, porque assim o tornaram de propósito.

Mas discutiremos depois. Com licença.

E o detetive correu ao seu camarote. Trazia uma provisão de cigarros numa das malas. Entrou, fechou a porta e estacou estupefato. Em cima da mala avistara o quimono de seda escarlate, bordado com dragões.

– Ah, sim? – murmurou ele. – É isso mesmo! Um desafio! Muito bem, aceito-o!

Parte III

Hercule Poirot se detém para pensar

CAPÍTULO I

Qual deles?

Bouc e Constantine conversavam, quando o detetive chegou ao carro-restaurant.

O diretor parecia abatido.

– Le voilà! – disse, ao ver entrar Poirot. – Depois, enquanto o investigador tomava lugar à mesa, acrescentou: – Se resolver este caso, meu amigo, começarei a crer em milagres.

– Aborrece-o este caso? – Naturalmente! Não vejo nisto pés nem cabeça! – Concordo – acudiu Constantine. Depois, olhando com curiosidade o detetive, disse: – Francamente, não sei o que fará agora – afirmou ele.

– Não? – redarguiu Poirot pensativo. Depois tirou do bolso a cigareira e acendeu um cigarro com o mesmo ar distraído.

– Para mim eis o mais interessante do caso – começou. – Estamos bem longe dos processos rotineiros habituais. Todos esses passageiros que prestaram depoimento falaram verdade ou mentira? Não podemos sabê-lo, senão com o auxílio do nosso cérebro.

– Tudo isso é muito bonito – atalhou Bouc. – Mas que pretende fazer? – O que acabei de dizer. Temos o depoimento dos passageiros e a prova dos nossos olhos.

– Belo depoimento, o dos passageiros! Não nos adiantou absolutamente nada! Poirot meneou a cabeça.

– Não sou desse parecer, meu amigo – disse ele. – Esses depoimentos prestaram– nos esclarecimentos importantes.

– Pode ser – disse Bouc, céptico. – Entretanto, não me parece.

– É porque não escutou.

– Bem, diga-me que foi o que não ouvi? – Por exemplo, o primeiro depoimento que ouvimos, o de MacQueen. Uma das frases dele impressionou-me.

– A respeito das cartas? – Não. Segundo creio, foi a seguinte: “Depois viajamos. O senhor Ratchett queria ver o mundo. Aborrecia-o o fato de não conhecer línguas. Eu era mais um intérprete do que um secretário.” E Poirot encarou sucessivamente os dois companheiros.

– Então? Ainda não percebem? É imperdoável... Tanto mais que ele acabou de dizer agora mesmo: “Uma pessoa que só sabe falar legítimo americano, está sujeita a contratempos.” – Quer dizer que...? – perguntou Bouc intrigado.

– Ah! Estou vendo que preciso explicar-me claramente. Pois bem: Ratchett não falava francês. Entretanto, quando o chefe do pessoal acudiu à sua chamada, na noite passada, uma voz disse-lhe em francês que chamara por engano. E com uma frase perfeitamente idiomática e não a que usaria uma pessoa pouco afeita ao francês: “*Ce n'est rien. je me suis trompé.*”

– É verdade! – bradou Constantine, excitado. – Deveríamos ter pensado nisso! Lembro-me de como você sempre acentuou esse fato. Agora compreendo a sua relutância em aceitar a prova do relógio. Às vinte e três para uma, Ratchett estava morto.

– E o seu assassino falava! – concluiu Bouc, dramático.

Poirot levantou a mão com ar de censura.

– Devagar! Contentemo-nos com o que sabemos. Basta-nos, por enquanto, dizer que às vinte e três minutos para uma hora havia alguém no quarto de Ratchett: um francês ou pessoa que fala correntemente esse idioma.

– É muito prudente, mon vieux.

– É preciso galgar um degrau de cada vez. Nada nos prova que Ratchett àquela hora estivesse morto.

– E o grito que o acordou? – É verdade.

– Seja como for – disse Bouc, pensativo – esta descoberta não altera absolutamente os fatos. O senhor ouviu alguém mover-se no quarto vizinho. Esse alguém não era Ratchett. Evidentemente lavava as mãos sujas de sangue e queimava a carta comprometedora. Depois esperou que tudo estivesse quieto: fechou a cadeado o camarote de Ratchett, abriu a porta de comunicação com o de Mrs. Hubbard e fugiu.

É o que imaginamos, com esta diferença: Ratchett foi assassinado cerca de meia hora antes.

O relógio parado na uma hora e quinze era apenas um álibi.

– Não muito hábil – disse Poirot. – Os ponteiros marcavam uma e quinze, a hora exata em que o criminoso deixou a cena do crime.

– É verdade – disse Bouc, atrapalhado. – Então que significava o relógio? – Se os ponteiros foram alterados, note que digo se, a hora que marcavam devia ter um significado. A reação natural é suspeitar de quem tinha um álibi aceitável para essa hora.

– Sim, sim! – acudiu o médico. – É um bom raciocínio! – Devemos também prestar atenção à hora em que o criminoso entrou no camarote. Quando teve essa oportunidade? A não ser que admitamos a cumplicidade do verdadeiro chefe do pessoal, só pode ter sido quando o trem parou em Vincovci. Depois que o trem deixou Vincovci, o chefe do pessoal voltou ao seu lugar e, ainda que ninguém o notasse, ele era a única pessoa que poderia estranhar a presença do seu suposto colega.

– E se fosse um passageiro? Qual seria deles? Poirot sorriu.

– Redigi uma lista – disse ele. – Se quiser vê-la talvez lhe refresque a memória.

O médico e Bouc curvaram-se simultaneamente para o papel. Clara e metódica, a lista obedecia à ordem dos interrogatórios.

Hector MacQueen – Americano. Camarote nº 6. Segunda classe.

Motivo – Possivelmente suspeito de cumplicidade com o morto.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Da meia-noite à uma hora e trinta minutos confirmado pelo Coronel Arbuthnot, e da uma hora e quinze minutos às duas pelo chefe do pessoal.) Prova contra ele – Nenhuma.

Pierre Michel – Chefe do pessoal – Francês.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Visto por Hercule Poirot, no momento em que falava do camarote de Ratchett, às 12:37. Da uma hora à uma e dezesseis minutos confirmado pelos colegas.) Prova contra ele – Nenhuma.

Circunstâncias suspeitas – O uniforme encontrado parece ter sido uma tentativa para o tornar suspeito, é, pois, um ponto a seu favor.

Edward Masterman – Inglês. Camarote nº 5. Segunda classe.

Motivo – Eventualmente idêntico ao de MacQueen, Masterman era o criado da vítima.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Confirmado por António Foscarelli) Prova contra – Nenhuma.

Circunstâncias suspeitas – Nenhuma, exceto ser ele o único homem que poderia vestir o uniforme do chefe do pessoal. Por outro lado, não é provável que saiba falar bem francês.

Mrs. Hubbard – Americana. Camarote n° 3. Primeira classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas, nenhum.

Prova contra ou circunstâncias suspeitas – A história do criminoso, que se introduziu no camarote, é confirmada por Hardman e Hildegarde Schmidt.

Greta Ohlsson – Sueca. Camarote n° 10. Segunda classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Confirmado por Mary Debenham.) Nota: foi ela a última pessoa que viu Ratchett vivo.

Princesa Dragomiroff – Francesa naturalizada. Camarote n° 14. Primeira classe.

Motivo – Íntima da família Armstrong e madrinha de Sônia Armstrong.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Confirmado pelo chefe do pessoal e pela criada.) Prova contra ou circunstâncias suspeitas – Nenhuma.

Conde Andrenyi – Húngaro. Passaporte diplomático. Camarote n° 13. Primeira classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Confirmado pelo chefe do pessoal, exceto da uma hora à uma e quinze minutos.) Condessa Andrenyi – Camarote n° 12.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. Tomou trional e dormiu. (Confirmado pelo marido. Frasco de trional no lavatório.) Coronel Arbuthnot – Inglês. Camarote n° 15. Primeira classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. Falou com MacQueen até à uma hora e trinta minutos. Entrou no camarote donde não tornou a sair (confirmado por MacQueen e pelo chefe do pessoal).

Prova contra ou circunstâncias suspeitas – Limpador de cachimbos.

Cyrus Hardman – Americano. Camarote n° 16.

Motivo – Nenhum conhecido.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. Não deixou o camarote (confirmado por MacQueen e pelo chefe do pessoal).

Prova contra ou circunstância suspeita – Nenhuma.

Antônio Foscarelli – Americano. (Italiano de nascimento.) Camarote n° 5.

Segunda classe.

Motivo – Nenhum conhecido.

Álibi – Da meia-noite às duas horas. (Confirmado por Edward Masterman.) Prova contra ou circunstâncias suspeitas. – Nenhuma, exceto que a arma usada condiz com o seu temperamento (vide o Sr. Bouc).

Mary Debenham – Inglesa. Camarote n° 11. Segunda classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas (confirmado por Greta Ohlsson).

Prova ou circunstâncias suspeitas – Conversação surpreendida por Hercule Poirot e a sua recusa de explicá-la.

Hildegarde Schmidt – Alemã. Camarote n° 8. Segunda classe.

Motivo – Nenhum.

Álibi – Da meia-noite às duas horas (confirmado pelo chefe do pessoal e princesa Dragomiroff. Deitou-se. Acordada pelo chefe do pessoal às 12:28, aproximadamente, foi atender a ama.) Nota: Estes depoimentos são confirmados pela afirmação do chefe do pessoal que ninguém entrou ou saiu do camarote de Ratchett da meia-noite à uma hora (quando o chefe passou ao vagão vizinho) e da uma e quinze às duas horas.

– Este documento – explicou Poirot – é um relatório do que ouvimos, disposto deste modo por simples conveniência.

Bouc devolveu o papel, com uma careta.

- Não esclarece grande coisa – disse ele.
- Talvez isto lhe agrade mais – disse Poirot, sorrindo levemente e estendendo-lhe uma segunda folha de papel.

CAPÍTULO II

As perguntas

Esse papel continha o seguinte:

Fatos que requerem explicação

I – O lenço marcado com a inicial H. A quem pertence?

II – O limpador de cachimbos. Foi perdido pelo coronel Arbuthnot ou por outra pessoa?

III – Quem vestia o quimono escarlate?

IV – Quem era o homem, ou mulher, disfarçado com a farda de chefe do pessoal do trem?

V – Por que marcava o relógio uma hora e quinze minutos?

VI – Foi o crime praticado a essa hora?

VII – Mais cedo?

VIII – Mais tarde?

IX – Será que Ratchett foi apunhalado por mais de uma pessoa?

X – Que outra explicação haverá para a natureza dos ferimentos?

– Bem, vejamos o que há a fazer – disse Bouc, animando-se. – Começemos pelo lenço. Sejam ordenados e metódicos.

– Certamente – concordou o detetive, com satisfação.

Bouc prosseguiu: – A inicial H indica três pessoas: Mrs. Hubbard, a jovem Debenham, cujo segundo nome é Hermione, e a criada Hildegarde Schmidt.

– Ah! E qual das três?

– É difícil dizer. Voto, porém, pela jovem Debenham. Ela pode usar o segundo nome, em lugar do primeiro. Aliás, há um indício contra ela. As frases que surpreendeu, meu amigo, eram bastante curiosas, como também o fato dela recusar explicá-las.

– Quanto a mim, voto pela velha americana – disse Constantine. – Esse é um lenço caro, e, como todos sabem, os americanos não fazem questão de preço.

– Assim, excluem ambos a alemã? – perguntou o detetive.

– Sim. Como ela mesma diz, esse lenço pertence a pessoa de classe elevada.

– E, agora, a segunda pergunta, o limpador de cachimbos. Foi perdido pelo coronel ou por outra pessoa? – É ainda mais difícil. Os ingleses não apunham. Nisto o senhor tem razão.

Estou inclinado a crer que foi outra pessoa que perdeu o limpador de cachimbos, talvez para incriminar o inglês pernilongo.

– Como já lhe ouvi dizer, Monsieur Poirot – atalhou o médico – dois indícios de uma vez, são muita coisa. Concordo com Monsieur Bouc. O lenço é um verdadeiro indício, embora ninguém confesse tê-lo perdido. O limpador de cachimbos não passa de um logro. Em apoio a esta suposição, o senhor mesmo disse que o coronel não demonstrou o menor embaraço e confessou fumar cachimbo e usar essa espécie de utensílio.

– Raciocina bem – admitiu Poirot.

– Terceira pergunta: quem vestia o roupão vermelho? – prosseguiu Bouc. – Confesso que não tenho a menor ideia. Sabe alguma coisa a esse respeito, doutor? – Não.

– Então confessemos-nos derrotados nesse ponto. O quesito seguinte é verossímil.

Quem era o homem, ou mulher, que se disfarçou em chefe do pessoal? Bem. Vejamos quem não podia ser: Hardman, o coronel, Antônio Foscarelli, o conde Andrenyi e MacQueen são muito altos, Mrs. Hubbard, Hildegard Schmidt, Greta Ohlsson, muito gordas. Restam o criado, Miss Debenham, a princesa Dragomiroff e a condessa Andrenyi. Nenhum destes parece suspeito. Greta Ohlsson e Antônio Foscarelli juraram respectivamente que Mary Debenham e o criado não saíram do camarote. Hildegard Schmidt afirmou que a princesa ficou no próprio compartimento e o conde Andrenyi contou-nos que a esposa tomara um soporífero. Entretanto, é impossível que não tenha sido ninguém... é mesmo absurdo! – Como dizia o velho Euclides – comentou Poirot.

– Deve ser um desses quatro – disse Constantine. – Salvo se foi alguém que entrou no trem e encontrou um esconderijo, mas já vimos

que isto é impossível.

Bouc passou à pergunta seguinte.

– Quinta pergunta, por que marcava o relógio uma hora e quinze minutos? Há duas soluções: ou foi obra do criminoso, com o fim de ter um álibi e poder sair do camarote num momento oportuno, ou então... tenho uma ideia...

Os outros dois esperaram respeitosamente, enquanto Bouc se debatia numa verdadeira agonia mental.

– É o seguinte – disse ele afinal. – Não foi o suposto chefe do pessoal que alterou o relógio. Foi o segundo criminoso, o canhoto, ou seja a mulher do roupão vermelho.

Chegou mais tarde e alterou os ponteiros, para fabricar um álibi.

– Bravo! – exclamou o médico. – Bem imaginado! – De fato – disse Poirot – ela apunhalou Ratchett no escuro, sem saber que já estava morto, porém, imaginando que ele tivesse um relógio no bolso do pijama, tirou-o, alterou os ponteiros dando-lhes as voltas necessárias.

Bouc olhou-o friamente.

– Não tem nenhuma ideia melhor do que a minha? – perguntou ele.

– Neste momento, não – admitiu Poirot. – Contudo – prosseguiu ele – parece-me que nenhum dos senhores observou o ponto mais interessante, no caso do relógio.

– Acaso se relaciona com o quesito número 6? – perguntou o médico. – À pergunta: “Foi o crime praticado a essa hora, uma e quinze”? respondo: “Não”.

– Concordo – disse Bouc. – A pergunta seguinte é: “Mais cedo?” Digo que sim.

Concorda, doutor? Constantine anuiu.

– Sim, mas ao quesito “Mais tarde?” também se pode responder afirmativamente.

Concordo com a sua teoria, Monsieur Bouc, e creio que o Monsieur Poirot é do mesmo parecer, embora não deseje comprometer-se. O primeiro assassino chegou antes da uma hora e quinze, mas o segundo apareceu depois dessa hora. Quanto à questão dos golpes desferidos com a mão esquerda, não nos deveríamos certificar de qual dos passageiros é canhoto? – Não desprezei totalmente esse ponto – disse Poirot. – Deve ter notado que os fiz, a todos, assinarem o nome e endereço. Mas isto não tem grande importância, porque muita gente assina com a direita e

outros com a esquerda. Muitos dos que escrevem com a direita jogam o golfe com a esquerda. Contudo, é sempre qualquer coisa. Todos os passageiros pegaram na caneta com a mão direita, exceto a princesa Dragomiroff que se recusou a escrever.

– A princesa Dragomiroff ... é impossível! – disse Bouc.

– Duvido que ela tivesse força para desferir os golpes dados com a mão esquerda – disse Constantine, hesitante. – Esse golpe requer muita força.

– Mais força, do que pode ter uma mulher? – Não digo isso. Acho, porém, que requer mais força do que pode empregar uma mulher idosa. Aliás, a constituição física da princesa Dragomiroff é bastante frágil.

– Pode ser uma questão de influência do cérebro sobre o corpo – objetou Poirot. – A princesa Dragomiroff é uma personalidade enérgica, de vontade poderosa. Mas deixemos isto, por enquanto.

– Perguntas nove e dez: "Será exato que Ratchett foi apunhalado por mais de uma pessoa?" e "Que outra explicação haverá para a natureza dos ferimentos?" Na minha opinião, profissionalmente falando, não há outra explicação. É absurdo imaginar que alguém ferisse a princípio ao de leve, depois com força, dando uns golpes com a mão direita, outros com a esquerda e, ao cabo de um intervalo de talvez uma hora e meia, tornasse a apunhalar o inimigo, já morto.

– Não – disse Poirot. – É de fato absurdo. Acha mais aceitável a hipótese de dois criminosos? – Como o senhor mesmo disse, que outra explicação pode haver? Poirot fitou distraidamente o olhar adiante de si.

– É o que pergunto a mim mesmo – disse ele. – E o que não cesso de perguntar.

Depois recostou-se na cadeira, e, batendo na testa, acrescentou: – De ora em diante tudo depende daqui. Reduzimos tudo à expressão mais simples. Os fatos aí estão diante de nós, dispostos com ordem e método. Os passageiros, todos, prestaram depoimentos.

Sabemos tudo o que é possível saber... de fora.

E o belga sorriu afetuosamente a Bouc.

– Até que tem sido uma boa brincadeira entre nós, esta de sentar e imaginar a verdade. Pois bem, vou pôr essa teoria em prática. Façam o mesmo. Fechem os olhos e pensem. Ratchett foi assassinado por um ou vários passageiros. Qual ou quais deles?

CAPÍTULO III

Uma série de detalhes

Passou um quarto de hora, sem que ninguém falasse. Bouc e Constantine procuravam obedecer às instruções de Poirot. Tentavam chegar a uma solução através do labirinto complicado dos fatos.

“Efetivamente é preciso pensar. Contudo, não tenho feito outra coisa. Poirot desconfia com certeza que a moça inglesa está implicada nisto. Mas é impossível. Os ingleses são muito frios. Provavelmente porque não têm imaginação... Mas isto não interessa. Ao que parece, não foi o italiano, é pena! Suponho que o criado não mentiu, afirmando não o ter visto sair do camarote. E se tivesse mentido? Não é fácil... os Ingleses são muito reservados. Que desgraça! Quando nos livraremos disto? Deveria haver algum meio de apressar as coisas. São, porém, tão vagarosos nestes países!...

Levam horas para fazer qualquer trabalho. E a polícia local enche-se de importância e de amor próprio. Farão disto uma coisa do outro mundo! Não é muitas vezes que tais casos lhes sucedem. O fato será publicado em todos os jornais...” E daí as reflexões de Bouc retomarem o caminho que haviam seguido centenas de vezes.

Constantine pensava: “É engraçado esse homenzinho! Um gênio? Um ladino? Resolverá este caso? Impossível! Não vejo uma saída. É tudo tão confuso. Todos mentiram talvez. Mas isso não adianta nada. Quer tenham mentido, quer digam a verdade, a dificuldade é a mesma. E os ferimentos? Não entendo... Seria mais fácil de compreender se o homem tivesse sido assassinado a tiros... que terra estranha a América! Gostaria de ir para lá. E um país progressista. Quando voltar à minha casa, preciso falar a Demetrius Zagone...

ele esteve na América, tem ideias modernas. Gostaria de saber o que está fazendo Zia neste momento... Se a minha mulher descobrisse...” E as suas ideias concentraram-se inteiramente em assuntos particulares.

Poirot permanecia imóvel. Parecia dormir. Depois, de súbito, ao fim de quinze minutos de imobilidade completa, começou a mover as sobrancelhas, soltou uma espécie de gemido e murmurou num sopro: – Por quê? Se fosse assim... sim, isto explicaria tudo.

O belga arregalou os olhos, que se haviam tornado verdes como os de um gato.

Depois perguntou em voz baixa: – Então? Eu já pensei. E os senhores? Perdidos nas próprias reflexões, os outros dois tiveram um violento sobressalto.

– Eu também pensei – disse Bouc, um tanto envergonhado. – Porém, não cheguei a nenhuma conclusão. Aliás, a elucidação do crime compete ao senhor e não a mim.

– Eu também refleti seriamente – afirmou o médico com descaramento. – Pensei em diversas teorias, mas nenhuma me satisfaz.

Poirot anuiu, parecia dizer: “Muito bem! E o que se deve dizer. É o que eu esperava.” Depois endireitou-se, cofiou o bigode e dispôs-se a falar, como se fosse um orador experimentado, arengando num comício público.

– Meus amigos! Passei mentalmente em revista todos os fatos e meditei sobre todos os depoimentos. Cheguei à seguinte conclusão: vejo, ainda que muito indecisa, uma solução para este caso. É muito curiosa e eu ainda não tenho a certeza de que seja verdadeira. Antes de me pronunciar definitivamente, preciso fazer algumas experiências. Desejo mencionar alguns pontos que me parecem sugestivos. Começemos com uma observação feita pelo meu amigo Bouc, neste salão, durante o primeiro almoço dos passageiros. Ele comentou então o fato de estarmos cercados por gente de todas as classes, idades e nacionalidades, caso raro nesta época do ano. Os vagões Atenas-Paris e Bucareste-Paris, por exemplo, estão quase vazios. Lembremos, também, de um passageiro que à última hora não veio. Isto é, a meu ver, significativo. Além disto, há ainda outros pontos de menor importância, que me impressionam: a posição do saco de esponjas de Mrs. Hubbard, o nome da mãe da senhora Armstrong, os processos policiais de Mr. Hardman, a sugestão de MacQueen de que Ratchett destruiu o papel que encontramos, o nome de batismo da princesa Dragomiroff e a mancha de gordura no passaporte húngaro.

Bouc e Constantine fitaram o detetive.

– Estas observações não lhes sugerem nada?

– Francamente não – confessou Bouc.

– E ao doutor?

– Não entendi a maior parte das observações...

Entretanto, Bouc, impressionado pela única coisa palpável que o amigo acabava de dizer, mexia nos passaportes; apanhou um com um suspiro, o dos condes Andrenyi e abriu-o.

– A que se referia? A esta mancha?

– Sim. Essa mancha é recente. Vê onde caiu? – No princípio da descrição da condessa... no seu nome de batismo, para ser exato.

Porém, confesso que ainda não percebo.

– Vou mostrar-lhe isto sobre outro ponto de vista. Voltemos ao lenço, encontrado no local do crime. Como dissemos há pouco, a inicial H serve a três pessoas: Mrs.

Hubbard, Mary Hermione Debenham e Hildegarde Schmidt. Examinemos este lenço sob outro aspecto. É um lenço muito caro, um objeto de luxo feito à mão, bordado em Paris. A qual das passageiras, excluindo a inicial, é mais provável que pertença? Não, decerto, à Mrs. Hubbard, mulher sensata, sem pretensões a elegâncias caras, nem a Mary Debenham, essa classe de inglesas usa um simples lenço de linho e não esse valioso retalho de cambraia, que talvez custe uns duzentos francos. Muito menos à criada. Há neste trem apenas duas damas, a quem o lenço pode pertencer: vejamos se é possível associá-las à letra H. As mulheres às quais me refiro são a princesa Dragomiroff...

– Cujo nome é Natália – atalhou Bouc, com ironia.

– Exatamente. Esse nome, aliás, é um dos fatos sugestivos que aponteí. A outra é a condessa Andrenyi. Alguma coisa nos diz...

– A você!

– A mim, então. O nome de batismo dessa senhora está alterado no passaporte, pela mancha de gordura. Um simples descuido, dirão todos. Mas consideremos esse nome: Elena. Suponhamos que em lugar de Elena era Helena. A maiúscula H transforma-se em E, corre-se a pena sobre o e minúsculo vizinho... e a mancha de gordura disfarça a alteração.

– Helena! – exclamou Bouc. – É uma ideia!

– Certamente! Procurei uma confirmação, por menor que fosse, para provar esta hipótese e consegui encontrá-la. Encontrei-a na mala da

condessa, num rótulo de bagagem ligeiramente úmido. O que trazia o nome dela, na tampa da mala, fora arrancado e substituído por outro colado pouco antes.

– Começa a convencer-me, caro amigo – disse Bouc. – Mas a condessa Andrenyi... certamente.

– Ah! mon vieux! Acaba de dar uma volta encarando o caso de modo diverso.

Como devia esse crime aparecer aos observadores estranhos? Lembre-se de que a neve transtornou todos os planos do criminoso. Suponhamos que não havia neve e o trem continuava a sua marcha normalmente. Que sucederia? Segundo todas as probabilidades, o crime seria descoberto esta manhã perto da fronteira da Itália. Os depoimentos, na sua maioria, seriam prestados perante a polícia italiana. MacQueen mostraria as cartas ameaçadoras e Hardman contaria a sua história, Mrs. Hubbard declararia que vira um homem no seu camarote, se encontraria o botão. Só duas coisas seriam diferentes: o criminoso teria fugido por um dos banheiros deixando ali o uniforme de chefe de pessoal do trem?

– Que quer dizer?

– Que o crime deveria parecer obra de um estranho. Julgar-se-ia que o assassino desembarcara em Brod, onde o trem provavelmente chegaria à meia-noite e cinquenta e oito. Alguém esbarraria com um chefe de pessoal desconhecido. O uniforme seria deixado num lugar adequado para mostrar como se dera o logro. Não se poderia suspeitar de nenhum passageiro. Sob este aspecto, meu amigo, é que o crime devia aparecer! A parada do trem alterou a situação. Eis, sem dúvida, o motivo por que o criminoso ficou tanto tempo junto da vítima. Ele esperava que o trem retomasse a marcha. Afinal, compreendendo que estávamos parados definitivamente, arquitetou diversos planos. Não lhe convinha fazer crer aos outros que estava no trem.

– Sim, sim – atalhou Bouc, impaciente. – Compreendo. Mas que relação tem tudo isso com o lenço?

– Lá voltarei por um caminho circular. Deve compreender que as cartas ameaçadoras eram um ardil. Podem ter sido extraídas de alguma novela policial americana. Não são reais. Destinavam-se apenas à polícia. Precisamos perguntar a nós mesmos: “Enganaram Ratchett?” À vista do que sabemos a resposta é: “Não”. As instruções do americano a Hardman parecem referir-se a um inimigo particular, bem conhecido.

Isto, se acreditarmos no depoimento de Hardman. Porém, Ratchett recebeu com certeza uma verdadeira carta ameaçadora, referente à pequena Armstrong e foi um pedaço desta que encontramos no camarote. Se não compreendia antes, Ratchett entendeu, afinal, a causa das ameaças à sua vida. Essa carta, a que me referi, não devia ser encontrada. O primeiro cuidado do criminoso foi destruí-la. Nesse ponto, viu-se novamente contrariado nos seus planos, antes, fora a neve, desta vez, a reconstrução de um fragmento da carta. A destruição tão escrupulosa desse escrito deve obedecer ao motivo seguinte: há, sem dúvida, neste trem uma pessoa tão intimamente ligada à família Armstrong, que essa carta, sendo encontrada, a acusaria imediatamente.

Passemos agora aos outros dois indícios. Deixemos de lado o limpador de cachimbos. Já falamos bastante a este respeito. Deixemos o lenço. Reduzindo-os à significação mais simples, é um indício, que incrimina uma pessoa, cujo nome começa por H, e foi perdido, sem o sentir, por essa pessoa.

– Exatamente – disse Constantine. – Quando essa pessoa deu pela falta do lenço, tratou logo de alterar o seu nome.

– Como vai longe! Chega à conclusão mais depressa do que eu tencionava permitir a mim mesmo!

– Há outra alternativa?

– Naturalmente! Suponha, por exemplo, que cometeu um crime e quer lançar a suspeita sobre outra pessoa. Bem, há neste trem uma pessoa intimamente relacionada com a família Armstrong, é uma mulher. Seria interrogada, o seu parentesco com a família Armstrong viria à luz, e eis um motivo sério para acusá-la.

– Mas, em tal caso – objetou o médico – se a pessoa em questão estivesse inocente, não esconderia a própria identidade.

– Realmente? É o que pensa? Essa seria também a opinião da polícia. Eu, porém, conheço a natureza humana e asseguro-lhe que qualquer pessoa, por mais inocente que seja, na perspectiva de ser acusada de um crime, perderia a cabeça e praticaria os maiores absurdos. Não, não, a mancha de gordura e o rótulo deslocado não provam nenhum crime, mostram apenas que a condessa Andrenyi, por um motivo qualquer, deseja esconder a própria identidade.

– Que pensa da relação que essa senhora pode ter com a família Armstrong? Não nos disse ela que nunca esteve na América?

– Exatamente, ela fala mal inglês e exagera em sua aparência de estrangeira.

Porém, não é difícil imaginar quem ela é. Mencionei há pouco o nome da mãe de Mrs. Armstrong. Era Linda Arden, célebre atriz... notável intérprete de Shakespeare. Lembre-se, se quiser, da Floresta de Arden e Rosalinda.* Foi daí que ela tirou o seu nome de teatro. Linda Arden, o nome com que se celebrizou em todo o mundo, não era o dela. Podia ser Goldenberg... ela era evidentemente de família originária da Europa Central... talvez israelita. Há muitas nacionalidades na América. Opino, meus amigos, que a irmã mais nova da senhora Armstrong, quase criança na época da tragédia, era Helena Goldenberg, a filha mais nova de Linda Arden, e casou com o conde Andrenyi, quando este era adido à embaixada em Washington.

– A princesa Dragomiroff diz que a jovem casou com um inglês...

– De cujo nome não se recorda! Será verdade, meus amigos? A princesa Dragomiroff estimava Linda Arden como uma grande dama estima uma grande artista.

Era madrinha de uma das filhas da atriz. Como poderia esquecer tão facilmente o nome atual da jovem? Não é lógico! Não, creio que podemos afirmar que a princesa mentiu.

Sabia que Helena estava no trem, viu-a. Quando soube a verdadeira identidade de Ratchett, imaginou que suspeitaríamos da moça e respondeu à nossa pergunta de um modo vago, imaginando uma mentira bem afastada da realidade.

Um dos criados do restaurante assomou à porta do vagão e aproximou-se. Depois dirigiu-se a Bouc: – Posso servir? Já está na hora.

Bouc olhou Poirot, este assentiu.

– Seja como for, é preciso servir o almoço.

O criado saiu. Ouviu-se tocar a sineta e a voz do homem anunciar o almoço em francês e inglês.

CAPÍTULO IV

A mancha de gordura num passaporte

Poirot tomou lugar a uma mesa com Bouc e Constantine. Os passageiros ali reunidos mostravam certo abatimento. Pouco falavam. A própria Mrs. Hubbard, de ordinário tão loquaz, estava insolitamente silenciosa. Sentou-se, dizendo: – Nem sei como tenho coragem de comer.

Entretanto fez honra ao almoço, animada pela sueca, que parecia cuidar especialmente dela.

Antes que a refeição fosse servida, Poirot agarrara o chefe de salão pela manga e dissera-lhe qualquer coisa. Constantine adivinhou o que eram essas instruções, vendo que os condes Andrenyi eram sempre servidos em último lugar, e, terminado o almoço, tiveram de esperar muito tempo. Tanto assim que ficaram sozinhos no salão. Quando ambos se levantaram e se dirigiam para a porta, Poirot imitou-os.

– Desculpe, Madame, perdeu o seu lenço.

E Poirot estendeu o quadradinho bordado. A moça apanhou-o mas, depois de examiná-lo, devolveu-o.

– Enganou-se. Não é meu.

– Não? Tem a certeza? – Toda a certeza.

– Entretanto, Madame, é a sua inicial, H.

O conde sobressaltou-se. Poirot fingiu não ver. O detetive tinha os olhos fitos no rosto da condessa. Encarando-o firmemente, ela replicou: – Não compreendo, Monsieur. As minhas iniciais são E e A.

– Parece-me que não. O seu nome é Helena e não Elena. Helena Goldenberg, a filha mais jovem de Linda Arden... Helena Goldenberg, a irmã de Mrs. Armstrong.

Houve um silêncio mortal, durante dois minutos. Os condes Andrenyi haviam empalidecido horivelmente. O detetive continuou

gentilmente: – De que serve negar? É a verdade, não é? O conde irrompeu, furioso: – Pergunto com que direito...

Mas a esposa interrompeu-o, tapando-lhe a boca com a mão.

– Não, Rodolfo. Deixe-me falar. É inútil negar o que diz este cavalheiro. Melhor será que nos expliquemos.

A voz da moça mudara. Embora conservando a riqueza de timbre meridional, tornara-se mais clara e incisiva. Era pela primeira vez uma voz bem americana. O conde calara-se. Obedeceu à esposa e ambos se sentaram diante de Poirot.

– O senhor tem razão – disse ela. – Sou Helena Goldenberg, a irmã mais nova de Mrs. Armstrong.

– Não o disse esta manhã, senhora condessa.

– Não.

– De fato, tudo quanto a senhora e seu marido me disseram era mentira.

– Senhor! – exclamou o conde, indignado.

– Não se zangue, Rodolfo. Monsieur Poirot foi um tanto brutal, mas disse a verdade.

– Alegro-me de que o reconheça com tanta franqueza, Madame. Quer explicar-me agora, por que procedeu assim e por que alterou o seu nome no passaporte? – Isso foi obra minha – atalhou o conde.

Helena prosseguiu com a mesma calma: – Naturalmente, Monsieur Poirot, deve compreender o motivo, o nosso motivo.

Esse homem que mataram assassinou minha sobrinha, causou a morte da minha irmã, partiu o coração do meu cunhado, as três criaturas a que mais queria e que constituíam o meu lar, o meu mundo! A voz da moça soava com vibração apaixonada. Ela era bem filha da mulher cujo poder de emoção levava às lágrimas auditórios inteiros.

– De todos os passageiros – prosseguiu ela mais calma – só eu teria provavelmente motivo para matá-lo.

– E não o fez, Madame? – Juro-lhe, Monsieur Poirot, e meu marido sabe e também poderá jurar que, por maior que fosse a tentação, nunca levantei um dedo contra esse homem.

– Confirmo, meus senhores – disse o conde. – Sob a minha palavra de honra, na última noite Helena não deixou o seu camarote. Tomou um soporífero, como já disse. A sua inocência é total e absoluta.

Poirot correu o olhar de um para o outro dos dois esposos.

– Dou-lhe a minha palavra – repetiu o conde.

Poirot meneou leve mente a cabeça.

– E também se responsabiliza pela alteração do nome no passaporte? – Monsieur Poirot – disse o conde apaixonadamente – considere a minha posição.

Imagina que eu possa suportar a ideia de ver a minha esposa envolvida num caso policial? Sei que ela está inocente, mas, como acaba de dizer, averiguado o seu parentesco com a família Armstrong, logo se tornaria suspeita. Seria interrogada, presa talvez. Desde que a má sorte nos levou a tomar o mesmo trem que Ratchett, tinha a certeza de que aconteceria qualquer coisa. Admito que menti esta manhã, salvo num particular. A minha esposa não deixou o seu camarote na noite passada.

E o conde falava com uma seriedade que tornava difícil duvidar das suas palavras.

– Não digo que não o acredite – replicou o detetive lentamente. – A sua família é, segundo creio, antiga e nobre. Seria triste para o senhor ver o nome de sua esposa envolvido num desagradável caso policial. Compreendo tudo isso. Mas como explica então a presença do lenço da sua esposa no camarote do morto? – Esse lenço não é meu, Monsieur – afirmou a condessa.

– Apesar da inicial H? – Apesar da inicial. Tenho lenços parecidos com esse, porém não exatamente iguais. Sei naturalmente que não vai acreditar, mas asseguro-lhe que é assim. Esse lenço não é meu! – Quem sabe se alguém o deixou ali para acusá-la? A condessa sorriu.

– Tenta levar-me a admitir que o lenço me pertence? Porém não é meu, Monsieur Poirot – disse ela gravemente.

– Então por que, se o lenço não lhe pertence, alterou o nome no passaporte? – Porque – replicou o conde – soubemos que fora encontrado um lenço com a inicial H. Discutimos acerca disso, antes de sermos interrogados. Mostrei a Helena que, se vissem que o nome dela começava por H, a submeteriam a um interrogatório rigoroso. E era tão simples trocar Helena por Elena. Foi obra de um instante.

– O senhor conde tem todos os requisitos de um perfeito criminoso! – disse Poirot seca mente. Grande ingenuidade e uma evidente falta de escrúpulos em enganar a justiça.

– Oh! não, não – interrompeu a condessa. – Monsieur Poirot, o meu marido explicou-lhe o que houve. Eu estava assustada – prosseguiu ela,

passando subitamente a falar inglês – mais do que isso, aterrorizada, compreende? Fora tão horrível noutro tempo, e agora outra vez, e tornar-me suspeita, ser presa talvez. Estava desesperada, compreende, senhor Poirot? A voz da jovem tornara-se profunda, rica, insinuante, era a voz da filha de Linda Arden, a grande atriz. Poirot fitou-a grave mente.

– Se estiver inclinado a crer no que diz, e não digo que não creia, então a senhora deve ajudar-me.

– Ajudá-lo! – Sim. O motivo deste crime provém do passado... dessa tragédia que a privou do lar e lhe amargurou a mocidade. Voltemos ao passado e ali talvez encontremos a explicação de tudo isto.

– Que lhe posso dizer? Eles estão todos mortos – e a jovem insistiu tristemente: – Todos mortos, todos... Roberto, Sônia... e a querida, a adorada Daisy! Tão boazinha!...

Tão feliz!... Tão linda! Éramos loucos por ela! – Houve outra vítima, Madame. Uma vítima indireta, digamos.

– A pobre Susanne? É verdade, eu tinha-a esquecido. A polícia interrogou-a.

Estavam convencidos de que ela era cúmplice. Talvez fosse, mas involuntariamente.

Tagarelando desprevenidamente com um desconhecido, informara-o dos dias em que a pequena Daisy saía. A pobre criatura ficou depois desesperada, julgando que a tornassem responsável. E atirou-se da janela. Oh! foi horrível! – concluiu a condessa, estremecendo e escondendo o rosto entre as mãos.

– De que nacionalidade era essa moça, Madame? – Francesa.

– Qual era o sobrenome? – Parece incrível, não me lembro. Só a conhecíamos por Susanne. Uma moça alegre e dedicada à Daisy! – Era ama-seca? – Sim.

– Quem ma is cuidava da menina? – Uma enfermeira formada num hospital. Chamava-se Stengelberg. Era também muito afeiçoada à Daisy e à minha irmã.

– Agora, Madame, peço-lhe que pense bem antes de responder a esta pergunta.

Não encontrou neste trem nenhum conhecido? A jovem encarou o detetive.

– Eu? Não, absolutamente.

– E a princesa Dragomiroff ? – Ela? Conheço-a, não há dúvida. Julguei que se referisse a alguém daquele tempo.

– Exatamente, Madame. Pense bem. Passaram muitos anos. Essa pessoa pode ter mudado.

Depois de refletir, Helena replicou.

– Não... tenho a certeza... não há ninguém.

– A senhora mesma, naquela época era uma menina, não tinha quem lhe vigiasse os estudos? – Oh, sim! Uma espécie de dragão, uma governanta que era ao mesmo tempo secretária de Sônia, inglesa ou escocesa, uma mulherona ruiva .

– Como se chamava? – Miss Freebody.

– Velha ou nova? – Parecia-me uma avó. Mas suponho que não tinha mais de quarenta anos.

Susanne encarregava-se da minha roupa e servia-me de criada de quarto.

– E não havia outras pessoas em casa? – Só criados.

– E tem a certeza, Madame, de que não reconheceu ninguém neste trem? – Não senhor. Ninguém – replicou ela gravemente.

CAPÍTULO V

O nome de batismo da Princesa

Logo que os condes Andrenyi saíram, Poirot relanceou um olhar pelos companheiros.

– Como veem – disse ele – fazemos progressos.

– Ótimo trabalho! – disse Bouc cordialmente. – Por minha parte, nunca suspeitaria dos condes Andrenyi. Sempre os considerei "fora de combate". Ela foi a criminosa, sem dúvida, não é verdade? Que tristeza! Em todo o caso, não será guilhotinada. Há circunstâncias atenuantes. Alguns anos de prisão e mais nada.

– O senhor tem realmente a plena certeza de que ela é culpada? – Meu caro amigo, pode duvidar disso? Suponho que os seus modos tranquilizadores tiveram apenas o fim de atenuar as coisas, até que nos possamos livrar da neve e entregar o caso à polícia.

– Não crê na asserção do conde, na palavra de honra, quanto à inocência da esposa? – Meu caro, naturalmente. Que mais havia ele de dizer? Adora a esposa. Procura salvá-la. Ele mentiu muito bem, como um verdadeiro fidalgo, porém não deixou de mentir.

– Pois bem, saiba que eu tenho a precaução de crer que pode ser verdade.

– Não, não! Lembre-se do lenço. O lenço confirma a suspeita.

– Oh! Não tenho tanta certeza a respeito do lenço. Lembre-se de que já aponte a possibilidade do lenço pertencer a outras pessoas.

– Contudo...

E Bouc interrompeu-se. A porta abriu-se, dando passagem à princesa Dragomiroff. Os três homens levantaram-se, enquanto a velha dama se aproximava deles. Ignorando os outros dois, ela dirigiu-se a Poirot.

– Creio – disse ela – que o senhor tem um lenço meu.

Poirot deitou um olhar de triunfo aos companheiros.

– É este, Madame? E estendeu o pequeno retalho de cambraia.

– Exatamente. Tem a minha inicial num dos cantos.

– Mas, princesa, é a letra H – disse Bouc. – O seu nome de batismo, pardon, é Natália.

A russa lançou-lhe um ar glacial.

– Decerto, senhor. Mas os meus lenços são todos marcados com caracteres russos.

H é N no alfabeto russo.

Bouc calou-se, vencido. Alguma coisa nessa velha fidalga indomável o humilhava e constrangia.

– Não nos disse, no inquérito dessa manhã, que este lenço lhe pertencia.

– Ninguém me perguntou – replicou a princesa secamente.

– Queira sentar-se, Madame – disse Poirot.

– Suponho que terei de sentar-me – suspirou ela, tomando lugar numa cadeira. – Não são precisos muitos preâmbulos – continuou depois. – Perguntarão decerto como se pôde encontrar um lenço meu junto do cadáver. Afirmo-lhes que não tenho ideia.

– Realmente? – Nem a menor ideia.

– Desculpe, minha senhora, mas como poderemos crer na veracidade das suas palavras? Poirot falava com brandura. A princesa replicou desdenhosamente: – Desconfio que diz isso porque não lhe disse que Helena Andrenyi era irmã da senhora Armstrong.

– De fato, mentiu deliberadamente nesse ponto.

– É claro! E tornaria a fazer o mesmo. A mãe dela foi minha amiga. E eu creio na lealdade tratando-se de amigos, da família e da própria casta.

– Não lhe parece que deveria proceder assim com a justiça? – Neste caso considero que se fez justiça. Justiça rigorosa.

Poirot curvou-se.

– Considere a dificuldade em que me acho, Madame. Posso crer no que diz acerca do lenço? Não estará protegendo a filha da sua amiga? – Oh, compreendo o que quer dizer! – tornou ela, com uma careta. – Mas, meus senhores, a minha afirmação pode ser facilmente provada. Dar-lhes-ei o endereço das casas de Paris, onde encomendo os meus lenços. Bastará mostrar-lhes este, para que lhes digam que foi feito por minha ordem há cerca de um ano. O lenço é meu.

E a princesa levantou-se.

– Desejam mais alguma coisa? – A sua criada não reconheceu este lenço, quando lho mostramos, esta manhã?! .

– Deveria tê-lo feito. Viu-o e não disse nada? Ah! Isso mostra que ela também sabe ser leal! E, com um leve aceno, a velha dama saiu do carro-restaurant.

– Então era isso – murmurou o detetive brandamente. – Bem, notei uma leve hesitação da criada, quando lhe perguntei se sabia quem era a dona do lenço! Ela não se atreveu a confessar que pertencia à princesa. Mas como se pode conciliar isto com a minha ideia? Sim, pode ser.

– Ah! – disse Bouc, com um gesto característico – que velha terrível! – Poderá ela ter assassinado Ratchett? – perguntou o detetive ao médico.

Constantine meneou a cabeça.

– Aqueles golpes... os que foram vibrados com muita força, penetrando nos músculos... não poderiam ser desferidos por pessoa tão franzina.

– E os mais fracos? – Ah! Esses, sim! – Pensava no incidente desta manhã – prosseguiu Poirot – quando disse à princesa que a força dela estava mais na vontade do que nos braços. Esta observação foi uma cilada que eu lhe armei. Queria ver se ela olhava para a mão direita ou para a esquerda.

E ela considerou os dois braços. Mas deu-me uma resposta estranha, dizendo: “De fato, não tenho forças neles. Não sei se feliz ou infelizmente.” Que curiosa observação! Isto confirma a minha suspeita.

– Não esclarece, porém, a hipótese do assassino canhoto.

– Não. A propósito: notou que o conde Andrenyi traz o lenço no bolso direito? Bouc meneou a cabeça. Pensava nas revelações extraordinárias da última meia hora.

– Mentiras... e mais mentiras! – murmurou ele. Assusta-me o cúmulo de falsidades que nos disseram esta manhã! – E mais haverá para descobrir – disse Poirot alegremente.

– Parece-lhe? – Ficaria muito surpreendido se assim não fosse.

– Semelhante duplicidade é horrível! – continuou Bouc. – Entretanto, parece agradar-lhe – acrescentou, com ar de censura.

– Tem esta vantagem: – replicou Poirot – pondo o mentiroso diante da verdade, ele logo admite que mentiu. Basta saber desferir o golpe. É o

único meio de resolver este caso. Passo em revista todos os passaportes, considero-lhes os depoimentos e digo a mim mesmo: “Se eles mentem, em que consiste a mentira e por que mentem?” E respondo: “Se mentem (note: digo se) deve ser por qualquer motivo e num determinado ponto.” Procedendo assim, tivemos um êxito surpreendente com a condessa Andrenyi.

Experimentemos o mesmo processo com outras pessoas.

– E se a sua desconfiança fosse infundada? – Então, ao menos, essa pessoa estaria isenta de toda a suspeita.

– Ah! Um processo de eliminação.

– Exatamente.

– Quem virá agora? – Ataquemos o pukka sahib, o Coronel Arbuthnot.

CAPÍTULO VI

Uma segunda entrevista com Arbuthnot

O coronel apresentou-se para essa segunda entrevista, visivelmente aborrecido. A sua fisionomia denunciava a maior má vontade, quando ele se sentou diante de Poirot.

– Então? – perguntou o oficial.

– Desculpe-me importuná-lo outra vez – começou o detetive. – Trata-se, porém, de uma informação que o senhor nos pode dar.

– De fato? Custa-me a crer.

– Para começar, vê este limpador de cachimbos? – Sim.

– É um dos seus? – Não sei. Não pus marca especial neles.

– Sabe, coronel, que o senhor é o único homem que fuma cachimbo no vagão Istambul-Calais? – Nesse caso, é provavelmente um dos meus.

– E sabe onde encontramos este objeto? – Não tenho a menor ideia.

– Junto do cadáver da vítima.

O coronel franziu as sobrancelhas.

– Pode explicar-nos como isto foi lá parar? – Se pensa que o perdi, engana-se.

– Entrou alguma vez no camarote de Ratchett? – Nunca falei com esse homem.

– Nunca lhe falou nem o assassinou? As sobrancelhas do oficial franziram-se com uma expressão de escárnio.

– Se assim fosse, creio que não lho diria tão facilmente. Mas, por falar do assunto, afirmo-lhe que não matei esse indivíduo.

– Ah, bem! – murmurou o belga. – Nem seria lógico.

– Como? – Eu disse que nem seria lógico.

– Oh! – tornou o coronel, visivelmente abatido e deitando ao detetive um olhar rancoroso.

– Sabe... – prosseguiu Poirot – o limpador de cachimbos não tem importância. Há para ele onz e outras explicações excelentes.

Arbuthnot encarou o seu interlocutor.

– O que lhe queria dizer era coisa bem diversa – continuou Poirot.
– Talvez Miss Debenham lhe tenha contado que surpreendi algumas palavras, que ela lhe disse na estação de Konya.

O coronel não replicou. Poirot insistiu: – “Agora não. Quando tudo tiver passado. Quando tudo isto ficar para trás”, foi o que ela disse. Sabe a que se referiam essas frases? – Lamento, Monsieur Poirot, mas recuso responder a essa pergunta.

– Por quê? – Peça à Miss Debenham o sentido dessas palavras – sugeriu secamente o oficial.

– Já o fiz.

– E ela recusou responder? – Sim.

– Então, creio que deveria compreender que tenho os lábios selados.

– Não quer denunciar o segredo de uma lady? – É isso, se prefere.

– Miss Debenham disse-me que as suas palavras se referiam a um assunto particular.

– Então por que não se contentou com essa explicação? – Porque, Coronel Arbuthnot, Miss Debenham é o que se pode chamar um caráter muito suspeito.

– É absurdo! – disse o coronel, com calor.

– Não é absurdo – replicou Poirot.

– Não tem provas contra ela! – Nem o fato de ter sido governanta na família Armstrong, na época em que raptaram a pequena Daisy? Seguiu-se um silêncio mortal.

Poirot curvou discretamente a cabeça e continuou: – Como vê, sabemos mais do que pensa. Se Miss Debenham está inocente, por que ocultou esse fato? Por que afirmou nunca ter estado na América? O coronel pigarreou e disse: – Quem sabe se não se engana? – Não me engano. Por que Miss Debenham mentiu? O coronel encolheu os ombros.

– Seria melhor que o perguntasse a ela mesma. Aliás, creio que se engana.

Levantando a voz, Poirot chamou um dos empregados, colocados na extremidade do salão.

– Vá dizer à senhorita inglesa do número 11 se quer ter a bondade de vir até aqui.

– Sim, senhor.

O criado afastou-se. Os quatro homens ficaram em silêncio. Rígido e impassível, o rosto do coronel parecia talhado em madeira.

O criado voltou, anunciando: – A senhorita já vem.

– Obrigado.

Um ou dois minutos depois, Mary Debenham entrou no salão.

CAPÍTULO VII

A identidade de Mary Debenham

A jovem estava sem chapéu. Tinha a cabeça erguida, numa atitude de desconfiança. Os cabelos caíam para trás, e a curva das narinas lembravam a proa de um navio mergulhado galhardamente num mar agitado. Nesse momento, a jovem inglesa era linda deveras. Os seus olhos encontraram os do coronel por espaço de um segundo, apenas.

– Desejava falar-me? – perguntou ela a Poirot.

– Desejo perguntar-lhe por que nos mentiu esta manhã.

– Mentir-lhes?... Não compreendo o que quer dizer! – Ocultou-nos que vivia junto da família Armstrong, na época da tragédia. Disse– nos, pelo contrário, que nunca estivera na América.

Poirot viu a jovem fraquejar um instante, para recobrar logo o ânimo.

– Sim – disse ela. – É verdade.

– Não, Mademoiselle, era mentira.

– Não entendeu. Quis dizer que é verdade que lhe menti.

– Ah, confessa? Os lábios da jovem contraíram-se num sorriso.

– Certamente. Desde que o descobriu...

– Afinal foi franca.

– Não há outro meio.

– Bem, é verdade. E agora, posso perguntar-lhe o motivo dessas mentiras? – Acho que salta aos olhos.

– Aos meus não, Mademoiselle.

– Preciso ganhar a minha vida – disse ela, com uma voz calma e resoluta.

– Que quer dizer? A jovem levantou os olhos e encarou firmemente o detetive.

– Deve compreender, Monsieur Poirot, o que custa encontrar e conservar um emprego aceitável. Acha que uma moça, ligada a um caso

policial e cujo nome e talvez o retrato sejam publicados nos jornais ingleses, possa encontrar uma mãe de família que lhe confie a guarda das filhas? – Não vejo por que não o faria, se nada mancha o nome dessa moça! ...

– Oh, não se trata de mancha!... É publicidade! Até hoje, Monsieur Poirot, tive sorte. Fui bem paga e obtive sempre bons lugares. Não queria arriscar inutilmente a minha posição.

– Atrevo-me a dizer que, nesse caso, eu teria sido o melhor juiz.

A moça encolheu os ombros.

– Por exemplo, a senhorita podia ajudar-me em questões de identidade.

– Que quer dizer com isso? – E possível que não tenha reconhecido na condessa Andrenyi a irmã mais nova de Mrs. Armstrong, a menina que foi sua aluna em Nova Iorque? – Condessa Andrenyi? Não! – e Mary Debenham sacudiu a cabeça. – Embora lhe pareça incrível, não a reconheci. Ela ainda era uma menina, quando a conheci, há três anos. É verdade que a condessa me lembrava alguém... E isso intrigava-me bastante.

Mas parecia uma estrangeira... nunca teria reconhecido do nela a colegial de outros tempos. Demais, só a observei casualmente aqui no salão. Examinei-lhe mais o vestuário do que o rosto. – A moça sorriu levemente. – Um hábito bem feminino. Aliás, eu estava preocupada com outras coisas...

– Não me contará o seu segredo, Mademoiselle? – disse Poirot, em tom brando e persuasivo.

– Não posso... Não posso... – respondeu ela, em voz baixa.

E, de súbito, deixando cair o rosto nos braços estendidos, pôs-se a chorar convulsivamente. Arbuthnot levantou-se e aproximou-se dela.

– Eu... Escute...

Depois, interrompeu-se, encolerizado, e, voltando-se para Poirot, bradou: – Quebro-lhe os ossos desse corpo maldito, imundo sabujo! – Senhor!... – protestou Bouc.

Mas Arbuthnot voltara para junto da moça.

– Mary!... por amor de Deus!...

Ela levantou-se.

– Não é nada. Já não precisa mais de mim, Monsieur Poirot? Se precisar, pode procurar-me. Oh! Fui tola! Bem tola! E deixou o

compartimento. Antes de sair, Arbuthnot voltou-se mais uma vez para Poirot.

– Miss Debenham nada tem que ver com este caso, ouviu? Se tornar a aborrecê-la, terá de se entender comigo! E o coronel retirou-se.

– Gosto de ver um inglês furioso – disse Poirot. – São divertidos! Quanto maior é a emoção, tanto mais facilmente perdem o domínio da língua.

Entretanto, a Bouc pouco importavam as reações emotivas de um inglês. O diretor estava pasmado de admiração pelo amigo.

– Meu caro, é extraordinário! – exclamou ele. – Outro cálculo milagroso!...

Formidável! – Parece incrível que imagine essas coisas – acrescentou Constantine com admiração.

– Oh! Desta vez, o mérito não é meu. Foi a condessa Andrenyi quem me informou praticamente.

– Como? Não é possível! – Lembra-se de que eu a interroguei acerca da governanta? Sempre calculei que, se Mary Debenham estava implicada neste caso, devia ter desempenhado esse papel junto da família Armstrong.

– Sim, mas a condessa descreveu um tipo de mulher tão diverso! – Justamente. Uma mulherona, ruiva, de meia-idade, exatamente ao contrário do aspecto de Mary Debenham. Mas depois teve de inventar de improviso um nome. Foi então que uma inconsciente associação de ideias a traiu. Ela falou de uma tal Freebody, lembra-se? – Então? – Pois bem, é provável que não saiba da existência de uma firma comercial de Londres, que até há bem pouco se chamava Debenham e Freebody. Tendo no pensamento o primeiro desses nomes, a senhora Andrenyi procurou à pressa outro qualquer e aproveitou o primeiro que lhe ocorreu: Freebody. Compreendi logo.

– Outra mentira! Mas por que mente ela assim? – Possivelmente para ser leal. É isto o que tem dificultado o caso.

– Por Deus! – exclamou Bouc, com violência. – É possível que todos mintam, neste trem? – Isso – replicou o detetive – é o que vamos apurar em breve.

CAPÍTULO VIII

Mais revelações surpreendentes

– Nada me surpreenderia agora – disse Bouc. – Nada! Embora todos os passageiros do trem provem que fazem parte da família Armstrong, eu não mostrarei a menor surpresa.

– Eis uma observação profunda! – disse Poirot. – Não gostaria de saber o que o seu suspeito favorito, o italiano, tem a dizer? – Vai fazer outro cálculo sensacional? – Exatamente.

– É, de fato, o caso mais extraordinário! – disse Constantine.

– Não, o mais natural.

Bouc levantou os braços, num gesto de cômico desespero.

– Se a isso chama natural, meu amigo!..

E calou-se, à falta de palavras apropriadas.

Entretanto, Poirot mandara chamar António Foscarelli. O italiano entrou com ar desconfiado, olhando para todos os lados, como um animal preso na armadilha.

– Que desejam? – perguntou ele. – Nada tenho a dizer, nada! Ouviram? Per Dio!...

– e o rapaz bateu com o punho na mesa.

– Sim, o senhor ainda tem qualquer coisa a dizer – tornou-lhe o detetive, com firmeza. – A verdade! – A verdade? E o italiano lançou um olhar desconfiado a Poirot. Perdera toda a jovialidade e segurança.

– Sim. É provável que eu já a conheça. Todavia, se o senhor a confessar espontaneamente, terá um ponto a seu favor.

– Fala como a polícia americana. “Passe as coisas a limpo”, dizem eles, “Passe as coisas a limpo”.

– Ah! Então tem prática da polícia de Nova Iorque? – Não, não, nunca! Eles nada podem dizer contra mim. Não lhes faltou, porém, vontade! – No caso Armstrong, não é? – disse Poirot calmamente. – O senhor era o motorista? E os olhos do investigador cravaram-se no

italiano. O pobre rapaz perdera toda a prosápia. Lembrava um balão vazio.

– Desde que sabe, por que pergunta? – Por que mentiu esta manhã?

– Por motivo de negócio. Aliás, eu não confio na polícia iugoslava. Eles odeiam os italianos. Não me fariam justiça.

– Talvez lhe fizessem, de fato, justiça.

– Não, não, eu nada tenho com este caso! Não saí do meu camarote. O inglês de cara chupada pode confirmar. Não fui eu quem matou esse animal, esse Ratchett. O senhor nada pode provar contra mim.

Poirot, que tomava apontamentos numa folha de papel, levantou os olhos e disse: – Muito bem. Pode ir-se embora.

Foscarelli parecia constrangido.

– Compreende que eu nada tenho com este crime? – Já lhe disse que pode ir-se embora.

– Isto é uma conjuração! Querem acusar-me? Tudo por uma espécie de homem que merecia a cadeira elétrica! Foi uma infâmia que ele não acabasse assim! Se fosse eu, se eu fosse preso...

– Sim, mas como não foi o senhor. O senhor nada tinha que ver com o rapto da criança.

– Que diz? A pequenina era o encanto da casa! Chamava-me Tônio. E queria sentar-se no carro e guiar. Todos os empregados a adoravam. A própria polícia o reconheceu. Ah, que linda criaturinha! A voz do rapaz tremeu e os olhos encheram-se de lágrimas. Depois, girando subitamente nos calcanhares, saiu.

– Michel – chamou o detetive.

O empregado acudiu, correndo.

– O número 10... a senhora sueca.

– Sim, senhor.

– Outro? – bradou Bouc. – Oh! não!... É impossível! Garanto! – Meu caro, temos de saber. Embora todos provassem ter motivo para matar Ratchett, precisaríamos continuar o inquérito. Afinal veremos. Quando soubermos, apuraremos a quem cabe a culpa.

– A cabeça está girando! – gemeu Bouc.

Introduzida pelo criado compassivo, Greta Ohlsson sentou-se, soluçando, diante de Poirot, e escondeu o rosto num lenço enorme.

– Não se aflija, Mademoiselle, não se aflija – disse Poirot, pousando-lhe a mão no ombro. – Diga apenas a verdade. Era enfermeira

da pequena Daisy Armstrong, não é verdade? – É verdade... é verdade – soluçou a pobre mulher. – Ah! Ela era um anjo... um anjinho bom. Não conhecia senão a bondade e a ternura... e foi raptada por esse homem perverso... maltratada... e a pobre mãe... e a outra criancinha que não chegou a viver... O senhor não pode compreender... não pode! Se estivesse no meu lugar... se tivesse assistido a essa tragédia... Devia ter-lhe dito a verdade, esta manhã. Mas tive medo.

Estava tão contente por saber que esse monstro morrera!... Que já não podia matar ou maltratar as criancinhas! Ah! não posso falar... não tenho palavras...

E a sueca desatou a chorar com mais veemência. Poirot continuava a bater-lhe brandamente no ombro.

– Sim... sim... compreendo... compreendo tudo... tudo... creia. Não lhe perguntarei mais nada. Basta que a senhora tenha confirmado a minha suposição. Compreendo tudo.

Sacudida pelos soluços, Greta Ohlsson dirigiu-se, cambaleando, para a porta, onde esbarrou com um homem que entrava no salão. Era Masterman, o criado de Ratchett. O inglês, em passo compassado, aproximou-se de Poirot e disse-lhe com voz calma e fria: – Espero não ser importuno, senhor. Julguei melhor vir contar-lhe, de uma vez, a verdade. Fui ordenança do Coronel Arbuthnot durante a guerra e depois criado dele em Nova Iorque. Lamento não o ter dito esta manhã. Foi mal feito, senhor, e agora quero confessar a verdade. Mas espero que não desconfie de Tônio. O velho Tônio não faria mal a uma mosca! Juro-lhe que não saiu do camarote, esta noite. Ele não cometeria este crime. Apesar de estrangeiro, Tônio é uma criatura boa, não um desses italianos ferozes de que se ouve falar...

O inglês calou-se e Poirot olhou-o com firmeza.

– É tudo o que tem a dizer? – Sim, senhor.

O criado tornou a calar-se. Como Poirot não falasse, desculpou-se com um aceno e, depois de um momento de hesitação, deixou o salão, com o mesmo modo sossegado e modesto.

– Esta – disse Constantine – é a mais incrível das novelas policiais que já li! – Concordo – disse Bouc. – De doze passageiros do trem, nove provaram que têm relação com o caso Armstrong. Que virá agora? Ou melhor: quem virá? – Posso quase responder à sua pergunta, meu amigo. Aí vem o nosso americano, Hardman – replicou Poirot.

– Também confessará? Antes que o detetive pudesse responder, o americano chegara à mesa. Deitando um olhar penetrante aos três homens, sentou-se: – Que há? Este trem parece uma casa de loucos! Poirot piscou-lhe um olho.

– Tem a certeza, Mr. Hardman, de que não era jardineiro da família Armstrong? – Eles não tinham jardim – replicou francamente o outro.

– Mordomo, então? – Não tenho jeito para esse emprego. Não, nunca tive nenhuma ligação com a casa Armstrong, mas começo a crer que sou o único, aqui. Como pôde descobrir? Eis o que pergunto.

– É, de fato, um tanto surpreendente – disse Poirot com calma.

– É extraordinário! – bradou Bouc.

– Formou alguma opinião acerca do crime, Mr. Hardman? – perguntou o detetive.

– Não. Isto derrota-me. Não sei o que hei de dizer. Não podem ser todos cúmplices, mas que um deles seja o criminoso é o que não chego a crer. Como conseguiu descobrir tudo isto? Eis o que eu gostaria de saber.

– Calculei apenas.

– Então é um calculador extraordinário. Sim, direi a todos que o senhor é simplesmente assombroso! E Hardman recostou-se na cadeira, olhando o belga com admiração.

– Desculpe a franqueza – prosseguiu ele – vendo-o, ninguém diria. Tiro o chapéu diante do senhor.

– É muita bondade, Mr. Hardman.

– Deixe disso! É extraordinário!

– Contudo – disse Poirot – o problema ainda não está resolvido. Podemos afirmar com certeza que conhecemos o assassino de Ratchett?

– Exclua-me – disse Hardman. – Não disse nada. Estou apenas cheio de admiração. E sobre a senhora americana e a criada alemã, não adivinhou algo? Suponho que podemos considerá-las as únicas inocentes da comitiva.

– A não ser – disse Poirot, sorrindo – que as possamos incluir na nossa pequena coleção como, vejamos, caseira e cozinheira da casa Armstrong.

– Bem, nada me surpreenderia agora – tornou Hardman, com calma resignação. – Casa de loucos, é o que isto é, casa de loucos!

– Ah! meu caro, seria levar as coincidências muito longe – atalhou Bouc. – Não é possível que todos sejam cúmplices!

Poirot encarou o amigo.

– Não compreende – disse ele. – Não compreende absolutamente.

Diga-me – prosseguiu – sabe quem matou Ratchett?

– E o senhor? Sabe? – devolveu Bouc.

Poirot anuiu.

– Sim – disse ele. – Já há algum tempo. É tão claro que admira que não o tenha notado.

Voltando-se para Hardman, o belga perguntou: – E o senhor?

O detetive americano meneou a cabeça e, fitando o belga com curiosidade, replicou: – Não sei. Não sei nada. Qual deles?

Poirot calou-se um minuto; depois disse: – Senhor Hardman, quer ter a bondade de reunir todos os passageiros aqui? Há duas soluções para o caso: quero expô-las diante de todos.

CAPÍTULO IX

Poirot propõe duas soluções

Os passageiros reuniram-se no carro-restaurante e tomaram lugar em torno das mesas. Tinham todos mais ou menos a mesma expressão de expectativa e de apreensão.

A sueca ainda soluçava e Mrs. Hubbard tentava confortá-la.

– Não se aflija. Tudo ficará bem. Não perca o ânimo. Se algum de nós é um criminoso, sabemos que não é decerto a senhora. Sim, nem é bom pensar nisso. Sente-se aqui, ficarei ao seu lado. Não tenha medo.

A americana calou-se vendo que Poirot se levantava. O chefe do pessoal assomou à porta.

– Permite que eu também entre, senhor? – solicitou ele.

– Certamente, Michel.

Poirot pigarreou e começou o seu discurso.

– Messieurs e Mesdames, falarei em inglês, pois sei que todos os presentes compreendem este idioma. Estamos aqui para investigar a morte de Samuel Edward Ratchett, aliás Casseti. Há duas soluções possíveis para o crime. Pretendo expô-las perante os senhores, o senhor Bouc e o doutor Constantine julgarão depois qual das duas é mais acertada.

Fez uma pausa e continuou: – Todos conhecem os fatos ocorridos. O senhor Ratchett foi encontrado morto, apunhalado, esta manhã. Deu o último sinal de vida na noite passada, à meia-noite e trinta e sete, quando falou com o chefe do pessoal. Encontrou-se um relógio, no bolso do seu pijama, quebrado e parado à uma e quinze. O doutor Constantine, que examinou o cadáver, calcula a hora em que ocorreu a morte entre a meia-noite e as duas horas da madrugada. Às vinte e três e trinta o trem parou, como é notório, bloqueado pela neve.

Depois dessa hora, é impossível que alguém deixasse o trem. O depoimento do senhor Hardman, funcionário de uma agência policial de

Nova Iorque (várias cabeças voltaram-se para examinar Hardman) mostra que ninguém podia passar diante do camarote ocupado por ele, o número 16, na extremidade do vagão, sem ser visto. Somos obrigados a admitir que o criminoso deve estar entre os passageiros de um dos vagões... o de Istambul-Calais. Esta é, direi, a nossa teoria.

– Como?! – articulou Bouc, estupefato.

– Há, porém, uma alternativa. É muito simples. Mr. Ratchett tinha um inimigo que temia. Descreveu-o ao Mr. Hardman e disse-lhe que o atentado, caso esse homem cumprisse a ameaça, dar-se-ia mais provavelmente na segunda noite, depois de deixarmos Istambul. Agora, observo-lhes, senhores e senhoras, que Ratchett sabia muito mais do que disse. O inimigo, como ele calculava, embarcou em Belgrado, possivelmente em Vincovci, pela porta que o Coronel Arbuthnot e MacQueen deixaram aberta, ao desembarcar na plataforma. O criminoso munira-se de um uniforme de chefe do pessoal e de uma chave, que lhe permitiu entrar no camarote fechado do senhor Ratchett. Este estava sob a ação de um narcótico. O assassino apunhalou-o com verdadeira ferocidade e saiu do camarote, pela porta de comunicação com o de Mrs. Hubbard...

– É isso – confirmou a velha americana, inclinando a cabeça.

– Passando, enfiou o punhal na maleta de Mrs. Hubbard e perdeu, sem sentir, um botão da jaqueta. Depois, fugiu para o corredor. Escondeu à pressa o uniforme numa das malas de um camarote vazio e, muito depois, à paisana, deixou o trem, pouco antes deste ter parado, pela porta por onde entrara: a saída próxima do carro-restaurante.

Todos soltaram um suspiro de alívio.

– E o relógio? – perguntou Hardman.

– Aí o senhor encontrará a explicação de tudo o que aconteceu. Ratchett esquecera-se de atrasá-lo uma hora, como era preciso, em Tzaribrod. O relógio marcava a hora do Oriente, estando assim adiantado uma hora, em relação aos da Europa Central.

Mr. Ratchett foi apunhalado à meia-noite e quinze e não à uma hora e quinze.

– É absurdo! – bradou Bouc. – E a voz que falou do camarote da vítima, às vinte e três para uma ? Era a de Ratchett ou a do seu assassino? – Talvez não. Podia ser a de um terceiro. Alguém que foi falar a Ratchett e o encontrou morto. Chamou então o chefe do pessoal, mas

de repente, receando ser acusado do crime, respondeu como se fosse o verdadeiro Ratchett.

– É possível – admitiu Bouc, relutante.

Poirot deitou um olhar à Mrs. Hubbard.

– Sim, minha senhora, dizia?...

– Ora, não sei ao certo o que ia dizer. Acha que eu também me esqueci de atrasar o relógio? – Não, Madame. Creio que ouviu inconscientemente o criminoso atravessar o camarote, mais tarde, viu num pesadelo, um homem no seu compartimento. Acordou então e chamou o chefe do pessoal.

– Sim, é admissível – concordou a americana.

A princesa Dragomiroff encarou fixamente o belga.

– Como explica o depoimento da minha dama de companhia? – Muito simplesmente. Ela reconheceu o lenço, senhora princesa, quando eu lhe mostrei. Tentou então defendê-la. Encontrara, de fato, o criminoso... porém, mais cedo...

quando o trem estava na estação de Vincovci. Disse, entretanto, que o vira mais tarde, com a ideia confusa de lhe arranjar um álibi.

A velha dama anuiu.

– Pensou em tudo, senhor. Admiro-o...

Seguiu-se um silêncio.

E todos estremeeceram, quando Constantine, batendo subitamente o punho na mesa, exclamou: – Não! Não, não, mais uma vez não! É uma explicação que não se sustenta, é deficiente pelo menos numa dezena de pontos! O crime não foi cometido assim... o senhor Poirot sabe muito bem.

O detetive fitou-o, com um olhar malicioso.

– Vejo – disse ele – que preciso formular a outra solução. Não despreze, porém, esta assim tão depressa. Talvez a aceite mais tarde.

E o detetive tornou a voltar-se para o auditório.

– Há outra solução possível – começou ele. – Eis como cheguei a imaginá-la: Depois de ouvir todos os depoimentos, recostei-me na cadeira, fechei os olhos e pensei.

Alguns pormenores pareciam-me dignos de atenção. Enumerei-os aos meus companheiros. Uns já estavam esclarecidos, como a mancha de gordura num passaporte, etc. Concentrei a minha atenção nos demais pontos. O primeiro e o mais importante consistia numa observação, que

me fora feita pelo Monsieur Bouc, no carro-restaurant, à hora do almoço, no dia imediato à partida de Istambul... acerca dos passageiros aqui reunidos. Era interessante, dizia ele, esta comitiva formada de todas as classes e nacionalidades. Concordei e quando esta observação me voltou à memória, perguntei a mim mesmo onde seria possível reunir, noutra ocasião, um grupo tão variado. Na América, foi a única resposta que me ocorreu. Só na América poderia haver, numa casa, nacionalidades tão diversas... um motorista italiano, uma governanta inglesa, uma enfermeira sueca, uma criada de quarto francesa, etc. Isto levou-me a imaginar o papel de cada um dos presentes no caso Armstrong. Obtive assim um resultado interessante e satisfatório. Examinei também separadamente cada depoimento e cheguei a conclusões curiosas. Começamos pelo de MacQueen. A minha primeira entrevista com ele satisfez-me plenamente. Entretanto, na segunda, ele fez uma observação estranha. Acabava de lhe comunicar o achado de uma nota referente ao caso Armstrong. Ele replicou: "Mas certamente"... e, depois de uma pausa, concluiu "foi um descuido do velho". Agora compreendo que não queria dizer isto. Suponhamos que estivesse para responder: "Mas certamente foi queimada." Nesse caso, MacQueen conhecia a existência e a destruição do bilhete... noutras palavras, era o criminoso ou um dos cúmplices. Muito bem.

Passemos ao criado de Ratchett. Ele afirmou que o patrão costumava tomar em viagem um soporífero. É provável que assim fosse. Mas tomá-lo-ia Ratchett, na noite passada? O revólver automático, encontrado debaixo do travesseiro, desmente esta suposição. O narcótico foi-lhe ministrado, sem que ele o soubesse. Por quem? Naturalmente por MacQueen ou pelo criado.

Poirot passeou o olhar pelos assistentes e prosseguiu: – Chegamos agora ao depoimento de Mr. Hardman. Acreditei no que ele me disse da sua identidade, mas, quando relatou os seus métodos policiais para guardar Ratchett, a sua história tornou-se simplesmente absurda. O único meio de proteger o ameaçado era passar a noite no seu camarote ou num ponto donde fosse possível vigiar-lhe a porta.

E esse depoimento mostrava com evidência uma coisa, isto é, que Ratchett só podia ser assassinado no camarote, o que traçava um círculo em volta do vagão Istambul-Calais.

Este detalhe pareceu-me curioso e inexplicável e eu o coloquei de lado para meditar nele. Todos devem estar informados das frases que surpreendi entre Miss Debenham e o Coronel Arbuthnot. O que mais estranhei, foi que o coronel a chamasse pelo nome, Mary, e a tratasse com intimidade, quando, aparente mente, a encontrara havia poucos dias... Conheço os homens do tipo do coronel. Embora apaixonado pela jovem dama inglesa, ter-se-ia introduzido lentamente com a discrição necessária, em lugar de precipitar as coisas. Daí, cheguei à conclusão de que o coronel e Miss Debenham eram íntimos e que por qualquer motivo pretendiam parecer estranhos. Outro fato curioso era o conhecimento de Miss Debenham do termo peculiar das chamadas telefônicas a grande distância. Entretanto, ela afirmara-me nunca ter estado na América.

Poirot fez, de novo, uma breve pausa antes de continuar: – Consideremos outro depoimento. Mrs. Hubbard disse-nos que, estando deitada e não podendo ver se a porta de comunicação fora ou não trancada, pedira a Greta Orson que se certificasse disso. Ora, o seu depoimento seria perfeitamente verossímil, se ela ocupasse os camarotes 2, 4, 12 ou outro número par... nos quais o ferrolho fica logo abaixo do trinco, nos camarotes ímpares, porém, como o número 3, o ferrolho fica acima do trinco e não podia ser escondido pela maleta. Cheguei à conclusão de que Mrs.

Hubbard inventara um incidente que nunca ocorrera. E agora uma palavra ou duas acerca do tempo. Na minha opinião, o ponto mais interessante a respeito do relógio quebrado é o lugar onde o encontramos... isto é, o bolso do pijama de Ratchett... lugar incomodo e pouco adequado para guardar um relógio, tanto mais que, nestes camarotes, existe um gancho para o pendurar à cabeceira da cama. Compreendi que o relógio fora posto de propósito no bolso do pijama, depois de se alterar a hora que marcava. O crime não foi praticado à uma e quinze. Isto é, para ser exato, seria às vinte e três para uma ? O meu amigo Bouc apresenta como confirmação desta hipótese o grito que me acordou.

Porém, estando narcotizado, Ratchett não poderia gritar. Se conseguisse gritar, também poderia lutar e defender-se. E não há sinais de luta. Lembrei-me de que MacQueen me chamara a atenção duas vezes (e a segunda de modo bem claro) para o fato de que Ratchett não sabia falar francês. Cheguei à conclusão de que tudo o que se deu às

vinte e três para uma foi farsa para me impressionar. Qualquer um descobriria através da história do relógio, um logro comum em casos policiais. Os conjurados imaginaram que eu também havia de o descobrir e, desde que Ratchett não falava francês, a voz que eu ouvira às vinte e três para uma não podia ser a do velho, talvez já morto. Entretanto, estou convencido que, a essa hora, Ratchett ainda vivia. Mas o logro surtira êxito. Eu abrira a porta, para espreitar no corredor. Ouvira a frase em francês. Embora não lhe desse importância, alguma coisa me despertara a atenção. Se fosse necessário, MacQueen se encarregaria disso. "Desculpe-me, Monsieur Poirot, não pode ter sido Monsieur Ratchett. Ele não fala francês", eis o que ele me diria. Então qual foi a verdadeira hora do crime? E quem o praticou? Na minha opinião (é apenas uma opinião) Ratchett foi assassinado cerca das duas horas, a última das que o doutor Constantine nos apontou como possíveis. Quanto a quem o assassinou...

O detetive interrompeu-se e examinou o auditório. Não se podia queixar da falta de atenção. Todos os olhos estavam cravados nele. Reinava silêncio tão profundo, que se ouvia cair um alfinete. Poirot prosseguiu lentamente: – Impressionou-me, particularmente, a dificuldade de apresentar provas contra qualquer dos passageiros e a curiosa coincidência de que, em cada depoimento, o álibi provinha de outra pessoa, a que poderia qualificar de “improvável”. Assim, MacQueen e o Coronel Arbuthnot, que “provavelmente” não se conheciam, arranjaram um álibi recíproco, o mesmo se deu com o italiano e o criado de Ratchett e com a senhora sueca e Missa Debenham. “É extraordinário..., pensei, não podem ser todos cúmplices.” Depois, uma luz iluminou-me subitamente. Todos eram cúmplices! O fato de viajarem, por pura coincidência, no mesmo trem, tantas pessoas relacionadas com o caso Armstrong não só era pouco provável como absolutamente impossível. Não se tratava de um caso e sim de um propósito. Lembrei-me de uma observação do coronel acerca de um julgamento por um júri. O júri é composto de doze membros... e os passageiros eram precisamente doze. Ratchett foi apunhalado doze vezes. E o fato que tanto me intrigara... o extraordinário número de passageiros do vagão Istambul-Calais, nesta época do ano, estava assim explicado.

Poirot calou-se dois segundos e depois prosseguiu com a maior calma: – Ratchett escapara à justiça na América. O seu crime era incontestável. Imaginei essas doze pessoas constituindo-se em corpo de jurados, condenando-o à morte, forçadas pelas circunstâncias a executarem a própria sentença. Encarado deste modo o caso esclarecia-se totalmente. Vi, como num mosaico perfeito, cada pessoa desempenhando o próprio papel. Estava tudo disposto de tal modo que, se a suspeita recaísse sobre alguém, o depoimento de um ou mais passageiros demonstraria a inocência do indiciado, complicando ainda mais o mistério. O depoimento de Hardman era necessário para o caso de se culpar algum estranho impossibilitado de apresentar um álibi. Os passageiros da vagão Istambul-Calais não corriam perigo. Os mínimos pormenores de cada depoimento haviam sido cuidadosamente estudados. O caso todo era um enigma admiravelmente urdido, de modo que cada novo esclarecimento só servia para complicar os fatos. Como ponderou o meu amigo Bouc, o caso parece fantástico, impossível, e esta era exatamente a impressão que devia causar. Poderá esta solução explicar tudo? Parece-me que sim. A natureza dos ferimentos, feitos por diversas pessoas, as falsas cartas a meaçadoras, falsas, porque se destinavam apenas ao inquérito. Naturalmente houve cartas reais, anunciando a Ratchett a sorte que o esperava, mas foram destruídas por MacQueen e substituídas pelas que conhecemos. A história de que Hardman fora chamado para proteger o velho não passa de uma invenção, assim como a descrição do lendário "homenzinho moreno com voz de mulher", invenção hábil que isentava de suspeitas os chefes do pessoal e tanto se podia aplicar a um homem como a uma mulher. De princípio estranha-se a ideia de apunhalar a vítima, entretanto, pensando bem, foi muito razoável. O punhal é uma arma que todos (fracos e fortes) podem manejar e que não faz ruído. Talvez me engane, mas imagino que cada um dos conjurados entrou no camarote de Ratchett, pelo de Mrs. Hubbard, e desferiu uma punhalada. Eles próprios nunca poderão saber quem deu o golpe mortal. A última carta, que Ratchett encontrou, provavelmente, no travesseiro, foi queimada.

Faltando a referência ao caso Armstrong, não haveria razão para suspeitar dos passageiros. O crime pareceria praticado por um estranho e um ou mais dos presentes teriam visto o "homenzinho moreno com voz de mulher" desembarcar em Brod. Não sei ao certo o que aconteceu,

quando os conjurados descobriram que essa parte do plano fora anulada pelo incidente da neve. Houve, a meu ver, uma rápida deliberação. A suspeita poderia recair sobre todos os passageiros, mas essa eventualidade fora prevista e seria remediada. Cumprida torna r o caso ainda mais complicado: Puseram-se dois indícios no camarote da vítima, um, incriminando o Coronel Arbuthnot (a pessoa que tinha o álibi mais irrefutável e cuja relação com a família Armstrong é a mais difícil de provar) e o outro, acusando a princesa Dragomiroff que, em virtude da sua posição social, do seu corpo franzino e do álibi, fornecido pela criada e pelo chefe do pessoal, estava isenta de suspeita. Depois, para complicar o caso, introduziu-se um "indício vermelho"... a mística mulher do roupão escarlate. E eu devia testemunhar a existência dessa mulher. Ouvi um baque surdo à minha porta. Levantei-me, abri... e vislumbrei o roupão escarlate, desaparecendo no corredor; alguns passageiros, judiciosamente escolhidos, também a deviam ter visto, o chefe do pessoal, Miss Debenham e MacQueen. Creio que foi um espírito, o que pôs o quimono vermelho em cima da minha mala, enquanto eu procedia ao inquérito no carro-restaurante. Onde veio esse traje não sei dizer. Desconfio que pertence à condessa Andrenyi, visto que na sua mala encontrei apenas um négligé de seda, demasiado chique para ser um roupão. Quando MacQueen soube, em primeiro lugar, que a carta zelosamente queimada escapara, em parte, à destruição e que a palavra Armstrong viera à luz, comunicou naturalmente a notícia aos outros. Nessa circunstância, a posição da condessa Andrenyi tornou-se melindrosa e o conde tratou logo de alterar o passaporte. O segundo infortúnio! Cada um e todos resolveram negar que um parentesco qualquer os unisse à família Armstrong. Sabiam que eu não tinha meios para apurar imediatamente a verdade e não desconfiavam que eu pudesse adivinhar, sem que as minhas suspeitas fossem despertadas por uma determinada pessoa. Agora é preciso considerar outro ponto. Suponho que esta hipótese seja acertada (e eu creio que deve ser), o chefe do pessoal, evidentemente, era um dos conjurados. Porém, neste caso, teríamos treze pessoas em lugar de doze. Em vez da fórmula usual: "Dentre tantos, um é culpado" vi-me diante do problema de que dessas treze pessoas uma, e só uma, estava inocente. Qual? Cheguei assim a uma conclusão estranha. Compreendi que a única pessoa alheia ao crime era justamente a que mais parecia suspeita. Refiro-me à condessa

Andrenyi. Impressiono-me a seriedade com que o conde afirmara, sob palavra, que a esposa não deixara o camarote durante a noite. Daí concluí que, por assim dizer, ele tomara o lugar dela.

Logo, Pierre Michel era um dos doze. Como se explicava essa cumplicidade? Ele é um homem honrado, serve há muitos anos a Companhia e não se deixaria subornar, para favorecer um crime. Portanto, o chefe do pessoal devia estar também envolvido no caso Armstrong. Parecia, porém, pouco provável. Lembrei-me então de que a ama-seca era francesa. Suponhamos que a infeliz moça fosse filha de Pierre Michel. Isto explicaria tudo, inclusive o local escolhido para o crime. Quem mais havia, cuja participação no caso parecesse obscura? Considerei o Coronel Arbuthnot, um amigo de Armstrong.

Talvez fossem camaradas durante a guerra. Quanto a Hildegarde Schmidt, não me foi difícil descobrir o lugar que ocupava nessa casa. É provável que lhes pareça presunção, mas farejo instintivamente a boa cozinheira. Armei uma cilada... e ela caiu. Disse-lhe que devia ser boa cozinheira. "De fato; todas as minhas patroas o disseram", respondeu ela. Mas a quem é criada de quarto, raramente as patroas têm ocasião de descobrir talentos culinários. Restava Hardman. Parecia não pertencer à criadagem dos Armstrong. Pude apenas imaginar que fosse namorado da ama-seca francesa. Falei-lhe do encanto das mulheres estrangeiras, e obtive a reação que esperava. Os seus olhos encheram-se repentinamente de lágrimas e ele pretextou que a neve o deslumbrara.

Falemos agora de Mrs. Hubbard. Esta (deixem-me dizê-lo) desempenhou no drama o papel principal. Ocupando o camarote contíguo ao de Ratchett, estava mais do que qualquer outra pessoa exposta a suspeitas. Não tinha um álibi apresentável. Para personificar a mãe americana frívola, perfeitamente natural e um tanto ridícula, cumpria ser uma artista. E há, de fato, uma artista ligada ao caso Armstrong, a mãe de Mrs. Armstrong, Linda Arden, a grande atriz...

O detetive se calou.

Então, com uma voz rica, suave e sonhadora, bem diferente da que fizera ouvir todos esses dias, Mrs. Hubbard disse: – Foi sempre o meu maior desejo desempenhar papéis em comédias. A história da maleta de esponjas foi uma tolice – prosseguiu ela no mesmo tom. – Servia para o caso de o senhor reconstruir a cena. Ensaíamos, eu devia estar então num camarote de número par. Nunca imaginei que o ferrolho pudesse

ficar em lugar diferente. Endireitando-se levemente, a americana encarou o detetive.

– Adivinhou tudo, Monsieur Poirot. É um homem extraordinário! Não pode, contudo, imaginar o que foi essa tragédia, aquele dia horrível em Nova Iorque. Eu enlouquecia de dor, como os criados, o Coronel Arbuthnot também lá estava. Era o melhor amigo de John Armstrong.

– Ele salvou minha vida durante a guerra – atalhou Arbuthnot.

– Decidimos então... talvez estivéssemos loucos, não sei... que a sentença de morte a que Casseti escapara deveria ser executada. Éramos doze pessoas, ou melhor, onze... o pai de Susanne estava na França. A princípio, pensamos em incumbir a sorte de designar o executor da sentença. Depois, resolvemos proceder de outro modo. Foi Antônio, o motorista, quem o sugeriu. Mary combinou depois todos os pormenores com MacQueen. Ele adorava Sônia, a minha filha, e foi ele quem nos explicou como Casseti, mediante dinheiro, conseguira livrar-se do castigo que merecia. Gastamos muito tempo aperfeiçoando o nosso plano. Primeiro, cumpria descobrir o paradeiro de Ratchett. Hardman encarregou-se disso. Depois, tentamos empregar Masterman e Hector no lugar onde os encontrou, ao menos um deles. E conseguimos. Consultamos depois o pai de Susanne. O Coronel Arbuthnot insistia em que fôssemos doze. Julgava que assim tudo correria mais em ordem. Embora não lhe agradasse o punhal, compreendeu que isso resolveria muitas dificuldades. O pai de Susanne aderiu. Ela fora a sua única filha. Sabíamos, por Hector, que cedo ou tarde Ratchett regressaria do Oriente, pelo expresso. Sendo Pierre Michel funcionário desse trem, não nos convinha perder a ocasião. Aliás, isso evitaria que se acusassem outras pessoas. Naturalmente, o meu genro devia ser informado e insistiu em acompanhar-nos com a mulher. Hector conseguiu que Ratchett escolhesse, para a partida, o dia em que Michel estava de serviço. Tencionávamos ocupar todos os camarotes do vagão Istambul-Calais; mas infelizmente um deles estava reservado para o diretor da Companhia. Mr. Harris nunca existiu. Seria, porém, um desastre se Hector fosse obrigado a partilhar o camarote com um estranho. E, à última hora, chegou o senhor...

A americana interrompeu-se, e logo prosseguiu: – Sabe tudo agora, Monsieur Poirot. Que pretende fazer? Não poderia acusar somente a mim? Eu teria apunhalado doze vezes esse homem com a melhor

vontade, e não só porque causou a morte de minha filha, de minha neta, e da outra criaturinha que estaria agora viva e feliz. Há motivos mais graves. Outras crianças foram sacrificadas antes de minha neta, outras o seriam no futuro. A sociedade condenara Casseti, nós executamos apenas a sentença. Porém, não há necessidade de incluir todos nesse caso, todas estas almas boas e dedicadas, o pobre Michel... Mary e o coronel Arbuthnot... que se amam.

A voz de Linda Arden ecoava admiravelmente no salão... essa voz profunda, emotiva, que ia direto ao coração e comovera as plateias de Nova Iorque.

Poirot encarou o amigo.

– É o diretor da Companhia, Monsieur Bouc. Que diz a isso? Bouc pigarreou e respondeu: – Na minha opinião, Monsieur Poirot, a primeira hipótese que formulou é a mais acertada. Proponho que seja apresentada à polícia iugoslava. Concorda, doutor?

– Certamente – replicou Constantine. – Quanto ao relatório médico... desconfio... hum!... sim, creio que fiz uma ou duas observações sem fundamento.

– Então – concluiu Poirot – já que lhes expus a minha solução, tenho a honra de me retirar do caso...

FIM

Nota

* Referência à peça de Shakespeare *Assim É se lhe Parece*. (N. do E.)

Fonte arquivo .doc



Formatação .ePub



2013